

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

DEISE VIEIRA DOS SANTOS ALVES

**UMA INVESTIGAÇÃO FUNCIONALISTA DO MARCADOR DISCURSIVO *ENTÃO*
NO ESTABELECIMENTO DE RELAÇÕES RETÓRICAS EM ELOCUÇÕES
FORMAIS DO PORTUGUÊS**

MARINGÁ – PR
2013

DEISE VIEIRA DOS SANTOS ALVES

**UMA INVESTIGAÇÃO FUNCIONALISTA DO MARCADOR DISCURSIVO *ENTÃO*
NO ESTABELECIMENTO DE RELAÇÕES RETÓRICAS EM ELOCUÇÕES
FORMAIS DO PORTUGUÊS**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio

MARINGÁ
2013

DEISE VIEIRA DOS SANTOS ALVES

UMA INVESTIGAÇÃO FUNCIONALISTA DO MARCADOR DISCURSIVO ENTÃO NO ESTABELECIMENTO DE RELAÇÕES RETÓRICAS EM ELOCUÇÕES FORMAIS DO PORTUGUÊS.

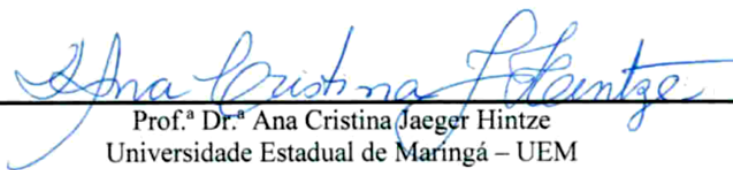
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em 25 de junho de 2013.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio
Universidade Estadual de Maringá – UEM
- Presidente -



Prof.ª Dr.ª Ana Cristina Jaeger Hintze
Universidade Estadual de Maringá – UEM



Prof.ª Dr.ª Maria Beatriz Nascimento Decat
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu refúgio e minha fortaleza, socorro bem presente na angústia;

Aos meus pais, que sempre sonharam com minhas conquistas, acreditando, muito mais do que eu, que eu as alcançaria, e que lutaram ao meu lado por cada uma delas;

Ao meu esposo, Gélison, meu grande amor, pela companhia, pela compreensão, pelo apoio e amor incondicional;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio, pela paciência, pela dedicação, por todos os valiosos ensinamentos e pelo exemplo de humildade e comprometimento;

Às professoras que participaram da banca, Profa. Dra. Ana Cristina Jaeger Hintze e Profa. Dra. Maria Beatriz Decat, pelas valiosas contribuições;

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Letras, em especial Profa. Dra. Ana Cristina Jaeger Hintze, Profa. Dra. Maria Regina Pante, Prof. Dra. Sônia Aparecida Lopes Benites e Prof. Dr. Renilson José Menegassi, pelos ensinamentos e conhecimentos compartilhados;

Aos funcionários do Programa de Pós-graduação em Letras, pela paciência e dedicação;

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela concessão da bolsa de estudos;

E a todos os amigos e familiares que oraram por mim, por me mostrarem o valor da amizade.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar os usos do marcador discursivo (MD) *então* no estabelecimento de relações retóricas em elocuições formais do português. A pesquisa foi fundamentada nos pressupostos funcionalistas da Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory - RST*), teoria descritiva que tem como objeto de estudo as relações que se estabelecem entre as partes do texto, e na Gramática Textual-Interativa. O *corpus* da pesquisa foi constituído por cinco aulas que fazem parte do banco de dados do Funcpar (Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/Noroeste do Paraná). As elocuições foram transcritas de acordo com o padrão estabelecido pelo NURC (Projeto da Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro) e segmentadas em unidades de entonação (CHAFE, 1987). Feita a análise do *corpus*, constatou-se que o MD *então* pode marcar unidades mais importantes de um tópico ou marcar sucessão, atuando no estabelecimento de diferentes relações retóricas. Ao marcar unidades mais importantes do tópico, o MD *então* atua no nível dos eventos (ideacional), sinalizando relações de elaboração, resultado ou contraste; no nível das proposições (informativo), sinalizando relações de conclusão, interpretação ou avaliação; no nível dos atos-de-fala (ação), sinalizando relações de preparação ou de motivação; no nível da estruturação tópica, sinalizando relações de retomada ou parentética. Quando indica sucessão, o *então* pode marcar sucessão de ideias, sinalizando a relação de sequência; sucessão de ações, sinalizando as relações de solução, resumo, reformulação ou reafirmação multinuclear. A pesquisa demonstrou que, embora o *então* seja considerado como um MD basicamente sequenciador (RISSO, 2006), ele também pode atuar no nível pragmático, estabelecendo a relação de preparação; na dinâmica de turnos, marcando perguntas e respostas por meio da relação de solução. Também observou-se que o MD *então* pode atuar tanto na micro quanto na macroestrutura textual.

Palavras-chave: *então*; marcador discursivo; relações retóricas; estrutura retórica.

ABSTRACT

This study aimed to investigate the performance of the discourse marker (DM) *então* in the establishment of relationships in formal speeches in Brazilian Portuguese. This research was based on functionalist assumptions of Rhetorical Structure Theory (RST), descriptive theory which aims to study the relationships established between parts of a text, and also on Textual-Interactive Grammar. The research *corpus* consisted of five formal utterances of the type classes of the Database of Funcpar (Functionalist Research Group of North/Northwest of Paraná). The formal utterances were transcribed according to the pattern established by NURC (Rio de Janeiro Oral Polite Norms Project) and segmented into intonation units (CHAFE, 1987). After the *corpus* analysis, it was ascertained that the DM *então* can sign more important units from a discursive topic or mark succession, acting in the establishment of different rhetorical relations. When the item marks important units from a topic, it can act in the ideational level, signaling elaboration, result and contrast relationships; in the propositional level, signaling conclusion, interpretation and evaluation relationships; in the speech-acts level, signaling preparation and motivation relationships; in topic structure level, signaling same-unit and parenthetical relationships. When the DM marks succession, it can mark idea succession, signaling sequence relationship; or action succession, signaling solutionhood, summary, restatement and multinuclear restatement. The research demonstrated that, although *então* is considered a basically sequencer DM, it can also act in the pragmatic level, establishing preparation relationship; and in the turn of talk dynamics, marking questions and answers by the solutionhood relationship. It was also observed that the DM *então* can act in the micro and macrostructure of the text.

Key words: *então*; discourse marker; rhetorical relations; rhetorical structure.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1.1: modelo de interação proposto por Dik..... | 18 |
| Figura 1.2: esquema das relações núcleo-satélite e multinucleares..... | 22 |
| Figura 2.1: tela do RSTTool – segmentação do texto | 43 |
| Figura 2.2: tela do RSTTool – elaboração do diagrama da estrutura retórica..... | 43 |
| Figura 3.1: diagrama com relação de elaboração na microestrutura | 49 |
| Figura 3.2: diagrama com relação de elaboração na microestrutura – MD introduz explicação | 50 |
| Figura 3.3: diagrama com relação de elaboração na microestrutura – MD introduz exemplo. | 50 |
| Figura 3.4: diagrama com relação de elaboração na microestrutura – MD introduz exemplo. | 51 |
| Figura 3.5: diagrama com relação de elaboração na macroestrutura – MD desenvolve tópico | 52 |
| Figura 3.6: diagrama com relação de resultado na microestrutura – MD introduz consequência | 53 |
| Figura 3.7: diagrama com relação de resultado na microestrutura – MD introduz consequência | 54 |
| Figura 3.8: diagrama com relação de resultado na microestrutura – MD introduz consequência | 54 |
| Figura 3.9: diagrama com relação de contraste na microestrutura | 55 |
| Figura 3.10: diagrama com relação de conclusão na microestrutura – MD introduz inferência | 57 |
| Figura 3.11: diagrama com relação de conclusão na microestrutura – MD introduz inferência | 57 |
| Figura 3.12: diagrama com relação de conclusão na microestrutura – MD introduz inferência | 58 |
| Figura 3.13: diagrama com relação de conclusão na macroestrutura – MD no fechamento de tópico..... | 59 |
| Figura 3.14: diagrama com relação de interpretação na microestrutura – MD introduz explicação..... | 60 |
| Figura 3.15: diagrama com relação de interpretação na microestrutura – MD introduz explicação..... | 61 |
| Figura 3.16: diagrama com relação de interpretação na microestrutura – MD introduz explicação..... | 61 |

| | |
|---|----|
| Figura 3.17: diagrama com relação de interpretação na microestrutura – MD introduz apreciação/julgamento..... | 62 |
| Figura 3.18: diagrama com relação de interpretação na microestrutura – MD introduz apreciação/julgamento..... | 63 |
| Figura 3.19: diagrama com relação de avaliação na microestrutura – MD introduz comentário avaliativo | 65 |
| Figura 3.20: diagrama com relação de avaliação na microestrutura – MD introduz comentário avaliativo | 65 |
| Figura 3.21: diagrama com relação de preparação na microestrutura – MD introduz pergunta retórica..... | 67 |
| Figura 3.22: diagrama com relação de preparação na microestrutura – MD introduz pergunta retórica..... | 68 |
| Figura 3.23: diagrama com relação de preparação na microestrutura – MD introduz pergunta retórica..... | 69 |
| Figura 3.24: diagrama com relação de preparação na macroestrutura – MD na abertura de tópico..... | 69 |
| Figura 3.25: diagrama com relação de preparação na macroestrutura – MD na abertura de tópico..... | 71 |
| Figura 3.26: diagrama com relação de motivação na microestrutura..... | 72 |
| Figura 3.27: diagrama com relação de motivação na microestrutura..... | 73 |
| Figura 3.28: diagrama com relação de motivação na macroestrutura | 74 |
| Figura 3.29: diagrama com relação de retomada na macroestrutura..... | 75 |
| Figura 3.30: diagrama com relação de retomada na macroestrutura..... | 76 |
| Figura 3.31: diagrama com relação de retomada na macroestrutura..... | 78 |
| Figura 3.32: diagrama com relação parentética na macroestrutura | 79 |
| Figura 3.33: diagrama com relação parentética na macroestrutura | 80 |
| Figura 3.34: diagrama com relação parentética na macroestrutura | 80 |
| Figura 3.35: diagrama com relação de sequência na microestrutura..... | 81 |
| Figura 3.36: diagrama com relação de sequência na microestrutura..... | 82 |
| Figura 3.37: diagrama com relação de solução na microestrutura | 83 |
| Figura 3.38: diagrama com relação de solução na microestrutura | 84 |
| Figura 3.39: diagrama com relação de resumo na microestrutura..... | 86 |
| Figura 3.40: diagrama com relação de resumo na microestrutura..... | 87 |
| Figura 3.41: diagrama com relação de resumo na microestrutura..... | 88 |

| | |
|--|----|
| Figura 3.42: diagrama da relação de resumo | 90 |
| Figura 3.43: diagrama com relação de resumo na macroestrutura – MD fecha tópico..... | 91 |
| Figura 3.44: diagrama com relação de reformulação na microestrutura – MD introduz paráfrase | 93 |
| Figura 3.45: diagrama com relação de reformulação na microestrutura – MD introduz paráfrase | 93 |
| Figura 3.46: diagrama com relação de reformulação na microestrutura – MD introduz paráfrase | 94 |
| Figura 3.47: diagrama com relação de reafirmação-multinuclear na microestrutura – MD introduz repetição | 95 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1.1: definição de uma relação núcleo-satélite..... | 25 |
| Quadro 1.2: definição de uma relação multinuclear..... | 25 |
| Quadro 2.1: esquema de parâmetros de análise do MD <i>então</i> | 45 |
| Quadro 3.1: definição da relação de elaboração..... | 48 |
| Quadro 3.2: definição da relação de resultado | 55 |
| Quadro 3.3: definição da relação de conclusão | 56 |
| Quadro 3.4: definição da relação de interpretação | 60 |
| Quadro 3.5: definição da relação de avaliação | 64 |
| Quadro 3.6: definição da relação de preparação..... | 66 |
| Quadro 3.7: definição da relação de motivação | 72 |
| Quadro 3.8: definição da relação de retomada | 77 |
| Quadro 3.9: definição da relação parentética | 79 |
| Quadro 3.10: definição da relação de sequência | 81 |
| Quadro 3.11: definição da relação de solução..... | 83 |
| Quadro 3.12: definição da relação de resumo | 85 |
| Quadro 3.13: definição da relação de reformulação | 92 |
| Quadro 3.14: definição da relação de reafirmação multinuclear | 95 |
| Quadro 3.15: frequência de ocorrência do MD <i>então</i> no <i>corpus</i> | 96 |
| Quadro 3.16: frequência dos tipos de relações retóricas encontradas no <i>corpus</i> | 96 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO..... | 13 |
| CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 16 |
| 1.1 o Funcionalismo em linguística | 16 |
| 1.2 A Teoria da Estrutura Retórica (RST) | 21 |
| 1.3 Gramática Textual-Interativa | 25 |
| 1.4 Marcadores discursivos (MDs) | 27 |
| 1.5 Estudos sobre o <i>então</i> | 34 |
| CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 42 |
| 2.1 Coleta e transcrição do <i>corpus</i> | 42 |
| 2.2 <i>Software</i> utilizado para a construção dos diagramas | 43 |
| 2.3 Considerações sobre o gênero elocução formal..... | 44 |
| 2.4 Parâmetros para a análise do MD <i>então</i> | 45 |
| CAPÍTULO III – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS | 47 |
| 3.1 Relações em que o MD <i>então</i> marca unidades mais importantes do tópico discursivo . | 47 |
| 3.1.1 No nível ideacional..... | 48 |
| 3.1.1.1 Relação de elaboração | 48 |
| 3.1.1.2 Relação de resultado | 52 |
| 3.1.1.3 Relação de contraste | 55 |
| 3.1.2 No nível das proposições..... | 56 |
| 3.1.2.1 Relação de conclusão..... | 56 |
| 3.1.2.2 Relação de interpretação..... | 59 |
| 3.1.2.3 Relação de avaliação | 64 |
| 3.1.3 No nível dos atos-de-fala..... | 66 |
| 3.1.3.1 Relação de preparação | 66 |
| 3.1.3.2 Relação de motivação | 72 |
| 3.1.4 No nível da estruturação tópica | 74 |

| | |
|---|-----|
| 3.1.4.1 Relação de retomada..... | 75 |
| 3.1.4.2 Relação parentética..... | 78 |
| 3.2 Relações em que o MDentão indica sucessão | 80 |
| 3.2.1 No nível das ideias..... | 81 |
| 3.2.1.1 Relação de sequência..... | 81 |
| 3.2.2 No nível das ações | 82 |
| 3.2.2.1 Relação de solução | 82 |
| 3.2.2.2 Relação de resumo..... | 84 |
| 3.2.2.3 Relação de reformulação | 92 |
| 3.2.2.4 Relação de reafirmação multinuclear | 94 |
| 3.3 Considerações gerais acerca da atuação do MDentão na estrutura retórica | 95 |
| CONCLUSÃO..... | 98 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 100 |
| ANEXO A | 104 |

INTRODUÇÃO

Há séculos, diversas teorias estudam a língua sob diferentes perspectivas. Algumas teorias têm ressaltado a importância do estudo da língua levando-se em consideração fatores pragmáticos, como as intenções do falante, buscando compreender a relação entre gramática e discurso (CUNHA, 2008). Uma dessas teorias é o Funcionalismo.

Para Pezatti (2004), o Funcionalismo parte do princípio de que toda explicação linguística deve ser buscada na linguagem em uso, o que torna obrigatória “a tarefa de explicar o fenômeno linguístico com base nas relações que, no contexto sócio-interacional, contraem falante, ouvinte e a pressuposta informação pragmática de ambos” (PEZATTI, 2004, p. 168).

Conforme Cunha (2008), a essência do Funcionalismo está na investigação de como o contexto de uso motiva as estruturas sintáticas, já que, para essa vertente teórica, “a língua não constitui um conhecimento autônomo, independente do comportamento social, ao contrário, reflete uma adaptação pelo falante às diferentes situações comunicativas” (CUNHA, 2008, p. 158).

Neves (1997) postula que a gramática funcional é aquela que procura explicar cada elemento da língua em relação a sua função no sistema linguístico total, a partir de dois pressupostos básicos: os itens de uma língua são multifuncionais e a unidade maior de sentido é o texto. Dessa forma, o estudo da língua deve partir da análise das sequências linguísticas, das partes que compõem o texto, buscando revelar os significados codificados por elas.

A Teoria da Estrutura Retórica, doravante RST, uma das vertentes do Funcionalismo, é uma teoria descritiva que busca caracterizar as relações que ocorrem no texto no nível discursivo, ou seja, as relações que se estabelecem entre as partes do texto. De acordo com essa teoria, além do conteúdo explícito veiculado pelas orações, há proposições implícitas que surgem a partir das relações que se estabelecem entre partes do texto, as chamadas relações retóricas ou proposições relacionais, que organizam o texto, dando-lhe coerência, e permitem que o autor atinja seus objetivos (MANN E THOMPSON, 1988).

Conforme Taboada (2009), as relações retóricas não apresentam necessariamente marcas linguísticas, já que a identificação delas baseia-se em critérios semânticos e funcionais que determinam o tipo de relação existente entre as porções do texto a partir do efeito produzido no receptor. Entretanto, o falante tem a opção de deixar marcas linguísticas que

indicam a relação existente. Essas marcas funcionam como “cue words”¹. Segundo a autora, marcadores discursivos como conjunções e preposições, pontuação, encaixamento sintático, tempo e modo podem sinalizar relações retóricas.

O foco deste trabalho é a atuação do marcador discursivo (doravante MD) *então* na sinalização de diferentes relações retóricas estabelecidas no discurso. O objetivo central do trabalho é propor uma investigação dessas relações, procurando estabelecer padrões de uso para o MD em elocuições formais. Objetiva-se especificamente analisar as características semânticas e pragmáticas desse MD, bem como a importância e a ligação delas com as relações retóricas marcadas pelo item. Busca-se também determinar em que nível da estrutura retórica dos textos ocorre cada relação. Espera-se, por meio desta pesquisa, ampliar os dados a respeito do MD *então*, contribuindo assim para descrição e caracterização desse item no português brasileiro falado.

Este estudo se justifica pela possibilidade de descrição dos usos de um item como o MD *então* a partir de uma teoria que trata das relações organizacionais sinalizadas por esse MD. Dessa forma, investiga-se um elemento além da sua classificação como advérbio pela Gramática Tradicional, levando-se em conta as funções que exerce sinalizando relações que conferem coerência ao texto.

Em termos de estrutura, o trabalho foi dividido em Introdução, Fundamentação teórica (capítulo I), Procedimentos metodológicos (capítulo II), Análise dos dados (capítulo III) e Conclusão.

O capítulo I apresenta os pressupostos que instrumentalizam a pesquisa: os pressupostos funcionalistas, a Teoria da Estrutura Retórica, a Gramática Textual-Interativa, os estudos acerca dos marcadores discursivos e uma breve revisão de alguns estudos já realizados a respeito do MD *então*.

O segundo capítulo descreve os procedimentos metodológicos da pesquisa. O capítulo está dividido em: coleta e transcrição do *corpus*, software utilizado para a construção dos diagramas, considerações sobre o gênero elocução formal e parâmetros para análise do MD *então*.

No capítulo III, são apresentadas a análise e a interpretação dos dados no que se refere à identificação do MD *então* e ao estudo de sua atuação no estabelecimento de relações retóricas. A análise é pautada em parâmetros estabelecidos com base em Risso (1996) e

¹Pistas, mecanismos de sinalização (tradução nossa)

Schiffrin (1992) quanto ao tipo de unidades relacionadas pelo item e seu nível de atuação, relacionando ideias, proposições ou atos-de-fala.

Por fim, apresentam-se as conclusões a que se chegou após a análise dos dados coletados.

O trabalho conta, ainda, com um Anexo, no qual são elencadas as normas para transcrição dos dados, baseadas nas normas do Projeto NURC (PRETI, 1993, p. 11-12).

CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, dividido em cinco seções, apresentam-se os pressupostos teóricos para esta pesquisa. Em primeiro lugar, são apresentados os fundamentos do Funcionalismo. A segunda seção apresenta os pressupostos da Teoria da Estrutura Retórica. A seguir, discutem-se alguns pressupostos básicos da Gramática Textual-Interativa, que instrumentalizam as análises feitas neste trabalho. O item seguinte lista algumas considerações de diferentes autores acerca dos marcadores discursivos. Por fim, a quinta seção apresenta um resumo dos diversos estudos feitos sobre o item *então*.

1.1 O Funcionalismo em linguística

O interesse por compreender os fenômenos linguísticos em contextos reais de uso levou à escolha não apenas de amostras da língua oral como *corpus*, como também dos pressupostos funcionalistas como base teórica e metodológica da presente pesquisa. O Funcionalismo é uma teoria linguística que estuda a relação entre a estrutura gramatical de uma língua e os diversos contextos comunicativos em que ela é usada (CUNHA, 2008).

Os princípios da gramática funcional, conforme descrevem Paveau e Sarfati (2006), já estavam presentes nos estudos de Mathesius e nas teses da Escola de Praga e tiveram continuidade nos trabalhos de autores como Simon Dik e Michael Halliday na Europa e Talmy Givón, Wallace Chafe, Sandra Thompson e Paul Hopper na América do Norte, dentre outros.

O Funcionalismo concebe a linguagem como um instrumento de interação social. Na teoria de Dik (1989), a interação social estabelecida pela linguagem é uma forma de atividade cooperativa estruturada. É estruturada no sentido de que é governada por regras, normas e convenções, e cooperativa porque precisa de, no mínimo, dois participantes para atingir seus objetivos.

Com base nessa concepção de linguagem e de interação, a teoria funcionalista investiga a relação entre estrutura gramatical e uso, nos mais diversos contextos, procurando compreender a motivação para as estruturas utilizadas. Conforme Cunha (2008), essa investigação se baseia na análise das regularidades observadas no uso e das condições discursivas em que se verificam tais fenômenos.

O Funcionalismo trabalha com dados provenientes do uso real da língua, tanto falada quanto escrita, e seu modelo de análise tem como base, segundo Cunha (2008), as propostas de que a língua desempenha funções externas ao sistema em si e que essas funções influenciam a organização interna do sistema. Para Butler (2003), o ponto de partida para se compreender o que caracteriza a gramática funcional é a visão de que a linguagem é antes de tudo um instrumento para comunicação e considerar esse fato é essencial para compreender porque as línguas são como são.

Foley e Van Valin (1984 *apud* VAN VALIN, 2002) observam que a comunicação, conforme a concepção funcionalista, não se restringe ao envio de informação proposicional, mas abrange inúmeros eventos de fala que permitem ao usuário da língua atingir seus objetivos sejam eles fazer uma pergunta, pedir algo ou reclamar.

O fato de a língua sofrer influência de fatores externos a ela traz à tona outro ponto de concordância entre os funcionalistas: a concepção de que a sintaxe não é autônoma em relação à semântica e à pragmática (BUTLER, 2005). Para Neves (1997), a consideração do uso das expressões linguísticas na interação verbal pressupõe uma “certa pragmatização do componente sintático-semântico do modelo lingüístico” (1997, p. 16).

O modelo de interação verbal apresentado por Dik (1989) em sua Gramática Funcional (FG) propõe que sintaxe, semântica e pragmática não podem ser tratadas como autônomas. Entretanto, para compreender o modelo proposto por Dik (1989), é necessário, primeiramente, entender o comportamento e as capacidades de um usuário de uma língua natural, doravante ULN, conforme descreve o mesmo autor. O ULN é dotado de inúmeras e complexas capacidades humanas que permitem a ele o uso comunicativo da linguagem. Dik (1989) enumera e descreve cinco capacidades que considera essenciais para a comunicação:

- Capacidade linguística: o ULN é capaz de produzir e interpretar corretamente uma grande variedade de expressões linguísticas de diferentes níveis de complexidade e em diversas situações de comunicação.
- Capacidade epistêmica: o ULN é capaz de construir, manter e explorar uma base de conhecimento organizada; pode construir conhecimento a partir da interpretação de expressões linguísticas, armazená-lo e utilizá-lo posteriormente na produção e interpretação de outras expressões.
- Capacidade lógica: o ULN é capaz de derivar porções de conhecimento a partir de porções adquiridas na interação, fazendo uso de princípios de dedução, probabilidade e lógica.

- Capacidade perceptual: o ULN é capaz de perceber o ambiente ao seu redor, derivar conhecimento a partir de suas percepções e utilizar esse conhecimento na produção e interpretação de expressões linguísticas.
- Capacidade social: o ULN não apenas sabe o que dizer, mas como dizer determinada expressão linguística a um interlocutor específico, numa situação específica, para atingir objetivos específicos na situação comunicativa da qual participa.

Munidos dessas complexas e importantes capacidades humanas, locutor e interlocutor são capazes de se comunicar satisfatoriamente, conforme o modelo criado por Dik (1989):

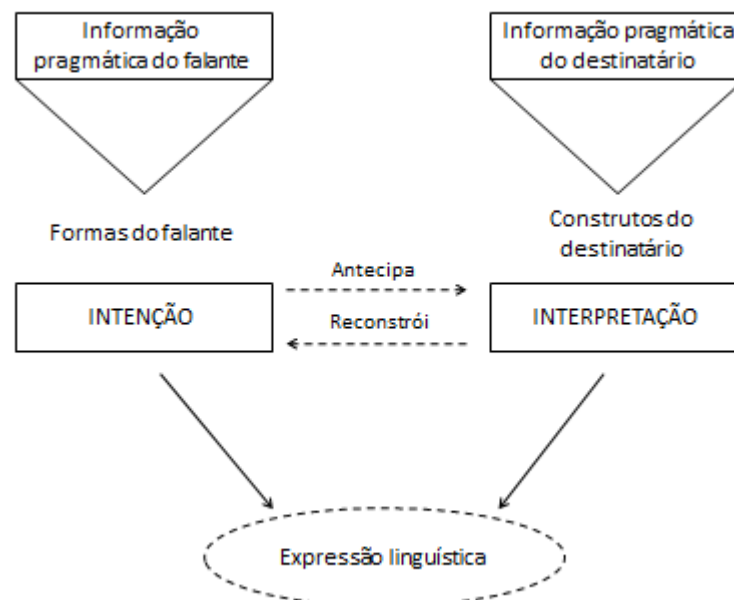


Figura 1.1: Modelo de interação proposto por Dik

Conforme Dik (1989), em qualquer estágio da interação verbal, falante e destinatário possuem uma imensa quantidade de informação pragmática, composta por conhecimento de mundo; conhecimentos derivados da percepção e das experiências vivenciadas pelos participantes da interação no momento em que ela acontece; informações contextuais, derivadas das expressões linguísticas trocadas entre os participantes. Grande parte dessas informações são normalmente partilhadas, mas há uma parte que está disponível para apenas um dos participantes. Ao dizer algo, o falante pretende causar alguma mudança nas informações pragmáticas do destinatário. Para isso, ele deve formar um plano mental (intenção) que o leve a atingir seu objetivo. O falante precisa formular a expressão que leve o

destinatário à modificação desejada. Ele ainda tentará antecipar a interpretação que o destinatário fará de sua expressão para garantir o sucesso de sua intenção.

O destinatário, por sua vez, ao interpretar a expressão linguística, tenta reconstruir a intenção do falante. Se a interpretação do destinatário não o levar à mudança pretendida pelo falante, terá havido um mal-entendido entre ambos, que poderá ser resolvido assim que detectado, por meio de uma discussão “metacomunicativa” a respeito da natureza das intenções do falante (DIK, 1989).

É importante ressaltar que a relação entre a intenção do falante e a interpretação do destinatário não é estabelecida pela expressão linguística, mas sim mediada por ela. Isso denota que a expressão linguística representa apenas uma parte do processo do qual fazem parte a informação pragmática do falante e do destinatário e o contexto de interação.

Com base na descrição desse modelo de interação de natureza funcionalista, constata-se a impossibilidade de se analisar a língua sem considerar a situação comunicativa em que ela ocorre. Para Dik (1989), há dois tipos de conjuntos de regras que regem a interação verbal: (1) as regras que governam a construção das expressões linguísticas (regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas) e (2) as regras que governam os padrões de interação verbal nas quais as expressões linguísticas são usadas (regras pragmáticas). As regras que governam as expressões linguísticas são vistas por Dik como instrumentais em relação aos propósitos do conjunto de regras que governam a interação.

As análises funcionais baseiam-se nos dois conjuntos de regras propostos por Dik. Essa integração dos componentes sintaxe, semântica (conjunto de regras 1) e pragmática (conjunto de regras 2) é uma das características principais das correntes que fazem parte do paradigma funcionalista (NEVES, 1997).

O estabelecimento da relação entre o sistema linguístico e as funções que assume no contexto comunicativo é uma característica da Gramática Sistemico-Funcional (SFG) de Halliday. Para o autor, a gramática é um mecanismo linguístico que liga as seleções feitas pelo falante, que derivam das várias funções, e as realiza de forma estruturada e organizada (HALLIDAY, 1973 apud NEVES, 1997).

Halliday estabelece três metafunções das quais derivam as diferentes redes sistêmicas que codificam diferentes tipos de significados na língua (MATTHIESSEN; HALLIDAY, 1997). A metafunção interpessoal está relacionada à interação entre falante e destinatário e os papéis sociais que desempenham na interação, mais especificamente aos recursos gramaticais utilizados pelo falante para interagir com o destinatário. O sistema de modo da oração é uma das principais formas de realização dessa metafunção.

A metafunção ideacional está relacionada aos recursos gramaticais utilizados pelo falante para interpretar suas experiências interiores e as resultantes do contato com o mundo ao seu redor. Um de seus principais sistemas gramaticais é a transitividade. As metafunções interpessoal e ideacional estão relacionadas a fenômenos externos à língua. A terceira metafunção, a textual, está relacionada a fenômenos criados pela própria linguagem. Esta metafunção trata da criação do texto, a partir da apresentação dos conteúdos interpessoal e ideacional, organizando-os em forma de informações que podem ser compartilhadas pelo falante e seu interlocutor na situação comunicativa. Segundo Matthiessen e Halliday (1997), a metafunção textual é responsável por “fornecer ao falante estratégias para orientar o ouvinte na interpretação do texto” (1997, p. 12, *tradução nossa*).

Além da integração dos componentes, outra característica une as teorias do polo funcionalista anteriormente citadas: o reconhecimento da importância da análise não apenas da frase, mas do discurso e sua relação com o contexto. Segundo Butler (2003), uma teoria que considera que a língua tenha função primordialmente comunicativa não deve restringir sua análise ao nível da sentença, já que, ao se comunicarem, os usuários de uma língua não utilizam frases isoladas, mas produzem, na interação verbal, um discurso multi-proposicional organizado em estruturas diversas como conversas, palestras, encontros, mais ou menos formais. Para o autor, o estudo da língua sob o ponto de vista da abordagem funcionalista implica na análise da “estrutura e função de textos inteiros em seus contextos de produção e recepção” (BUTLER, 2005, p. 9, *tradução nossa*).

Conforme Martelotta (2008), os estudos funcionalistas buscam desvendar as relações entre discurso e gramática, componentes inseparáveis:

Quando falamos, valemo-nos de uma gramática, ou seja, de um conjunto de procedimentos necessários para, através da utilização de elementos lingüísticos, produzirmos significados em situações reais de comunicação. Mas, ao adaptarmos esses procedimentos aos diferentes contextos de comunicação, podemos remodelar essa gramática, que, na prática, seria o resultado de um conjunto de princípios dinâmicos que se associam a rotinas cognitivas e interativas moldadas, mantidas e modificadas pelo uso. (MARTELOTTA, 2008, p. 63)

Nas palavras do mesmo autor, gramática e discurso estabelecem entre si uma relação simbiótica: unem-se, tornam-se um e dessa união ambos obtêm vantagem: “o discurso precisa de padrões da gramática para se processar, mas a gramática se alimenta do discurso, renovando para se adaptar às novas situações de interação” (MARTELOTTA, 2008, p. 63).

É importante ressaltar que o grau de importância dado ao discurso nas análises das diversas correntes funcionalistas varia (BUTLER, 2005). Neves (1997) aponta que uma maior consideração do componente discursivo na análise da estrutura pode ser ilustrada pelos estudos de Christian Matthiessen, William Mann e Sandra Thompson (MATTHIESSEN; THOMPSON, 1988; MANN; THOMPSON, 1988; MANN *et al.*, 1992) que deram origem à Teoria da Estrutura Retórica, a RST.

1.2 A Teoria da Estrutura Retórica (RST)

A RST é uma teoria pertencente ao paradigma funcionalista originada a partir de duas outras vertentes: a Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday (SFG) e as pesquisas funcionalistas realizadas na costa oeste dos Estados Unidos (ANTONIO, 2009). A SFG apresenta um amplo conceito de função que inclui desde funções de enunciados e de textos até funções de unidades dentro de uma estrutura. Defende a tese de que a linguagem e seu desenvolvimento devem ser estudados levando-se em conta os papéis sociais que os falantes desempenham (CUNHA, 2008). A SFG é considerada funcional porque estuda a língua em uso e sistêmica por ter uma concepção de língua como uma rede de opções à escolha do falante. O Funcionalismo da Costa-Oeste, originário nos Estados Unidos, não é uma teoria específica, mas um conjunto de pesquisas de vários autores como Talmy Givón, Paul Hopper, Wallace Chafe e Sandra Thompson, que têm em comum o estudo da língua em uso, da relação entre as estruturas gramaticais e as funções que elas desempenham nos diversos contextos comunicativos e de como a gramática pode ser influenciada pelo discurso (ANTONIO, 2009).

A RST é uma teoria descritiva que estuda a organização textual e as relações que se estabelecem entre as partes do texto. A RST parte do princípio de que, além do conteúdo proposicional explícito das orações em um texto, há proposições implícitas que se originam a partir de relações que se estabelecem entre porções do texto, chamadas *proposições relacionais* ou *relações retóricas*, que organizam desde a combinação de orações até a coerência dos textos (MATTHIESSEN; THOMPSON, 1988). Segundo os mesmos autores, todo texto pode ser descrito em termos de relações hierárquicas entre as suas várias partes e essas relações são definidas a partir das funções que cada segmento do texto desempenha para que o escritor ou falante possa atingir seus objetivos para com o seu destinatário.

De acordo com Mann e Thompson (1983), as proposições relacionais podem se estabelecer tanto entre duas orações quanto entre porções maiores do texto, atribuindo-

lhesunidade e permitindo que o autor atinja seus objetivos. Para Van Dijk (2004), esses segmentos maiores do texto trazem “a informação semântica que fornece unidade global ao discurso” (2004, p. 51) que compõe a macroestrutura do texto. As relações entre sentenças adjacentes ou proposições formariam a microestrutura. Por macroestrutura e microestrutura entende-se, neste trabalho, que o MD *então* atua, respectivamente, em nível global e em nível local. Em suma, as relações que dão origem às proposições relacionais ocorrem tanto na micro quanto na macroestrutura textual (TABOADA, 2009).

Matthiessen e Thompson (1988) afirmam que, dentre as relações que compõem a estrutura retórica de um texto, podem ser encontradas relações em que uma das partes é ancilar da outra, chamadas relações do tipo núcleo-satélite, e relações em que ambas as partes tem o mesmo estatuto, chamadas relações multinucleares. As relações núcleo-satélite são representadas, na análise, por um arco que vai da porção satélite à porção que funciona como núcleo. As relações multinucleares são representadas por duas linhas retas que se encontram, ligando uma porção nuclear à outra. Esses esquemas são demonstrados, respectivamente, na figura a seguir:

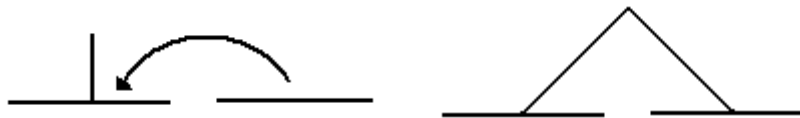


Figura 1.2: Esquema das relações núcleo-satélite e multinucleares (MANN, TABOADA, 2010)

As funções globais das relações são divididas em dois grupos (MANN; TABOADA, 2010):

- a) Relações que dizem respeito ao assunto, cujo efeito pretendido é o de que o leitor reconheça a relação em questão: elaboração, circunstância, solução, causa, resultado, propósito, condição, interpretação, meio, avaliação, reformulação, resumo, sequência, contraste. Estão relacionadas à semântica e correspondem à metafunção ideacional de Halliday;
- b) Relações que dizem respeito à apresentação, cujo efeito pretendido é aumentar a inclinação do enunciatário a aceitar, acreditar, concordar ou agir de acordo com o conteúdo do núcleo: motivação, antítese, fundo, competência, evidência, justificativa, concessão, preparação. Estão relacionadas à pragmática e correspondem à metafunção interpessoal.

Mann e Thompson (1988) estabeleceram um rol de aproximadamente 25 relações que dão origem às proposições relacionais. Entretanto, os autores afirmam que não se trata de um rol fechado, mas simplesmente de uma lista de relações suficientes para descrever satisfatoriamente um número variado de textos. Esta lista pode ser modificada e estendida para propósitos de análise de gêneros particulares e estilos culturais (MANN; THOMPSON, 1988).

Segundo Mann e Thompson (1988), a identificação das proposições relacionais existentes no texto depende de julgamentos feitos pelo analista. Sob o ponto de vista da RST, o analista tem acesso ao texto, tem conhecimento do contexto em que ele foi produzido e das convenções culturais do falante ou escritor e dos possíveis destinatários, mas não tem acesso nem ao produtor, nem aos possíveis destinatários. Por essa razão, os autores salientam que tais julgamentos são de plausibilidade. A identificação das relações não depende de sinais morfológicos e sintáticos, conforme Mann e Thompson (1988), mas apoia-se em critérios funcionais e semânticos. O analista busca identificar a função de cada porção de texto e verificar de que forma a relação estabelecida entre elas produz o efeito desejado nos possíveis destinatários. Para isso, há uma lista de condições que devem ser observadas no momento da análise: restrições sobre o núcleo e o satélite, ou sobre o par de núcleos (no caso das relações multinucleares), restrições sobre a combinação núcleo e satélite, e o efeito produzido por essa relação (MANN, TABOADA, 2010).

Além dessas condições a serem observadas, na estrutura do texto, a presença de marcas linguísticas que sinalizem as relações existentes entre as porções analisadas é uma questão de interesse para pesquisadores. Taboada (2006) explica que, embora as relações não precisem de marcas que as sinalizem no texto, as marcas são frequentemente utilizadas pelos falantes. A autora defende que todas as relações são marcadas de alguma forma, pois se os destinatários interpretam relações diversas com relativa facilidade, deve haver algum tipo de sinal que os guie na interpretação. O desafio para os pesquisadores, segundo a autora, é descobrir qual a pista, ou *cue word*, utilizada em cada caso particular (TABOADA, 2009).

Para Taboada (2009), existem vários tipos de “mecanismos de sinalização” de relações retóricas: morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. Sob o escopo da morfologia, o tempo verbal guia o leitor na interpretação de progressões e *flashbacks* no tempo. No âmbito da sintaxe, o modo da oração é um mecanismo que serve de guia para a interpretação do destinatário. Semanticamente, o significado do verbo pode apontar certas relações. Em relação à pragmática, a autora explica que alguns fenômenos (como a ironia)

podem estabelecer relações que não estejam explicitamente presentes no texto, mas que possam ser facilmente construídas na mente dos possíveis destinatários.

Dentre as várias estratégias de sinalização de relações, o que se pretende analisar neste trabalho é o caso do MD *então*. Segundo Taboada (2006), a coerência do discurso pode ser alcançada por meio de relações que mantêm unidas as diferentes partes do texto, as relações de coerência, ou relações retóricas, conforme nomenclatura da RST. Para a autora, o reconhecimento dessas relações pelo destinatário é o que o permite atribuir coerência a um texto e interpretá-lo, e os marcadores discursivos auxiliam-no nesse processo.

Para a RST, o primeiro passo na análise do texto é dividi-lo em *text spans*². Essas unidades não têm tamanho fixo e podem ser compostas por orações, parágrafos ou até porções maiores de texto. Entretanto, as orações completivas e as adjetivas restritivas não são separadas na análise por serem consideradas parte da oração principal, não possuindo integridade funcional independente. O próximo passo é identificar as relações a partir de suas definições. As relações do tipo núcleo-satélite são definidas com base em quatro condições:

1. Restrições sobre o núcleo;
2. Restrições sobre o satélite;
3. Restrições sobre a combinação entre núcleo e satélite;
4. O efeito pretendido pelo falante ao utilizar a relação.

Para as relações multinucleares existem duas condições a serem observadas:

1. Restrições sobre a combinação dos núcleos;
2. O efeito pretendido pelo falante ao utilizar a relação.

Para cada relação, de núcleo-satélite ou multinuclear, há, então, um quadro contendo essas condições pré-estabelecidas, que orientam o pesquisador no momento da análise, como nos exemplos a seguir:

²Porções de texto (tradução nossa)

| Definição de uma relação núcleo-satélite | | | |
|---|--|---|----------------------------|
| Nome da relação | Restrições sobre satélite (S) ou núcleo(N), individualmente | Restrições sobre N + S | Intenção do Falante (F) |
| Evidência | em N: Destinatário (D) pode não acreditar em N a um nível considerado por F como sendo satisfatório em S: D acredita em S ou considera-o crível | A compreensão de S por D aumenta a crença de D em N | A crença de D em N aumenta |

Quadro 1.1: Definição de uma relação núcleo-satélite. (MANN, TABOADA, 2010)

| Definição de uma relação multinuclear | | |
|--|--|--|
| Nome da relação | Restrições sobre cada par de N | Intenção de F |
| Contraste | Nunca mais de dois núcleos; as situações nestes dois núcleos são (a) compreendidas como sendo as mesmas em vários aspectos (b) compreendidas como sendo diferentes em alguns aspectos, e (c) comparadas em termos de uma ou mais destas diferenças | D reconhece a possibilidade de comparação e a(s) diferença(s) suscitadas pela comparação realizada |

Quadro 1.2: Definição de uma relação multinuclear. (MANN, TABOADA, 2010)

Por se tratar de uma pesquisa que tem como objeto de estudo a língua falada, além dos pressupostos funcionalistas e da RST, faz-se necessário apresentar alguns conceitos básicos da Gramática Textual Interativa que apoiam as análises do *corpus*.

1.3 Gramática Textual-Interativa

A Gramática Textual-Interativa (GTI) se baseia na concepção de linguagem como forma de interação contextualizada. Por conseguinte, tem como objeto de análise o texto falado, em um contexto sócio-comunicativo. Seu objetivo principal é a busca pela compreensão dos fenômenos linguísticos a partir do estudo da língua na sua modalidade oral em diferentes contextos de uso (JUBRAN, 2006a).

A GTI tem como princípios teóricos e de análise os pressupostos da Pragmática, da Linguística Textual e da Análise da Conversação. Esses princípios se articulam e contribuem para a construção de uma descrição do sistema textual que, conforme Jubran (2006a), tem a “particularidade de apontar regularidades, no texto falado, mais relacionadas ao processamento de estruturas” (2006a, p. 31), a partir da análise das recorrências de diferentes procedimentos em diferentes contextos e de suas funções específicas.

Para a GTI, os fenômenos linguísticos têm funções variadas que coexistem e contribuem tanto para a organização textual quanto para a interação. Dessa forma, a dicotomia função textual - função interacional, na GTI, forma um contínuo em que, dependendo do contexto de uso, uma sobressai em relação a outra, sem substituí-la ou apagá-la por completo.

A unidade básica de análise da GTI na investigação dos fenômenos linguísticos é o tópico discursivo. Jubran (2006a) define a topicalidade como um processo constitutivo do texto e, portanto, a definição de tópico discursivo deve abranger todos os gêneros de texto em ambas as modalidades da língua, oral e escrita.

A autora postula que o tópico discursivo é uma categoria abstrata e analítica que pressupõe duas propriedades fundamentais: a centração e a organicidade. A centração abrange os traços de (i) concernência, “relação de interdependência entre elementos textuais, firmada por elementos coesivos de sequenciação e referenciação, que promovem a integração desses elementos em um conjunto referencial” (JUBRAN, 2006b, p. 35); (ii) relevância, que se refere à proeminência desses elementos textuais, resultante da posição focal que eles ocupam no processo interativo; e (iii) pontualização, que se refere à localização desses elementos focalizados em determinado ponto do texto.

Em relação à segunda propriedade fundamental do tópico discursivo, a autora afirma que

a organicidade é manifestada por relações de interdependência tópica que se estabelecem simultaneamente em dois planos: no plano hierárquico, vertical, conforme as dependências de super ou subordenação entre tópicos que se implicam pelo grau de abrangência com que são tratados na interlocução; no plano linear, de acordo com as articulações intertópicas em termos de adjacência ou interposições de tópicos na linha do discurso. (JUBRAN, 2006b, p. 36)

Conforme a autora, no plano linear, estabelece-se a organização sequencial dos tópicos discursivos. Jubran (2006b) ainda ressalta que essa sequencialidade pode ser interrompida, expandida ou ainda sofrer cortes. Já no plano hierárquico, as porções textuais são agrupadas e organizadas em tópicos e subtópicos, conforme a abrangência ou particularidade do conteúdo do tópico. Os tópicos mais abrangentes são chamados supertópicos, os mais particularizadores, dependentes e inseridos no interior dos supertópicos, são chamados subtópicos, que por sua vez também podem ser divididos em tópicos menores. O agrupamento de tópicos interdependentes forma quadros tópicos.

Os quadros tópicos podem ser formados em qualquer nível hierárquico da estrutura textual. Isso faz que o estatuto de subtópico e supertópico seja relativo. Dependendo do nível

sob análise, uma determinada porção pode ser supertópico ou subtópico em relação ao restante do texto.

Jubran (2006b) ainda destaca que é possível encontrar marcas linguísticas que evidenciam a estruturação tópica de um texto. Essas marcas desempenham papéis importantes na abertura, no encaminhamento e fechamento de tópicos, tanto no plano intratópico, quanto no plano intertópico. Dentre as marcas linguísticas mencionadas pela autora estão os MDs basicamente sequenciadores, dentre os quais encontra-se o item em análise no presente trabalho: o *então*.

1.4 Marcadores discursivos (MDs)

Segundo Risso *et al.* (2006), dentre todos os mecanismos usados na organização textual-interativa da fala, os marcadores discursivos (MDs) merecem especial atenção. Conforme Taboada (2006), os MDs são tão frequentes quanto difíceis de definir. Isso porque eles constituem um amplo e diversificado grupo de elementos que abrange desde sons não lexicalizados até sintagmas mais desenvolvidos (RISSO *et al.*, 2006). Assim como o próprio grupo dos MDs, também são numerosos os autores que buscam definir e explicar o funcionamento desses elementos. Para melhor compreender esse útil e frequente recurso textual-interativo, apresenta-se a seguir um breve resumo das mais importantes teorias elaboradas por pesquisadores brasileiros e por pesquisadores estrangeiros a respeito dos MDs.

Schiffrin (1992) define os marcadores como elementos sequencialmente dependentes, responsáveis por ligar unidades de conversação. Os MDs, conforme a autora, são independentes da estrutura sintática das orações, mas dependentes da estrutura sequencial do discurso, uma característica relevante para uma unidade que tem a responsabilidade de atuar na construção e manutenção da coerência no texto.

Schiffrin afirma que os MDs têm funções locais — conectar e relacionar conteúdos proposicionais — e globais — determinar a estrutura de troca de turnos conversacionais. Cada uma dessas funções contribui para um tipo de coerência que pode ser mais bem compreendido com base no modelo de discurso elaborado pela autora. Nesse modelo, dividido em cinco planos distintos, cada plano organiza-se sob um tipo específico de coerência que é realizada através dos MDs. Cada MD exerce sua função em um desses planos, conectando e relacionando ideias, participantes da situação comunicativa, proposições e informações:

- **Estrutura de Troca:** reflete os mecanismos do intercâmbio conversacional e mostra os resultados do processo de troca de turnos conversacionais e como os turnos são relacionados entre si;
- **Estrutura de Ação:** reflete a sequência de atos de fala que ocorre no discurso;
- **Estrutura Ideacional:** reflete certas relações entre as ideias (proposições) encontradas no discurso, incluindo relações coesivas, relações tópicas e relações funcionais;
- **Esquema de Participação:** reflete o modo como falantes e ouvintes podem se relacionar entre si e com o enunciado;
- **Estado da Informação:** reflete a organização e o gerenciamento do conhecimento e do metac conhecimento envolvidos no processamento do discurso.

Redeker (1990; 1991 *apud* FRASER, 1999), posteriormente, ao revisar alguns aspectos da teoria de Schiffrin, propõe um novo modelo de discurso composto por três componentes. A autora reorganiza as funções descritas por Schiffrin em apenas três elementos. Conforme Redeker, as unidades do discurso se organizam e se relacionam:

- **Ideacionalmente:** relacionando o falante com o mundo que o discurso descreve, expressando sequência temporal, elaboração, causa, consequência;
- **Retoricamente:** quando o foco está sob as intenções ilocucionárias que as proposições veiculam, relacionando falante e destinatário, expressando antítese, concessão, evidência, justificativa, conclusão;
- **Sequencialmente:** relacionando unidades do discurso, paratática (transição entre partes ou tópicos) ou hipotaticamente (que conduzem para dentro ou fora de um comentário, de uma correção, de uma paráfrase, de uma digressão ou de uma interrupção).

Segundo Redeker, duas unidades do discurso estão relacionadas ideacionalmente, retoricamente e sequencialmente. Entretanto, um desses componentes é predominante sugerindo o tipo de ligação mais relevante entre os enunciados em um determinado contexto. Para a autora, os MDs têm a função de marcar, sinalizar a relevante relação já existente no discurso.

Em relação à função sinalizadora dos MDs, Schiffrin, assim como Redeker, explica que, embora um marcador possa ser capaz de, a partir de seu significado, selecionar um determinado número de potenciais relações implícitas, na verdade, a relação já está presente

de forma clara entre as unidades de conversação. Portanto, o marcador tem a função de mostrar, mais do que de estabelecer relações.

Outro trabalho de significativa importância para a definição dos MDs é o de Fraser (1999). O autor estuda os MDs sob a perspectiva pragmática e os define como expressões linguísticas que têm um significado essencial que pode ser enriquecido pelo contexto e sinaliza a relação pretendida pelo falante entre o enunciado introduzido pelo MD e o enunciado precedente.

O autor defende que, devido à existência de um significado essencial para cada MD, os marcadores não apenas apontam uma relação, mas sim impõem sobre o enunciado que introduzem certa gama de significados que, aliada à interpretação do outro enunciado do par, produzem sentido e coerência. Fraser explica que, embora possam ser excluídos sem causar nenhum prejuízo em relação ao conteúdo proposicional, a ausência do MD deixa o destinatário sem a pista “lexical” para a interpretação da relação existente entre os enunciados.

Fraser (1999) divide os MDs em duas classes principais: MDs que relacionam mensagens e MDs que relacionam tópicos. O primeiro grupo está relacionado ao conteúdo proposicional e o segundo ao domínio epistêmico e aos atos de fala.

Taboada (2004; 2006; 2009), cujo foco de estudos se encontra voltado para as relações de coerência que se estabelecem no discurso, destaca a importância da função dos MDs em guiar o destinatário no reconhecimento dessas relações e elenca uma série de elementos que considera fazer parte desse heterogêneo grupo. De forma progressiva, sua definição de MD se expande à medida que a autora se dedica ao estudo da coerência. Sua primeira e limitada definição considerava apenas conectivos e conjunções subordinativas (TABOADA, 2004). Posteriormente (TABOADA, 2006), passou a considerar pontuação, finitude verbal e ordem de segmentos. Por fim, a autora estabelece uma ampla definição de MD, considerando qualquer conjunção, advérbio, locução adverbial ou outro tipo de expressão que frequentemente liga duas ou mais unidades do discurso, considerando inclusive entonação, gestos e pausas, na língua falada (TABOADA, 2009).

É importante ressaltar que a definição proposta por Taboada (2009), devido a sua amplitude, difere muito das definições de outros pesquisadores da classe dos MDs, que são mais restritos quanto ao que consideram ser MD. Para esta pesquisa, a definição utilizada como base para a identificação do *então* será mais restrita, como as definições propostas por Risso (1996) e Schiffrin (1992).

No Brasil, um dos pioneiros no estudo dos MDs é Marcuschi (2003). Embora tenha dado o nome de marcadores conversacionais, as unidades estudadas pelo autor correspondem aos MDs. Conforme Marcuschi (2003), os marcadores conversacionais (MCs) são elementos que ligam unidades comunicativas, orientam falantes entre si e operam como iniciadores, finalizadores ou na troca de turnos e na mudança de tópico. Do ponto de vista informacional, os MCs não contribuem para o desenvolvimento do tópico com informações novas, mas situam-no no contexto da conversação.

Marcuschi divide os MCs em três grupos: os verbais, incluindo os não lexicalizados, como *aham*, *ué*; os não verbais, ou paralinguísticos, como gestos e olhares; e os suprasegmentais, de natureza linguística, mas não verbal, como pausas e entonação. Para o autor, cada um dos MCs desempenha funções sintáticas e conversacionais. Em relação às funções sintáticas, atuam na delimitação, segmentação e encadeamento de enunciados. As funções conversacionais correspondem às ações e aos sinais produzidos pelos falantes e ouvintes durante a conversação visando tomar, sustentar ou retomar o turno, dar tempo à organização do enunciado, monitorar o ouvinte.

Após a breve descrição das diferentes abordagens a respeito dos MDs, é possível elencar alguns pontos em comum quanto à definição desses elementos. A primeira característica comum a todas as abordagens é a natureza conectiva e relacional dos MDs. Outra importante característica descrita por todos os autores diz respeito às funções exercidas pelos MDs no discurso. Os autores elaboram diferentes divisões e nomenclaturas. Entretanto, é possível, com base na concepção de linguagem de Halliday (1994), organizar as diversas funções dos MDs em dois grandes grupos: aquele formado por MDs que têm como foco a informação proposicional e a organização sequencial das unidades do discurso, que estão diretamente relacionados às metafunções ideacional e textual de Halliday; e aquele formado por MDs que têm como foco as relações entre falantes, e cujo objetivo é atuar no processo de interação, possibilitando que os participantes desse processo ajam um sobre o outro, diretamente relacionado à metafunção interpessoal.

Essa divisão funcional dos MDs também norteia o trabalho de Risso (1996; RISSO *et. al.* 2006), que fornece uma descrição pormenorizada desse grupo heterogêneo. A autora divide os marcadores em dois grandes grupos: os marcadores basicamente sequenciais e os basicamente interacionais. O termo “basicamente” usado pela autora reflete sua posição em relação à multifuncionalidade dos MDs, característica também comum às várias abordagens sobre esses elementos. Risso afirma que os MDs devem ser considerados multifuncionais

porque, como todo mecanismo com estatuto textual, cumprem a função de orientar a interação, o que os difere é o grau de orientação que apresentam.

Segundo Risso *et al.* (2006),

Os MDs operam no plano da atividade enunciativa e não no plano do conteúdo. Entretanto, asseguram a ancoragem pragmática desse conteúdo, ao definirem, entre outros pontos, a força ilocutória com que ele pode ser tomado, as atitudes assumidas em relação a ele, a checagem de atenção do ouvinte para a mensagem transmitida, a orientação que o falante imprime à natureza do elo sequencial entre os elementos textuais. [...] Nessa qualidade, estabelecem-se como embebedores dos enunciados com as condições da enunciação, apontando para as instâncias produtoras do discurso e definindo a relação dessas instâncias com a estruturação textual-interativa. (RISSO *et al.*, 2006, p. 424)

Por se tratar de uma classe muito diversificada, a tarefa de identificar e definir os MDs torna-se complexa. Na tentativa de estabelecer traços identificadores básicos dos MDs, Risso *et al.* (2006) analisaram um extenso *corpus* composto por unidades normalmente apontadas como MDs, tendo como base as seguintes variáveis:

1. Padrão de recorrência;
2. Articulação de segmentos do discurso;
3. Orientação da interação;
4. Relação com o conteúdo proposicional;
5. Transparência semântica;
6. Apresentação formal;
7. Relação sintática com a estrutura gramatical da oração;
8. Demarcação prosódica;
9. Autonomia comunicativa;
10. Massa fônica.

Os possíveis marcadores foram analisados em relação às variáveis estabelecidas. A forma e a frequência com que as ocorrências preencheram os traços de cada variável determinaram a criação de um conjunto de características que definem os MDs.

Em relação à primeira variável, o padrão de recorrência, as pesquisas constataram que a alta frequência e recorrência dos elementos considerados MDs é um forte traço definidor da classe.

Já em relação à articulação de segmentos do discurso, variável 2, os dados resultantes demonstram que os MDs dividem-se entre elementos sequenciadores tópicos, que estabelecem aberturas, encaminhamentos, retomadas e fechados de tópicos, e elementos não sequenciadores, que não desempenham qualquer papel sequenciador no âmbito da frase ou tópico.

No que se refere à variável 3, a orientação da interação, a pesquisa parte do pressuposto de que os MDs, como todo e qualquer recurso com estatuto textual, cumprem uma função orientadora da interação, em maior ou menor grau. O cruzamento das variáveis 2 e 3 revelou que os MDs sequenciadores tópicos são fragilmente ou secundariamente orientadores da interação. Os MDs não sequenciadores, por sua vez, são basicamente orientadores da interação. Esses resultados levaram os pesquisadores a dividirem os MDs quanto às suas funções gerais em dois grupos: os basicamente sequenciadores e os basicamente interacionais.

A análise da variável que trata da relação dos MDs com o conteúdo proposicional revelou uma alta frequência de unidades exteriores ao conteúdo proposicional dos enunciados aos quais elas estão relacionadas.

A variável 5 trata da transparência semântica. Os resultados obtidos após a análise dessa variável demonstram que o conteúdo gramatical ou lexical dos elementos considerados MDs passa por um processo de “acomodação semântica” (RISSO *et al.*, 2006, p. 411). De acordo com os autores,

a observação da significação veiculada por boa parte das unidades pesquisadas mostra que elas são, em geral, portadoras de uma significação canalizada para a sinalização de relações dentro do espaço discursivo, sem prejuízo total de aspectos da referência denotativa, em alguns casos. (RISSO *et al.*, 2006, p. 410)

Como resultado dessa acomodação semântica, o significado dos MDs pode corresponder a uma adaptação ou desdobramento do significado gramatical, no caso de preposições, conjunções e advérbios, ou uma reaplicação do significado lexical, no caso dos verbos, substantivos e adjetivos.

A variável apresentação formal trata da existência e frequência de formas variantes dos MDs. Os resultados obtidos com a análise dessa variante comprovam que os MDs são, em geral, cristalizações utilizadas de forma automática no discurso pelos falantes.

A análise da relação sintática dos MDs com a estrutura oracional comprova que os MDs, em sua grande maioria, não são dependentes sintaticamente da estrutura da oração com a qual se relacionam.

Em relação à demarcação prosódica, a análise demonstra que a manifestação de pauta prosódica demarcativa, como rebaixamento de tom de voz, grupos fonéticos demarcados e outros elementos prosódicos, representa um forte traço definidor do estatuto dos MDs.

A investigação da variável autonomia comunicativa resultou na constatação de que os MDs são, conforme o padrão estabelecido após a análise das ocorrências, “unidades comunicativamente não-autônomas, ou seja, não portadoras de um conteúdo proposicional em si próprias” (RISSO *et al.*, 2006, p. 413).

A última variável estabelecida pelos pesquisadores, a massa fônica, trata do número de sílabas tônicas das unidades investigadas. A análise comprova a predominância acentuada de formas curtas, de até três sílabas. Sendo assim, a massa fônica reduzida é considerada por RISSO *et al.* (2006) um forte traço definidor da classe dos MDs.

Após a análise das variáveis, com base na frequência e regularidade dos dados encontrados, foram estabelecidos os traços fortemente aplicáveis aos MDs. Os pesquisadores constataram, porém, que nem todos os MDs apresentam a combinação de todos os traços distintivos. Segundo RISSO *et al.* (2006, p. 416), “há oscilações nas combinatórias de traços. A flexibilidade de combinações se dá, entretanto, dentro de uma certa margem, segundo determinados padrões de prototipicidade”.

Dentre todos os padrões possíveis, há traços que se mantêm estáveis: a exterioridade em relação ao conteúdo proposicional; a independência sintática; a falta de auto-suficiência comunicativa e a combinação dos traços articulação tópica e orientação interacional fraca ou média ou não-articulação tópica e orientação interacional forte, que divide a classe dos MDs em dois grandes grupos, marcadores discursivos basicamente sequenciadores e marcadores discursivos basicamente interacionais.

O grupo que interessa a este trabalho é o dos MDs basicamente sequenciadores, do qual fazem parte palavras e locuções “envolvidas no amarramento textual das porções de informação progressivamente liberadas ao longo do evento comunicativo e, simultaneamente, no encaminhamento de perspectivas assumidas em relação ao assunto, no ato interacional” (RISSO, 2006, p. 427). Dentre os MDs que fazem parte desse grupo, está o foco deste trabalho: o MD *então*.

1.5 Estudos sobre o *então*

O item em análise neste trabalho é considerado multifuncional pelos pesquisadores, pois o contexto de uso possibilita que ele assuma as funções de advérbio ou de MD. Portanto, há de se considerar e mencionar as diferentes descrições e classificações dadas ao elemento *então* sob as perspectivas de diferentes vertentes linguísticas.

Bechara (2004), ao tratar das conjunções coordenativas, enfatiza que, tendo em vista que certos advérbios podem exercer funções articulatórias e discursivas no âmbito textual, a tradição gramatical tem incluído o advérbio *então* no grupo das conjunções coordenativas, classificando-o como conjunção conclusiva. O autor, entretanto, dá a esse tipo de advérbio a denominação de advérbio textual ou discursivo.

Sapata (2005), que estuda o *então* sob a perspectiva da semântica argumentativa e da linguística textual, define esse elemento como articulador e explica que esse juntor está em processo de gramaticalização rumo a tornar-se uma conjunção conclusiva.

Neves (2000), sob a perspectiva funcionalista, define os advérbios que operam conjunção de orações como advérbios juntivos. A autora explica que esses elementos têm valor anafórico, isto é, referem-se a uma porção anterior, estabelecendo relações lógico-semânticas entre a porção anterior e a porção na qual está inserido. Neves também postula que esse itens têm apresentado um comportamento cada vez mais próximo das conjunções coordenativas, o que demonstra que estão em processo de gramaticalização.

Além de Sapata (2005) e Neves (2000), Martelotta e Silva (1996) também definem o elemento *então* como um advérbio gramaticalizando-se rumo à junção de orações. Os autores ainda afirmam que, por não estabelecer apenas a conexão de orações, mas por possuir funções pragmático-discursivas, a denominação adequada para o item é a de operador argumentativo.

Martelotta e Silva (1996) estabelecem sete funções para o MD *então*: anafórico temporal, sequencial temporal, conclusivo, alternativo, resumitivo, intensificador e introdutor de informações livres. Em cada uma dessas funções, a relação semântico-discursiva que se estabelece entre as porções conectadas pelo item é diferente.

O elemento *então* é considerado um marcador discursivo basicamente sequenciador por Risso (2006). A autora (1996) descreve esse tipo de MD como uma unidade sequenciadora comprometida diretamente com “o estabelecimento das relações coesivas entre partes do texto, mediante o processamento de aberturas, encaminhamentos, retomadas e fechos de tópicos” (RISSO, 1996, p.423). Trata-se de um articulador de partes do texto que, conforme Risso (1996), é capaz de se mover com flexibilidade da frase ao texto, o que torna

possível atribuir ao item diferentes classificações. A autora afirma que entre as diversas formas de atuação do elemento *então* registram-se elos sintático-semânticos que nos permitem considerar a existência de um contínuo entre a conjunção ou o advérbio na frase e o articulador no âmbito das relações textual-interativas. A autora destaca ainda que, no âmbito das relações textuais, há a possibilidade de aquisição de novos valores semântico-pragmáticos para o item que vão além da articulação.

Ao descrever a multifuncionalidade do *então*, Risso (2006) examina primeiramente o uso do item no âmbito frástico e descreve sua evolução em relação à agregação de novas funções à medida que ele transcende os limites das atribuições de um advérbio para finalmente tratar da funcionalidade do elemento no âmbito das relações textuais e interativas.

No âmbito frástico, Risso (2006) destaca a existência de uma dupla tendência estabilizadora no uso do item *então*: o uso em estruturas sintático-semânticas de nítida expressão temporal, não necessariamente presa à noção de pretérito, e o uso frequente para expressar dependência lógico-semântica de decorrência, conclusão ou resultado entre fatos e argumentos dentro da proposição. A autora constata que, em ambos os casos, há um direcionamento do elemento *então* para a passagem de advérbio a conector frasal.

Em relação a essa dupla tendência de uso do MD proposta por Risso, é importante destacar que, segundo Pante e Hintze (2008), esse processo de gramaticalização já vinha ocorrendo em sincronias anteriores do português. A pesquisa das autoras acerca do uso do *então* em textos do século XVI, XVII e XX, revela a coexistência de traços mais e menos prototípicos nas três sincronias do *corpus* analisado.

Quando usado na indicação de tempo, as análises de Risso (2006) comprovam que essa indicação transcende os limites da frase, levando o destinatário a retroceder no discurso em busca de um momento referido anteriormente pelo locutor. Assim, ao deixar de ser simplesmente determinante do verbo ou do substantivo para relacionar-se com outras porções de texto além da frase em que se encontra, o advérbio dá o primeiro passo em direção à instalação de uma função conectiva ou conjuntiva.

O primeiro desdobramento sofrido pelo advérbio *então* no polo da representação temporal rumo à função conectiva diz respeito ao seu uso como elo sequencial entre orações encadeadas, organizadas numa sequência cronológica. O uso do *então* nesse tipo de construção confere a ele a função de estabelecer uma relação conjuntiva que configura linearidade temporal entre as orações às quais está ligado. Sob essas condições, o item assume a função de advérbio conjunto (QUIRK *et al.*, 1985 *apud* RISSO, 2006), conferindo ao enunciado uma direção continuativa e, ao mesmo tempo, devido à sua função anafórica,

suscitando uma leitura para trás para que se possa perceber e compreender a cadeia de ações estabelecida ao longo da sequência de orações, como se pode notar no exemplo (1), amostra retirada do *corpus* deste trabalho, definida por Garcia (1967 *apud* RISSO, 2006) como *frases de arrastão*, grupos de orações independentes que se ligam umas às outras seguindo uma ordem icônica, ou seja, ordenação que explicita a correlação natural entre a expressão e o conteúdo informacional:

(1) .. **então** vamos dividir,
 .. por quatro,
 .. **então** deu cem pra cada um,
 .. **então** cada um vai ficar com o seu.

A relação sequencial estabelecida pelo *então*, conforme Risso (2006), pode também ocorrer simultaneamente a uma relação de causa e efeito denotando ações motivadas entre si. Segundo a autora, o item *então*, nesse caso, funciona como “uma alavanca que se apoia no que foi dito, para uma espécie de desfecho motivado, dado a seguir, na progressão da informação” (2006, p. 453). O exemplo a seguir, também retirado do *corpus*, demonstra esse uso específico do item:

(2) .. aqueles seres vivos foram surgi::ndo,
 .. mas não tinha comida pra todo mundo,
 .. **então** eles tiveram que .. aprender,

À medida que se afasta da simples noção de tempo, o item *então* amplia suas funções e passa a configurar outras relações. Risso (2006) afirma que a ideia de ações motivadas veiculada pelo *então* conduz a uma representação de relações lógico-semânticas de decorrência, conclusão ou resultado entre fatos ou argumentos, como demonstra o seguinte exemplo do *corpus*:

(3) ..o DNA do indivíduo que foi gerado ..é uma recombinação entre .. parte do DNA da mãe
 .. e parte do DNA.. do pai.
 .. **então** nós somos UMA .. mistura.

No exemplo (3), o *então* marca linguisticamente uma relação de conclusão estabelecida a partir de um ato de fala explícito, “o DNA é uma recombinação do DNA do pai e da mãe”, que dá origem a uma inferência, a de que somos uma mistura.

Risso (2006) também apresenta ocorrências do uso do *então* para expressar relações de contraste entre alternativas excludentes conforme os esquemas: *se p então q* e *ou p ou então q*. O exemplo (4) pertence à pesquisa da própria autora (RISSO, 2006, p, 455), já que não há ocorrências desse tipo no *corpus* deste trabalho.

(4) L2 – quer dizer ou a mulher se dedica ... inteiramente

[

L1 – ()

L2 – à carreira e aí ... co/com prejuízo ... dela como mãe como dona de casa ... **ou então** ela se dedica exclusivamente ... à dona de casa e à mãe e aí com prejuízo da carreira ...

Com base nos resultados da pesquisa, Risso (1996) estabelece algumas tendências básicas assumidas pelo advérbio *então*, no âmbito da frase:

- a) A diluição da noção de tempo presa a um passado previamente referido no discurso e a capacidade de suceder estruturas temporais diversas e fazê-las repercutir no espaço discursivo;
- b) A progressiva propensão para desempenhar função conectiva, mediando diferentes relações entre orações;
- c) A incorporação de valores resultativo, consequencial e conclusivo, sequenciando orações e, ao mesmo tempo, sinalizando temporalidade entre elas;
- d) A frequente ancoragem em instâncias preliminares do discurso, devido a sua capacidade anafórica, e a criação de um efeito de previsibilidade em relação às informações a serem introduzidas por ele.

Em relação ao uso do *então* no âmbito das relações textuais interativas, Risso (1996) destaca que

a passagem da frase ao texto evidentemente não envolve apenas uma mudança na dimensão das unidades abrangidas pelo escopo de *então*. Na sua integridade sócio-comunicativa, o texto apresenta-se estruturado não só na dependência de regras próprias do sistema da língua, mas também na base de um conjunto múltiplo de fatores de coesão e coerência, próprios de sua instância de organização, com forte tônica no pragmático-interacional e cognitivo-informacional. (RISSO, 1996, p. 431)

O uso do *então* como MD, organizando a estrutura interna do texto, constitui-se, na verdade, em linhas gerais, de uma série de desmembramentos e projeções das funções conectivas e coesivas do uso do *então* no âmbito da frase (RISSO, 2006). A capacidade de orientar retroativamente o discurso e a linearidade expositivo-argumentativa, características do advérbio *então* no âmbito da frase, se repetem no uso do item no âmbito textual-interativo. A capacidade de remissão anafórica comum ao advérbio e marcador discursivo cria também no âmbito do texto um efeito de previsibilidade e expectativa em relação ao que será posto no discurso, enquanto a linearidade organiza as informações de maneira contínua e consonante em relação ao que foi dado, mantendo o texto na mesma linha de argumentação (RISSO, 2006).

As características atribuídas ao MD *então* no âmbito das relações textuais e interativas relacionam-se diretamente com sua posição na estrutura do texto. As posições medial e final do item comprovam, conforme Rizzo (2006), a tendência para o seu uso na progressão de um dado conjunto de informações no texto, através da abertura de tópicos, ou no fecho desse mesmo conjunto. A autora também trata da possibilidade desse mesmo MD na abertura de um tópico que inicie um diálogo ou exposição. Nesse caso, já que não há nenhuma porção de texto anterior, a remissão anafórica se estabelece com base no conhecimento compartilhado entre os interlocutores.

Risso (2006) descreve o funcionamento do MD *então*, tanto no plano ideacional quanto no plano interpessoal do discurso, conforme seu papel na organização tópica do texto. A autora explica que o flexível articulador atua no plano intratópico e intertópico.

No plano intratópico, o item atua na progressão tópica promovendo o encaminhamento e o fecho de tópicos. O encaminhamento corresponde à atuação do juntor em frases de arrastão no âmbito frástico. Trata-se da “apresentação linear, dentro de um dado tópico, de várias porções de informação que vão sendo encadeadas umas às outras mediante a interposição de um marcador” (2006, p. 458). No fecho, o MD define o término do tópico com base nas informações precedentes. Ele estabelece entre tais informações e a informação que o sucede uma relação lógico-semântica de conclusão, efeito ou resultado, assim como no âmbito frástico.

Ainda no plano intratópico, o *então* também pode atuar na retomada tópica. Esse uso é específico em situações em que há inserção parentética. Nesse caso, conforme Rizzo (2006), o MD estabelece uma relação anafórica não com a porção imediatamente anterior, mas sim com a porção posicionada antes da inserção, dando sequência ao texto e conduzindo o

interlocutor na interpretação do que é focal e do que é subsidiário, em termos informacionais, em relação ao tópico em curso na situação comunicativa.

O MD *então* também atua na articulação intertópica, articulando segmentos tópicos inteiros constituindo supertópicos (RISSO, 2006). A forma de atuação do item na articulação intertópica assemelha-se ao seu uso na articulação intratópica, marcando a abertura e o fechamento de tópicos, estruturando de forma coesa o discurso. Nas palavras de Risso (2006), “como elemento coesivo atuante nos vários momentos de uma estruturação textual integrada predominantemente por uma espécie de coordenação aditiva de tópicos, *então* define, do ponto de vista argumentativo, a linearização dos elementos expostos no fluxo informativo” (2006, p. 464). Ainda conforme a autora, esse tipo de atuação do MD *então* revela um certo grau de posicionamento do locutor em relação ao conteúdo informacional do discurso.

Além de atuar no plano ideacional, organizando informações dentro de tópicos e estabelecendo a articulação entre tópicos, o item *então*, como comprovam os estudos de Risso (1996, 2006), também atua no nível interpessoal, na dinâmica de turnos e como operador argumentativo em diálogos.

Na dinâmica de turnos, Risso (2006) descreve duas formas diferentes de atuação de *então*. Há ocorrências do item na sinalização de retomadas de turno pelo locutor após a interrupção do interlocutor e na disputa pelo turno, na tentativa de mantê-lo, durante o diálogo. Quanto ao uso do marcador como operador argumentativo, Risso (2006) afirma que nesse tipo de contexto altamente interativo é comum os interlocutores direcionarem argumentativamente as afirmações uns dos outros, tirando conclusões ou fazendo declarações com base no discurso do parceiro e a natureza anafórica de *então* permite a construção dessas estruturas que precisam do respaldo da fala anterior.

No PB, o marcador *então* realiza funções de dois marcadores do inglês: *so* e *then*³. Em seu estudo a respeito dos MDs no inglês (1992), Schiffrin afirma que *so* marca as unidades mais importantes de um tópico. Semanticamente, é um marcador de resultado (no caso de conexões entre eventos) e de conclusão (efeito de conexões inferenciais) que pode atuar tanto localmente (na microestrutura) como globalmente (na macroestrutura). Esse marcador pode ocorrer em três planos discursivos: na estrutura ideacional, no estado da informação e na estrutura da ação.

No primeiro caso, a relação é baseada em fatos e se estabelece entre unidades de ideia, mais precisamente entre eventos e estados codificados pelas unidades de ideia.

³De acordo com o dicionário Longman (2004), os marcadores *so* e *then* podem ser traduzidos, no PB, por *então*.

No segundo caso, a relação é baseada em conhecimento e se estabelece quando o falante tem como intenção que seu destinatário realize uma inferência. O conhecimento prévio é considerado por Schiffrin (1992) garantia, e as interpretações feitas a partir desse conhecimento prévio correspondem às inferências. Isso ocorre porque, segundo a autora, mesmo que os participantes iniciem o ato comunicativo com suposições a respeito da informação que compartilham, o estatuto do conhecimento e do meta-conhecimento a respeito da informação que é realmente compartilhada muda constantemente. Mesmo que as inferências sejam feitas a partir de eventos (narrativas, por exemplo), não são os fatos que causam factualmente o desfecho; na verdade, esses fatos servem como evidência para conclusões.

No terceiro caso, a ação se baseia em um ato-de-fala no qual o falante apresenta uma motivação para a realização do ato-de-fala.

Por fim, na estrutura da participação, segundo Schiffrin (1992), *so* funciona não apenas como um marcador de transição entre turnos de fala, mas anuncia uma conclusão, seja pelo fato de o falante estar pronto para tomar o turno ou pelo fato de estar explicando o que disse anteriormente.

O MD *then*, segundo Schiffrin (1992), é um marcador cujo significado dêitico influencia seu uso nos diversos planos discursivos. A autora trata como MD os usos do *then* com as seguintes características:

- 1) iniciando cláusula, independentemente de estar em unidade entonacional separada ou não;
- 2) seguindo outro marcador que inicia a cláusula;
- 3) em final de cláusula com função pragmática.

De acordo com Schiffrin (1992), um dos usos do MD *then* é indicar sucessão no tempo discursivo, entendido pela autora (SCHIFFRIN, 1992, p. 229) como “as relações temporais entre enunciados em um texto, isto é, a ordem em que um falante apresenta enunciados em um texto”⁴ (*tradução nossa*).

Nesse caso, o MD *then* marca a transição temporal entre eventos que se sucedem, assim como também marca a sucessão de ideias e tópicos discursivos. Pode-se afirmar, portanto, que é utilizado para fazer referência ao tempo discursivo prévio como fonte de informação para o que será dito na sequência.

⁴“Discourse time refers to the temporal relationships between utterances in a discourse, i.e. the order in which a speaker presents utterances in a discourse.”

Eventos que se sucedem temporalmente correspondem, com frequência, a tópicos discursivos que também se sucedem. Dessa forma, pode-se afirmar que o MD *then* liga episódios que se sucedem no tempo real e tópicos (e também subtópicos) que se sucedem no tempo discursivo.

Outro uso apontado pela autora (*ibid.*) é o de indicar ações que se sucedem no tempo discursivo. Nesse caso, *then* marca um enunciado que apresenta uma ação motivada por alguma solicitação feita pelo interlocutor em enunciado anterior. O enunciado marcado por *then* pode trazer uma paráfrase, uma repetição, por exemplo, como forma de satisfazer a solicitação de confirmação por parte do interlocutor.

Schiffrin (1992) propõe um critério para distinção entre o advérbio *then* e o MD *then*. Quando o tempo discursivo espelha o tempo dos eventos, ou seja, quando o *then* marca eventos que se sucedem, parece tratar-se de advérbio. Por outro lado, *then* é MD quando o tempo discursivo espelha algum outro tipo de relação de sucessão. No entanto, eventos que se sucedem podem atuar em outras estruturas discursivas, podendo haver isomorfismo entre tempo discursivo, tempo do evento e tempo da ideia.

Os trabalhos de Risso (1996, 2006) e Schiffrin (1992) apresentam de forma abrangente o uso do *então* nos seus diferentes planos de atuação. Este trabalho pretende analisar as ocorrências do *corpus* com base nas propriedades semântico-funcionais do MD *então* descritas por Risso e Schiffrin.

CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo contém a descrição dos procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa. Primeiramente, descrevem-se os métodos utilizados na formação do *corpus* e na coleta de dados. No segundo item, apresentam-se algumas especificidades da modalidade oral e do gênero textual analisado, que são de considerável relevância para a compreensão e análise das ocorrências. Por fim, apresentam-se os parâmetros que norteiam a coleta e análise das ocorrências.

2.1 Coleta e transcrição do *corpus*

O *corpus* da pesquisa é composto por cinco elocuições formais do tipo aula que fazem parte do banco de dados do Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/Noroeste do Paraná (Funcpar). Os informantes da pesquisa são professores universitários que nasceram ou residem em Maringá há mais de 10 anos.

As elocuições foram transcritas com base em uma adaptação das normas do projeto NURC e segmentadas em unidades de entonação, conforme nomenclatura de Chafe (1987). Segundo Chafe, a fala é caracterizada por uma série de jorros, contendo a informação focalizada pelo enunciador no momento da enunciação. Esses jorros são denominados unidades de entonação.

Essas unidades são identificadas, conforme o autor, a partir de um conjunto de critérios: a entonação, a pausa e a sintaxe. Para Chafe (1987), cada unidade de entonação apresenta um contorno entonacional final característico, seguido de uma breve pausa, que permitem a separação das unidades, além do fato de que, sintaticamente, cada unidade corresponde geralmente a uma oração simples.

Esses critérios, aparentes simultaneamente ou não, auxiliam na identificação das unidades. Segundo Chafe (1987), por se tratar de um fenômeno cognitivo, não se pode esperar que a fala atenda constantemente e de forma fiel a esses parâmetros.

2.2 Software utilizado para a construção dos diagramas

Para a elaboração dos diagramas das relações retóricas encontradas no *corpus*, utilizou-se o software RSTTool, versão 3.11, de Mick O'Donnel⁵. O programa tem como finalidade facilitar a diagramação da estrutura retórica de textos. O rol de relações não é fechado; o analista tem a possibilidade de criar novas relações à medida que for necessário. Segmenta-se o texto cujo diagrama será elaborado (cf. figura 2.1), traçam-se os esquemas que representam os tipos de relações entre os *text spans*, designando-se as relações (cf. figura 2.2).



Figura 2.1: tela do RSTTool – segmentação do texto

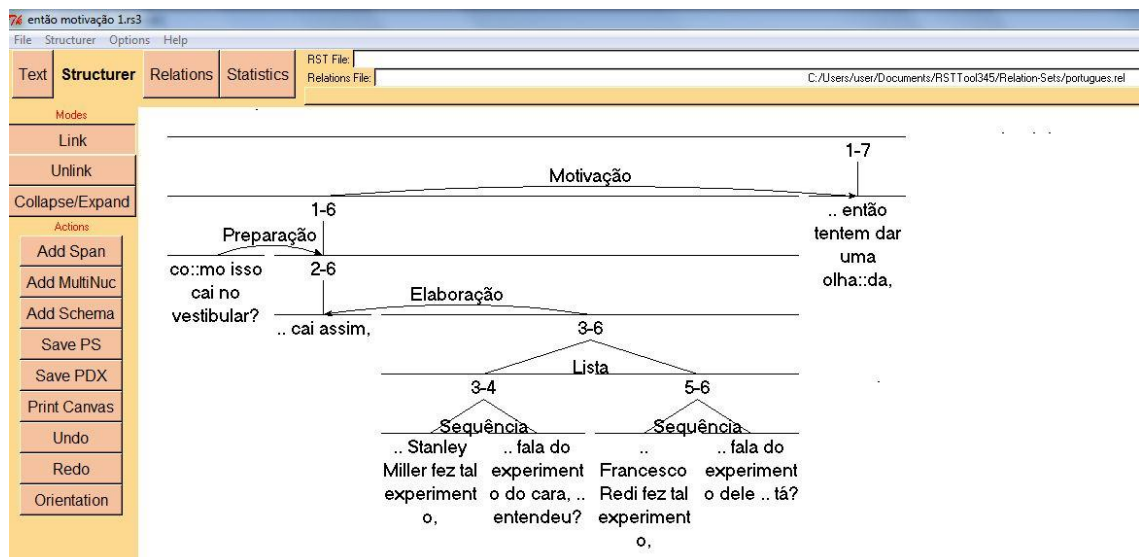


Figura 2.2: tela do RSTTool – elaboração do diagrama da estrutura retórica

⁵Disponível para download no site www.wagsoft.com.

2.3 Considerações sobre a elocução formal

O termo elocução formal surgiu a partir de uma tipologia estabelecida pelo projeto NURC/SP para denominar os registros orais caracterizados pela assimetria⁶ interacional. O termo, então, passou a ser usado para denominar a produção oral assimétrica e hierárquica, resultante de uma interação face a face (BRAIT, 1999).

Brait (1999) divide a elocução formal em três partes, que compõem sua macroestrutura: introdução, tópico inicial que situa o discurso; desenvolvimento, em que o tema é desenvolvido por meio de tópicos e subtópicos, organizados de forma coesa e coerente; e conclusão, em que o enunciador faz o fechamento do discurso. Essa estrutura é encontrada nas elocuições que compõem o *corpus* deste trabalho. Os textos apresentam a introdução bem marcada, em que são expostos o tema e/ou o objetivo das aulas, como demonstra o exemplo a seguir:

(5) bom mas vamos LÁ,
 ... vamos começar nossa aula então.
 ... bom nas últimas duas aulas vocês viram .. os cora::ntes,
 .. os anaboliza::ntes,
 .. viram também na última aula os xaro::pes.
 ... hoje .. nós vamos mudar um POUco,
 .. nós vamos/ ver OUtros tipos de dispersões.

No desenvolvimento, estão presentes os tópicos que desenvolvem o tema, organizados e apresentados em sequência, e na maioria das vezes divididos em subtópicos. O exemplo seguinte demonstra a abertura de um dos tópicos das aulas:

(6) bom então nós temos QUAtro definições para as suspensões.
 .. e nós vamos trabaLHAR ... aqui em farmacotécnica .. com .. suspensões .. farmacêuticas,
 .. pensem nisso,

Na conclusão das elocuições, o fechamento do discurso contém informações que antecipam a aula seguinte:

(7) .. acabou?
 .. acabou.
 .. pessoal eu vou lá,

⁶Trata-se da situação interacional em que um dos falantes detém maior posse de turno e orienta a organização da conversa.

.. acho que o professor já tá até ali,
 .. paramos em recombinação gênica,
 ...volto amanhã não sei se nesse horário ainda,
 .. vou ver com o prof. X amanhã,
 .. mas aí amanhã a gente dá continuidade,
 .. beleza?
 .. terminamos de ver evolução,
 .. e se der tempo,
 .. dependendo da quantidade de aula,
 .. nós já entramos .. na água,
 .. proteínas,
 .. aminoácidos.

Constata-se também, após a observação do *corpus* que permitiu uma comparação com as características elencadas por Brait (1999), a assimetria interacional e a hierarquia dos discursos, explícitas nas poucas marcas de interação entre professor e alunos e na posse do turno praticamente constante do professor.

2.4 Parâmetros para a análise do MD *então*

Os parâmetros sistêmicos utilizados para a análise do MD *então* são representados no esquema a seguir:

| Usos do MD <i>então</i> | Marca unidades mais importantes de um tópico | | | | Marca sucessão | |
|---|---|---|--|---------------------------|--------------------------|---|
| | Ideacional | Informativo | Ação | Estrutura de participação | Sucessão de ideias | Sucessão de ações |
| Planos do discurso em que o MD <i>então</i> atua | | | | | | |
| Explicação dos usos do MD <i>então</i> nos planos do discurso em que atua | Marca resultados de eventos, de estados, no nível ideacional. | Marca conclusão, a informação é tomada como garantia para a inferência. | Marca motivação para realização de um ato-de-fala. | Marca retomada de tópico. | Liga episódios, tópicos. | Marca repetição, paráfrase, resposta. |
| Relações sinalizadas pelo MD <i>então</i> | Elaboração, Resultado, Contraste | Conclusão, Interpretação, Avaliação | Preparação, Motivação | Retomada, Parentética | Sequência | Solução, Resumo, Reformulação, Reafirmação multinuclear |

Quadro 2.1: esquema de parâmetros de análise do MD *então*

O primeiro passo da análise é verificar se o MD *então* marca unidades mais importantes de um tópico ou se marca sucessão. Caso marque unidades mais importantes do tópico, o próximo passo é verificar em que nível ele atua: no nível dos eventos (ideacional), sinalizando relações de elaboração, resultado ou contraste; no nível das proposições

(informativo), sinalizando relações de conclusão, interpretação ou avaliação; no nível dos atos-de-fala (ação), sinalizando relações de preparação ou de motivação; no nível da estruturação tópica, sinalizando relações de retomada ou parentética. Caso indique sucessão, o próximo passo é verificar se o *então* marca sucessão de ideias, sinalizando a relação de sequência, ou se marca sucessão de ações, sinalizando as relações de solução, resumo, reformulação ou reafirmação multinuclear.

Esses parâmetros serão mais bem explicitados no capítulo seguinte.

CAPÍTULO III – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Neste capítulo serão analisados e interpretados os dados coletados a respeito da atuação do MD *então* no estabelecimento de diferentes relações retóricas em elocuições formais do português, bem como o padrão de comportamento dessas relações na estrutura retórica das elocuições que compõem o *corpus*.

O capítulo está dividido em três seções: a primeira apresentará as análises das relações em que o *então* marca unidades mais importantes do tópico, no nível ideacional, informativo, dos atos-de-fala e da estruturação tópica; a segunda apresentará a análise das relações em que o *então* indica sucessão de ideias e ações; e a última apresentará algumas considerações sobre o uso do *então* na estrutura retórica. Cada seção apresentará o conceito do respectivo grupo de relações, conforme a divisão classificatória realizada na pesquisa.

3.1 Relações em que o MD *então* marca unidades mais importantes do tópico discursivo

As relações que dizem respeito ao conteúdo são responsáveis pela organização das informações do texto, de maneira que o destinatário reconheça a ligação existente entre elas. Tomando como base os estudos de Halliday (MATHIESSEN; HALLIDAY, 1997), pode-se dizer que esse tipo de relação está ligada à metafunção ideacional, ou seja, aos recursos utilizados pelo falante para organizar as informações resultantes da interpretação das experiências vividas por ele, expressando-as em forma de texto. As relações que dizem respeito ao conteúdo encontram-se no domínio semântico. A relação de contraste, classificada como multinuclear, também é responsável pela organização das informações no texto. A relação de contraste e as relações de elaboração e resultado, que dizem respeito ao conteúdo, compõem o conjunto de relações retóricas em que o MD *então* atua marcando unidades importantes do tópico discursivo.

Ao atuar sobre unidades importantes do tópico discursivo, o MD *então* pode ocorrer nos níveis ideacional, das proposições, dos atos-de-fala e da estruturação tópica marcando diferentes relações, que serão apresentadas a seguir.

3.1.1 No nível ideacional

3.1.1.1 Relação de elaboração

Segundo a classificação de Mann e Thompson (1988), a relação de elaboração tem como função acrescentar a determinada porção do texto informações adicionais que caracterizem, expliquem, desenvolvam ou exemplifiquem o conteúdo da dada porção.

| Nome da relação | Restrições sobre N e S separadamente | Restrições sobre o par N+S | Intenção do F |
|------------------------|---|--|---|
| Elaboração | Nenhuma | S apresenta dados adicionais sobre a situação ou alguns elementos do assunto apresentados em N ou passíveis de serem inferidos de N, de uma ou várias formas, conforme descrito abaixo. Nesta lista, se N apresentar o primeiro membro de qualquer par, então S inclui o segundo: conjunto - membro abstração - exemplo todo - parte processo- passo objeto - atributo generalização - especificação | D reconhece que S proporciona informações adicionais a N. D identifica o elemento do conteúdo relativamente ao qual se fornecem pormenores. |

Quadro 3.1: definição da relação de elaboração (MANN; TABOADA, 2010)

A relação de elaboração pode ocorrer tanto na microestrutura quanto na macroestrutura textual. Foram encontradas no *corpus* 60 relações de elaboração marcadas pelo MD *então*. Dentre elas, 53 ocorrem na microestrutura, como se pode observar no exemplo da figura 3.1.

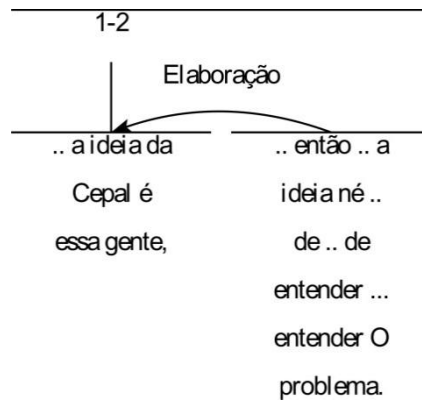


Figura 3.1: diagrama com relação de elaboração microestrutural

No exemplo⁷ da figura 3.1, o satélite de elaboração tem função apositiva (embora não se trate de uma oração apositiva). Para Nogueira e Leitão (2004), uma construção desse tipo, que deve ser analisada além do âmbito sintático (formal), “está associada às estratégias de referenciação catafórica (focalização) e de orientação argumentativa por meio das quais se introduz uma informação no discurso a partir de uma expressão referencial que a encapsula” (2004, p. 2). Tais características apresentadas pelos autores podem ser encontradas no exemplo analisado: pronome *essa*, apresentado no núcleo, atua como expressão catafórica, encapsulando a informação contida no satélite.

Observou-se, nessa parcela do *corpus*, que o MD *então* é utilizado para introduzir um conjunto de informações adicionais, com o objetivo de explicar, desenvolver e exemplificar as informações contidas nos núcleos das relações.

O exemplo da figura 3.2 demonstra o uso do MD para introduzir uma explicação para a informação nuclear:

⁷ Nos diagramas deste trabalho, os números das unidades não correspondem à numeração sequencial em que essas unidades ocorrem nos textos dos quais foram retiradas. A numeração corresponde, na realidade, apenas às unidades que compõem o trecho utilizado como exemplo.

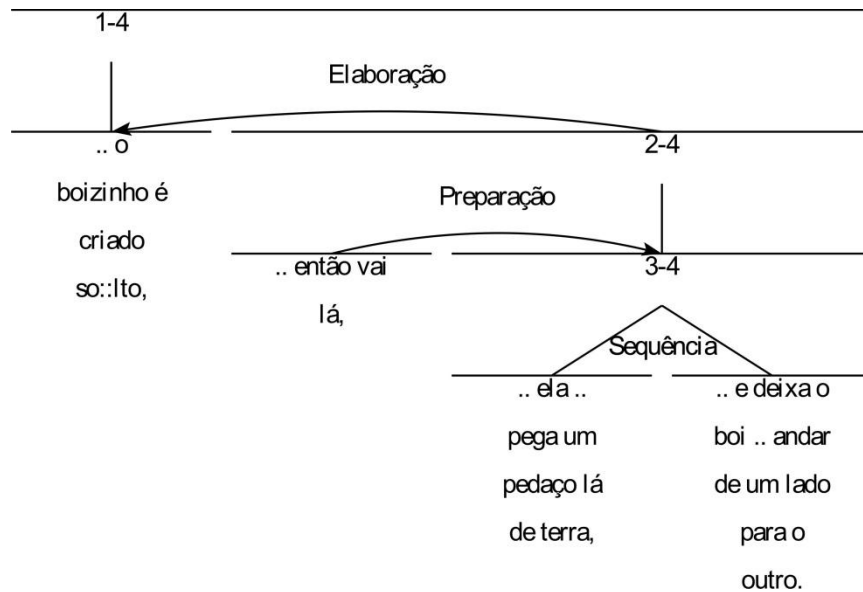


Figura 3.2: diagrama com relação de elaboração na microestrutura – MD introduz explicação

Nesse exemplo, o professor faz uma afirmação, que está contida no núcleo, e em seguida insere uma sequência de fatos que a explicam. Pode-se inferir, com base nesse tipo de ocorrência, que a intenção do professor é, por meio dessa explicação, garantir que os alunos, destinatários, compreendam as informações apresentadas à medida que a aula progride.

O exemplo a seguir demonstra o uso da relação de elaboração para inserir exemplos, também com a função de garantir a compreensão da informação do núcleo:

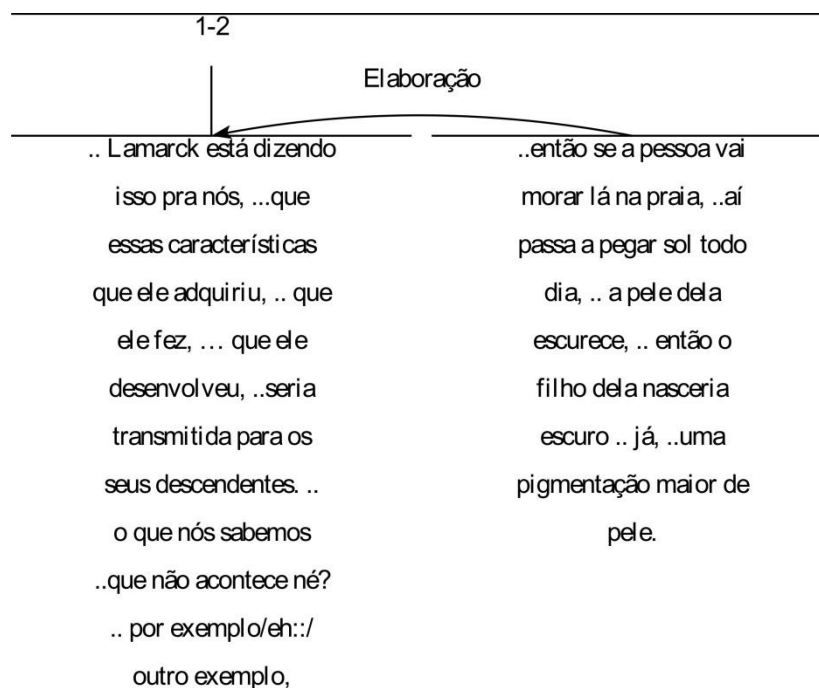


Figura 3.3: diagrama com relação de elaboração na microestrutura – MD introduz exemplo

O mesmo ocorre no trecho a seguir:

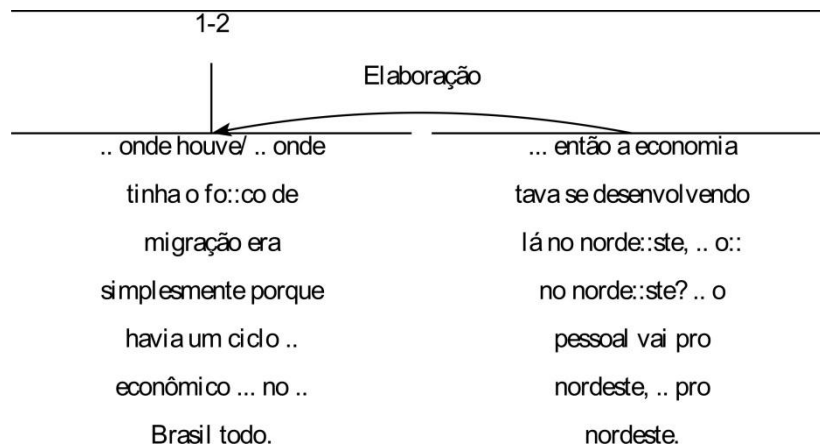


Figura 3.4: diagrama com relação de elaboração na microestrutura – MD introduz exemplo

Como se pode constatar, a estratégia de exemplificação também demonstra a preocupação do professor em facilitar a compreensão das informações contidas no núcleo da relação.

Em relação às ocorrências da relação de elaboração na macroestrutura textual, observa-se que, em níveis mais altos da hierarquia textual, a relação de elaboração é frequentemente utilizada no texto para desenvolver tópicos discursivos, organizando as informações da aula. O conceito de tópico utilizado nessa análise é de Jubran *et al.* (1992), segundo o qual o tópico discursivo se manifesta mediante “enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem” (2008, p. 93).

Foram encontradas sete ocorrências em que o *então* marca a relação de elaboração na macroestrutura textual, desenvolvendo tópicos discursivos maiores por meio do acréscimo de informações referentes a esses tópicos. O exemplo a seguir demonstra um caso em que essa estratégia é utilizada:

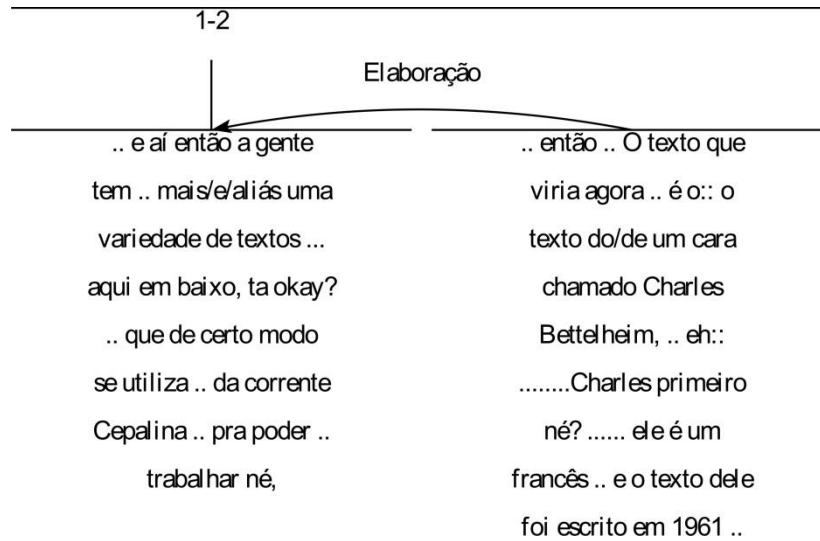


Figura 3.5: diagrama com relação de elaboração na macroestrutura – MD desenvolve tópico

No exemplo⁸ da figura 3.5, o professor está resumindo alguns textos que tratam do tema da aula. Após ter apresentado uma parte desses textos, o professor afirma que existem mais a serem discutidos e essa afirmação dá início a um novo tópico na estrutura da aula. Em seguida, o professor inicia a descrição do primeiro dos textos, introduzida pelo MD *então*. Nesse caso, está clara a inserção de um subtópico que desenvolve o tópico “variedade de textos que se utilizam da corrente cepalina”.

Na mesma aula foram encontradas ocorrências da relação de elaboração no interior desses subtópicos, também marcadas pelo *então*, organizando as informações que os compõem e demonstrando a organização tópica da aula. Observa-se que a relação de elaboração atua nas mais variadas camadas da estrutura do texto, inserindo tópicos e desenvolvendo-os a partir da inserção de subtópicos.

3.1.1.2 Relação de resultado

A relação retórica de resultado, que está ligada ao conteúdo, é subdividida por Mann e Thompson (1988) em duas: resultado involuntário e resultado voluntário, diferenciando-se uma da outra quanto ao tipo de ação ou situação que tenha gerado o resultado, voluntária ou não. Por não ser relevante para os objetivos desta pesquisa, decidiu-se utilizar apenas a definição geral da relação em questão, apresentada no quadro a seguir:

⁸Nos diagramas que tratam da macroestrutura textual, optou-se por representar apenas a relação retórica sinalizada pelo *então*. Representando-se todas as relações, os diagramas ficariam muito extensos e seria impossível incluí-los no trabalho.

| Nome da relação | Restrições sobre N ou S separadamente | Restrições sobre o par N+S | Intenção do F |
|-----------------|---------------------------------------|---|---|
| Resultado | em S: S é uma ação ou situação | N causou S; a apresentação de N é mais central do que a apresentação de S para os propósitos do falante | O D reconhece que N poderia ter causado a situação em S |

Quadro 3.4: definição da relação de resultado (MANN; TABOADA, 2010)

Foram encontradas 36 ocorrências da relação de resultado marcadas pelo *então*. Todas as ocorrências do item na relação se dão na microestrutura, ou seja, na articulação sentencial. Ao ser utilizado nessa relação, o MD *então* assume uma função semântica consecutiva, relacionando porções no nível factual, concreto, introduzindo, no satélite da relação, um efeito ou uma consequência resultante do fato anterior, como em:

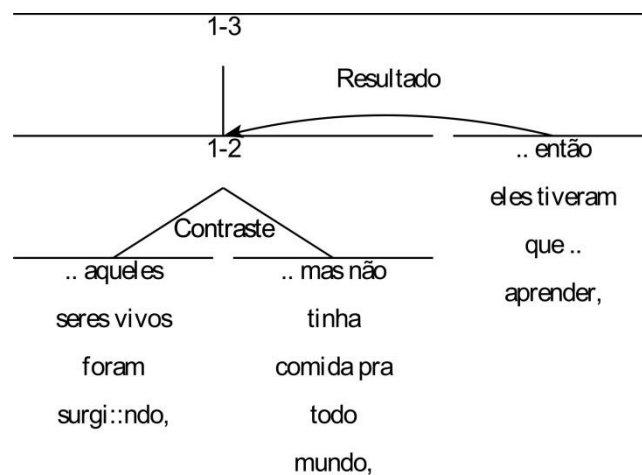


Figura 3.6: diagrama com relação de resultado na microestrutura – MD introduz consequência

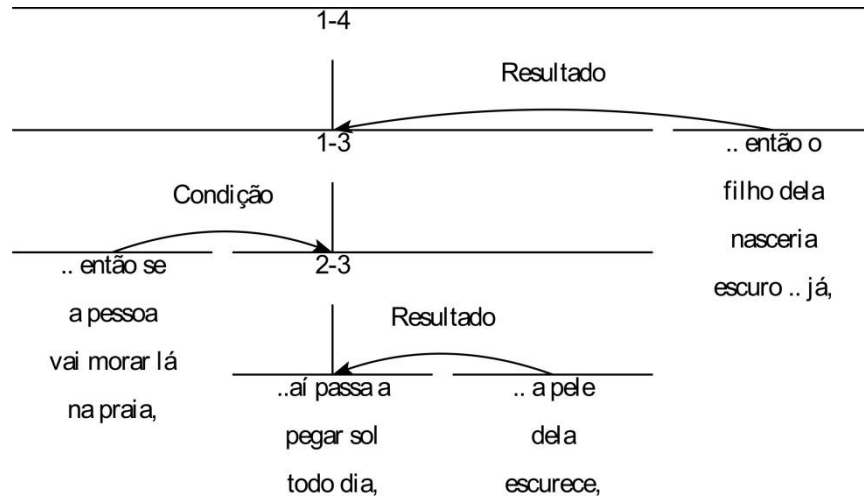


Figura 3.7: diagrama com relação de resultado na microestrutura – MD introduz consequência

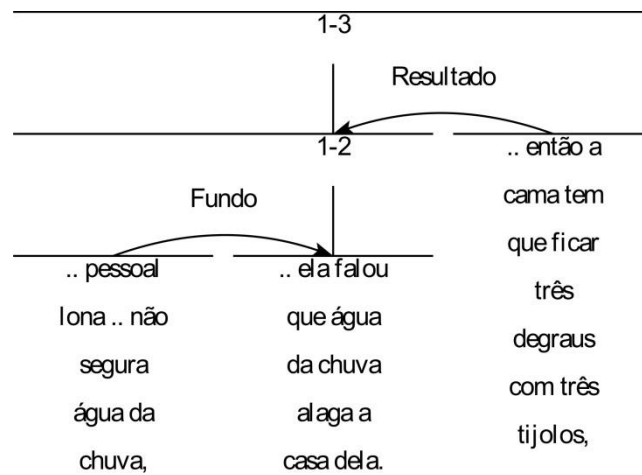


Figura 3.8: diagrama⁹ com relação de resultado na microestrutura – MD introduz consequência

Nos três exemplos apresentados, o MD *então* introduz uma consequência referente ao evento apresentado na porção nuclear, ou seja, as situações apresentadas no satélite da relação de resultado são decorrentes das situações apresentadas no núcleo.

⁹ No diagrama, na relação de fundo, segundo Mann e Thompson (1988), a porção satélite serve de moldura para a informação contida na porção nuclear, ou seja, apresenta uma informação necessária à compreensão do que é relatado no núcleo.

3.1.1.3 Relação de contraste

| Nome da relação | Restrições sobre cada par de N | Intenção do F |
|-----------------|--|--|
| Contraste | Nunca mais de dois núcleos; as situações nestes dois núcleos são (a) compreendidas como sendo as mesmas em vários aspectos (b) compreendidas como sendo diferentes em alguns aspectos, e (c) comparadas em termos de uma ou mais destas diferenças | D reconhece a possibilidade de comparação e a(s) diferença(s) suscitadas pela comparação realizada |

Quadro 3.2: definição da relação de resultado (MANN; TABOADA, 2010)

Há apenas uma ocorrência da relação de contraste marcada pelo MD *então* no *corpus* em análise:

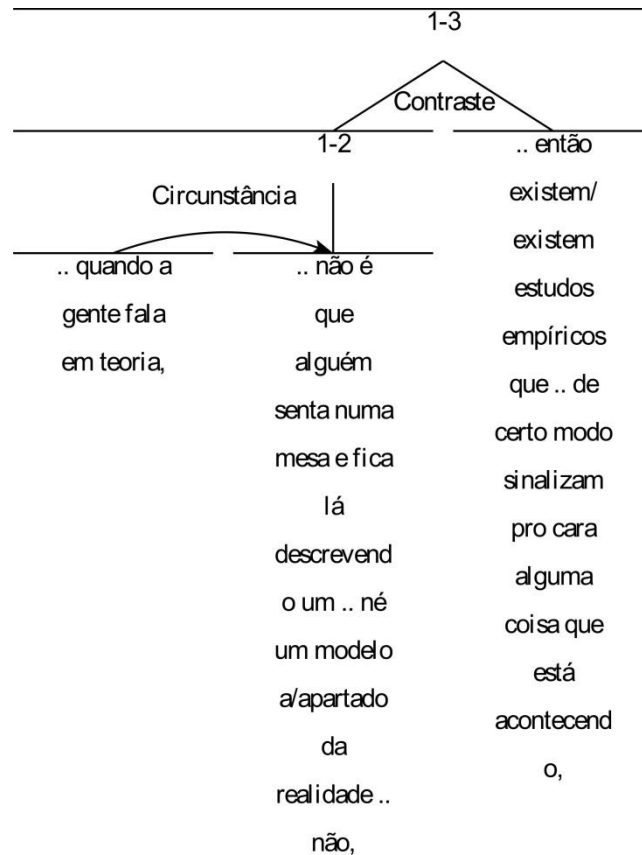


Figura 3.9: diagrama com relação de contraste na microestrutura

No exemplo, o professor compara as situações presentes nos dois núcleos que compõem o esquema. A relação de contraste é construída pela negação no primeiro núcleo, em contraste com a afirmação no segundo núcleo, introduzido pelo MD.

Considerando as características prototípicas do *então* apontadas por estudos acerca do item (RISSO, 1996; 2006), seria improvável conceber sua utilização no estabelecimento da relação de contraste. Essa é uma hipótese para o fato de apenas uma ocorrência ter sido encontrada.

3.1.2 No nível das proposições

No nível das proposições, o MD *então* marca as relações de conclusão, interpretação e avaliação. Essas relações são classificadas por Mann e Thompson (1988) como relações que dizem respeito ao conteúdo. Entretanto, essas relações são baseadas em conhecimento e se estabelecem quando o falante tem como intenção que seu destinatário realize uma inferência, tendo como base o conhecimento adquirido a partir das informações compartilhadas na situação comunicativa.

3.1.2.1 Relação de conclusão

A relação de conclusão não faz parte do rol de relações estabelecido por Mann e Thompson (1988). Foram Carlson e Marcu (2001, p. 50) os autores que apresentaram uma definição para a relação:

| Nome da relação | Restrições sobre N e S, individualmente | Restrições sobre N+S | Intenção de F |
|-----------------|--|--|--|
| Conclusão | Em S: S é um juízo fundamentado, uma inferência, uma consequência necessária ou uma decisão final com respeito à situação apresentada em N | Em N + S: S apresenta uma declaração final que envolve a situação apresentada em N | D reconhece que S é uma declaração final a respeito de N |

Quadro 3.3: definição da relação de conclusão (CARLSON; MARCU, 2001)

Pode-se definir a relação de conclusão como uma relação de conteúdo, pois não se trata de uma relação que busca agir sobre o destinatário, mas, sim, levá-lo a reconhecer o tipo de ligação existente entre as porções.

Foram encontradas 63 relações de conclusão no *corpus* marcadas pelo MD *então*. Dentre elas, 61 ocorrências se encontram na microestrutura textual, ou seja, atuando no nível local do discurso, estabelecendo relações entre porções menores do texto. Os exemplos a seguir, retirados do *corpus*, ilustram a atuação da relação de conclusão na microestrutura:

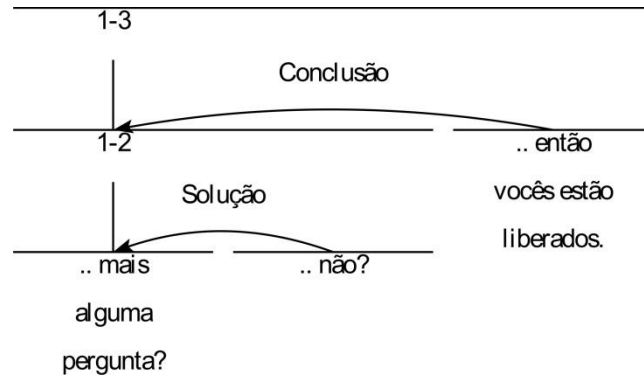


Figura 3.10: diagrama com relação de conclusão na microestrutura – MD introduz inferência

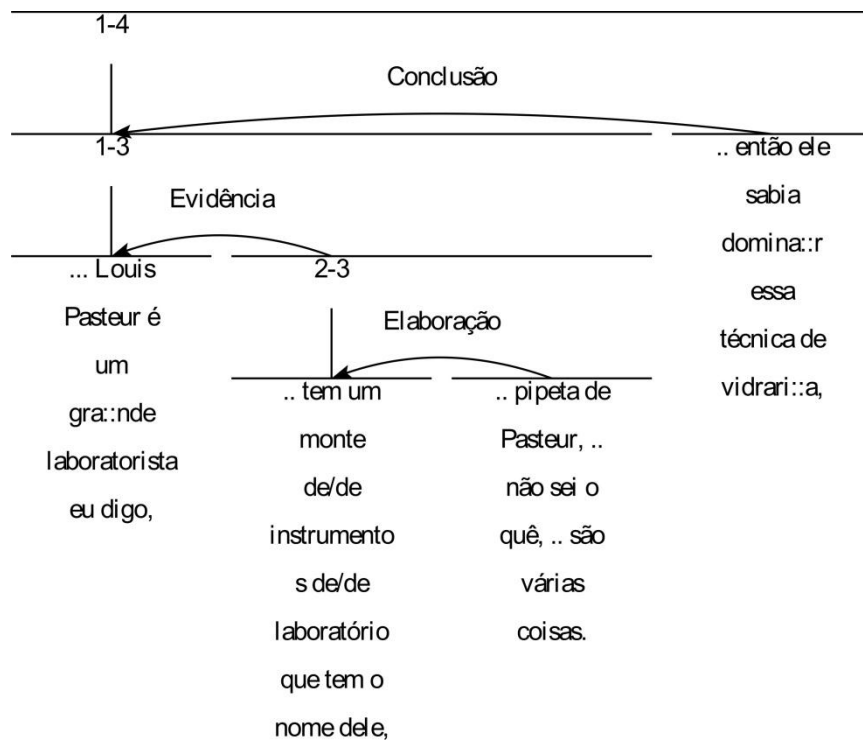


Figura 3.11: diagrama com relação de conclusão na microestrutura – MD introduz inferência

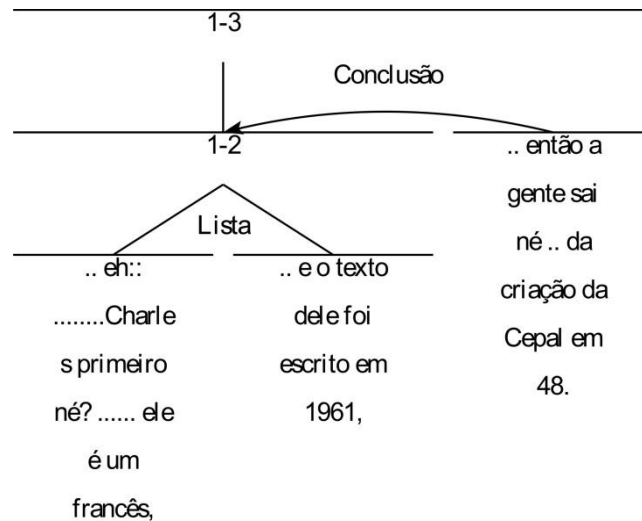


Figura 3.12: diagrama com relação de conclusão na microestrutura – MD introduz inferência

Como se pode constatar nos exemplos, as informações contidas no satélite da relação são inferências do falante, construídas com base nas informações apresentadas no núcleo. No exemplo da figura 3.10, ao constatar, pelo silêncio dos alunos ao pedir que exponham suas dúvidas em relação ao conteúdo da aula, que todos compreenderam o que foi exposto, o professor declara a aula encerrada. No exemplo da figura 3.11, com base no fato de que Louis Pateur criou muitos instrumentos de laboratório, o professor conclui que o cientista sabia dominar a técnica de vidraria. Por fim, no exemplo da figura 3.12, ao constatar que o texto estudado foi escrito em 1961, o professor conclui que o contexto de produção não é mais o da criação da Cepal, em 1948. Todas as ocorrências na microestrutura textual seguem o mesmo padrão.

Foram encontradas 2 ocorrências da relação de conclusão na macroestrutura textual. Nesse âmbito, o MD *então* desempenha um papel importante na articulação tópica das aulas. Observou-se que, em ambos os casos, o MD estabelece relação de conclusão entre a informação contida no satélite da relação retórica e toda a porção anterior, que compõe um tópico discursivo da aula. O MD assume uma função anafórica, retomando a porção anterior, e catafórica, preparando o destinatário para a apresentação de um julgamento ou uma inferência, com base na porção retomada. Além do estabelecimento dessa relação, o MD *então* também estabelece o fechamento do tópico discursivo. O exemplo abaixo ilustra o papel assumido pelo *então* no estabelecimento da relação de conclusão na macroestrutura textual:

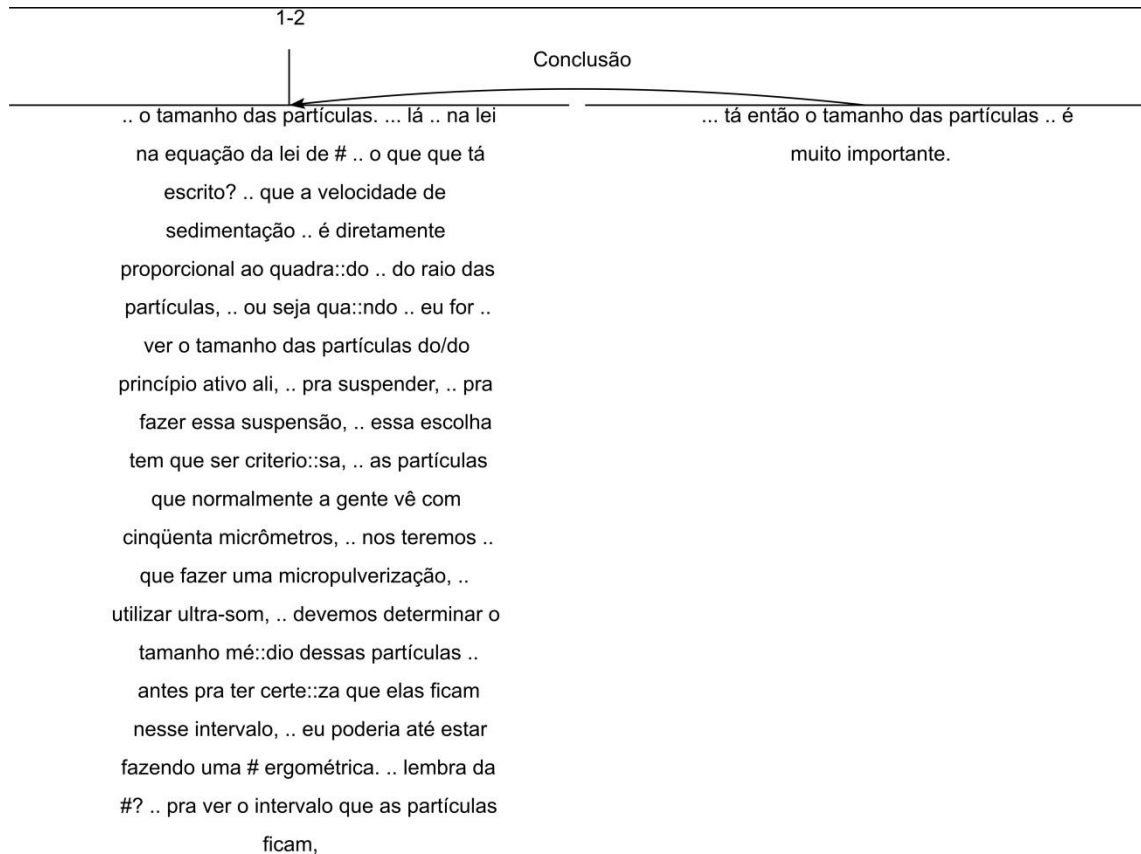


Figura 3.13: diagrama com relação de conclusão na macroestrutura – MD no fechamento de tópico

No exemplo da figura 3.13, o tamanho das partículas é um dos três fatores que influenciam a formação de sedimento, sobre os quais o professor explica na aula. O grupo de fatores constitui um dos tópicos da aula, o exemplo apresentado é um dos subtópicos desse tópico. O MD *então* contido no satélite da relação de conclusão marca a existência da relação retórica e ainda realiza o fecho do tópico.

A relação retórica de conclusão é a mais frequente, o que permite a inferência de que o uso prototípico do MD *então* com função semântica conclusiva, conforme revelam as pesquisas de Chiarelli (2011), tenha resultado no uso recorrente do item nas amostras do *corpus*.

3.1.2.2 Relação de interpretação

A relação de interpretação é classificada como uma relação que diz respeito ao conteúdo, responsável por organizar as informações do discurso, guiando o destinatário na interpretação das relações existentes entre essas informações. A função da relação de

interpretação é acrescentar ao conteúdo do núcleo informações que, embora não estejam diretamente associadas a esse conteúdo, auxiliam na sua compreensão.

| Nome da relação | Restrições sobre N e S separadamente | Restrições sobre o par N+S | Intenção do F |
|-----------------|--------------------------------------|---|---|
| Interpretação | Nenhum | em N + S: S relaciona N com várias ideias que não se encontram diretamente relacionadas com N, e que não estão relacionadas com a atitude positiva de F | D reconhece que S relaciona N com várias ideias que não se encontram relacionadas com o conhecimento apresentado em N |

Quadro 3.4: definição da relação de interpretação (MANN; TABOADA, 2010)

Foram encontradas 44 ocorrências da relação de interpretação no *corpus* marcadas pelo *então* e todas elas ocorrem na microestrutura. Os exemplos a seguir ilustram a função da relação de interpretação nas elocuições formais analisadas.

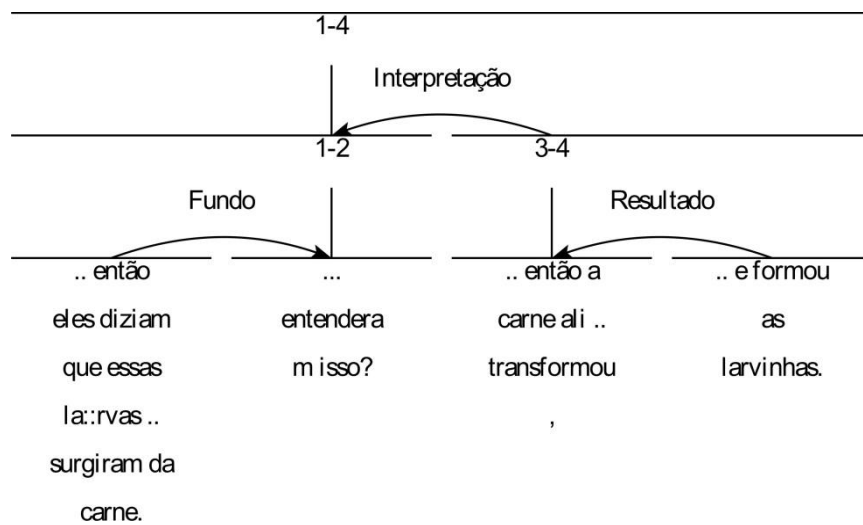


Figura 3.14: diagrama com relação de interpretação na microestrutura – MD introduz explicação

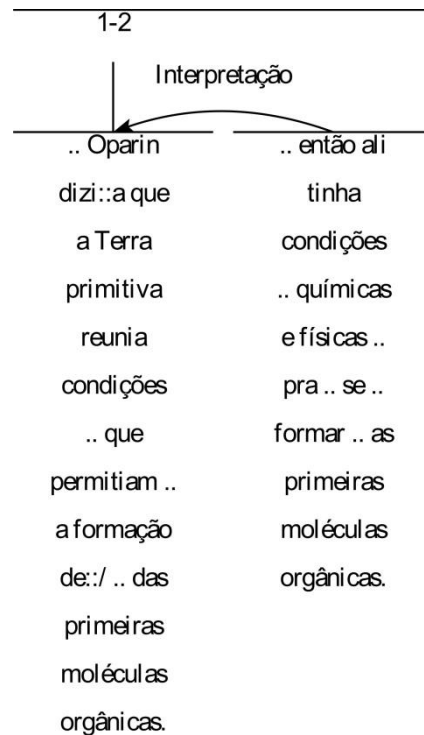


Figura 3.15: diagrama com relação de interpretação na microestrutura – MD introduz explicação

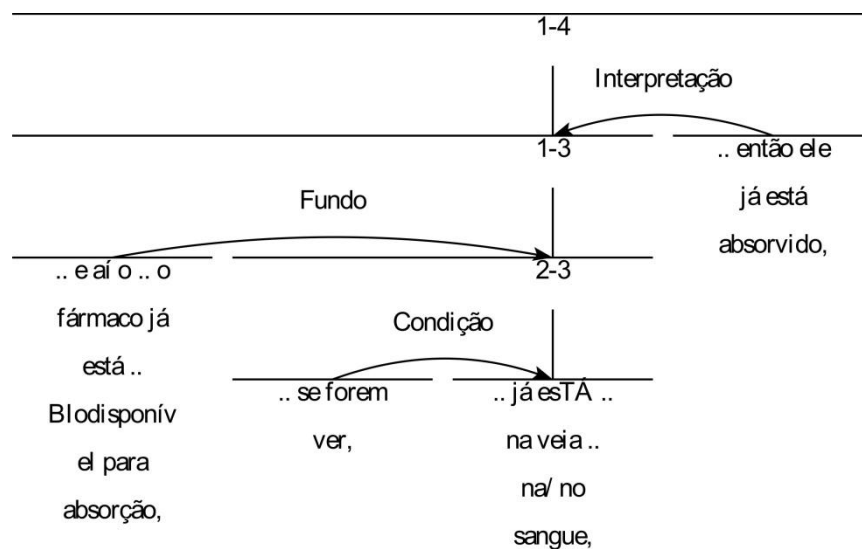


Figura 3.16: diagrama com relação de interpretação na microestrutura – MD introduz explicação

Nos casos demonstrados, a informação contida no núcleo da relação de interpretação é componente do conteúdo da aula. O satélite da relação acrescenta informações que explicam o conteúdo do núcleo, possibilitando a melhor compreensão da informação pelos destinatários, os alunos. No exemplo da figura 3.14, a pergunta feita pelo professor “entenderam isso?” revela sua preocupação em relação à compreensão da informação sobre o surgimento das larvas pelos alunos. Já em seguida, sem obter a resposta dos alunos, o

professor utiliza a relação de interpretação para, como o próprio nome da relação já indica, interpretar a informação dada anteriormente. O professor explica como se daria o surgimento das moscas, conforme a teoria apresentada na aula, ou seja, a carne se transformaria e formaria as larvas que se desenvolveriam e se tornariam moscas. O mesmo processo se dá nos dois exemplos seguintes: o professor apresenta uma informação no núcleo da relação e, no satélite, acrescenta informações que interpretam o conteúdo dado.

Nos exemplos dados, pode-se notar com clareza que as informações contidas nos satélites não estão relacionadas à atitude positiva do falante, conforme a definição da relação feita por Mann e Thompson (1988). Entretanto, em algumas ocorrências nota-se certa subjetividade nas informações contidas no satélite que tornam a relação incompatível com a definição dos autores citados anteriormente. É o que se pode constatar nas figuras a seguir:

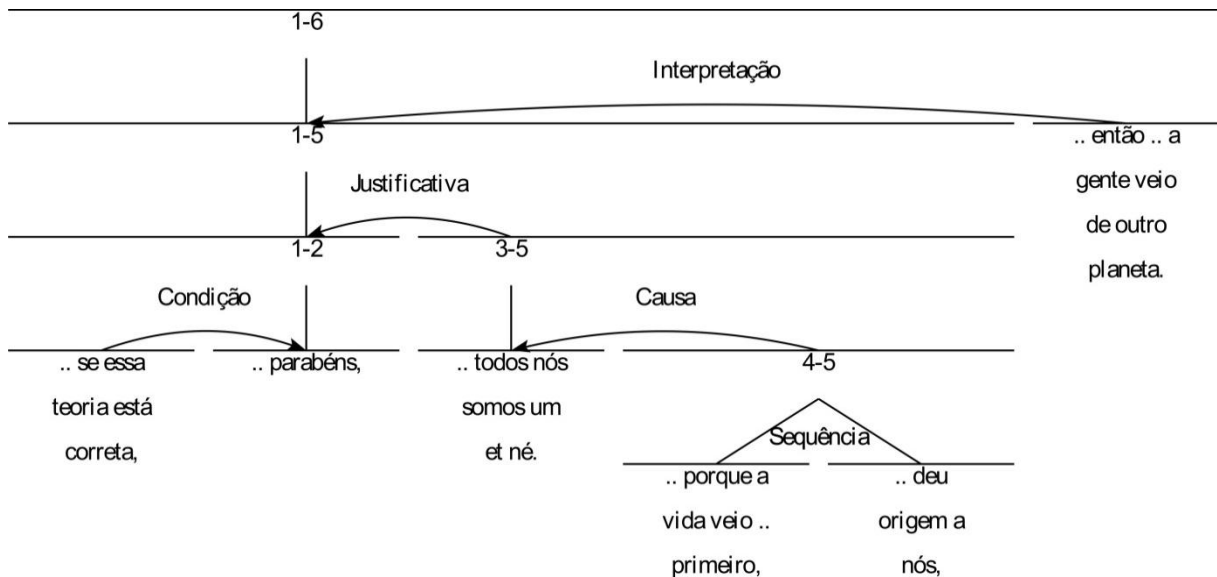


Figura 3.17: diagrama com relação de interpretação na microestrutura – MD introduz apreciação/julgamento

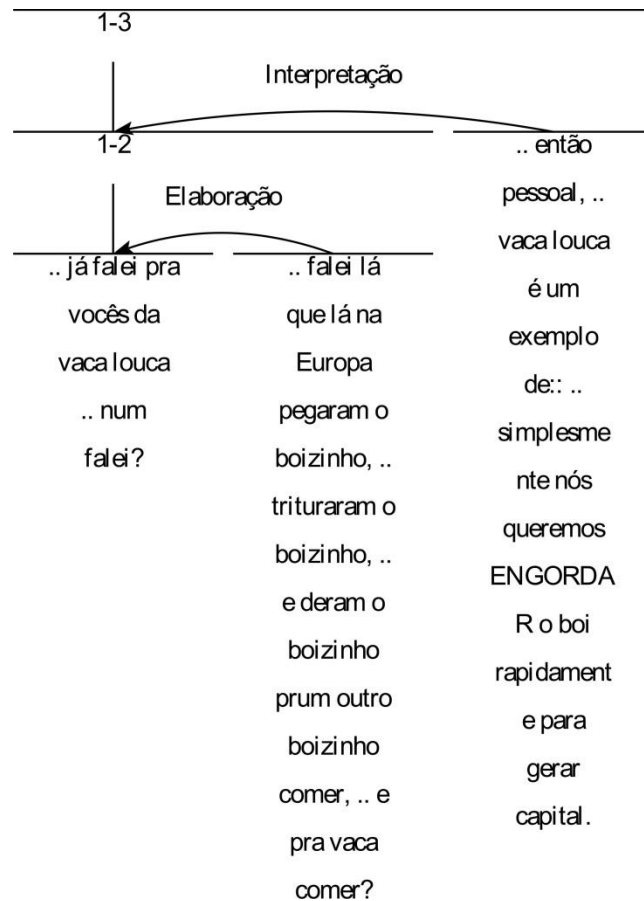


Figura 3.18: diagrama com relação de interpretação na microestrutura – MD introduz apreciação/julgamento

Esses exemplos diferem dos três exemplos anteriores no que se refere ao conteúdo das informações contidas no satélite. Pode-se perceber que nos diagramas da figura 3.17 e 3.18 as informações contêm um grau de subjetividade. Esse tipo de ocorrência pode ser melhor explicada a partir do entendimento de Carlson e Marcu (2001) a respeito dessa relação. Segundo esses autores, o satélite da relação de interpretação pode ser uma explicação do que não está imediatamente claro ou explícito, uma explicação de ações, eventos ou declarações por meio da indicação ou sugestão de relações ou motivos existentes, ou ainda um entendimento ou apreciação de uma situação, com base em crenças e julgamentos individuais. Em outras palavras, a relação de interpretação é subjetiva e revela, sim, do ponto de vista de Carlson e Marcu, uma ligação com a atitude positiva do falante.

No exemplo da figura 3.17, a afirmação de que “viemos de outro planeta”, que interpreta as informações anteriores, contém certo grau de ironia, o que denota subjetividade. O mesmo ocorre no exemplo da figura 3.18, em que o falante faz um comentário a respeito da

engorda de gado na Europa. Nesse caso, o falante expõe um julgamento da situação apresentada, também revelando uma atitude positiva por parte do professor.

Após a análise de todas as ocorrências, pode-se concluir que a explicação de Carlson e Marcu (2001) complementa a definição de Mann e Thompson (1988) no que se refere à descrição do conteúdo do satélite da relação de interpretação. No que diz respeito à relação ou não das informações do satélite com a atitude positiva do falante, a análise do *corpus* sugere que não há como desconsiderar a subjetividade das informações, levando à conclusão de que a definição de Carlson e Marcu quanto à atitude positiva é a que melhor explica a relação de interpretação.

O uso recorrente dessa relação no gênero analisado também sugere uma preocupação do professor em auxiliar ou até mesmo guiar os alunos na interpretação das informações apresentadas na aula. O objetivo de uma aula expositiva é apresentar de maneira clara e compreensível as informações que compõem determinado conteúdo aos alunos. Portanto, para se certificar de que a mensagem tenha sido compreendida, o professor utiliza recursos como a relação de interpretação. As análises de outras relações retóricas encontradas no *corpus* demonstram que a utilização dessas relações tem, de forma geral, o mesmo objetivo: assegurar a compreensão dos alunos.

3.1.2.3 Relação de avaliação

Conforme Mann e Thompson (1988), a relação de avaliação diz respeito ao conteúdo informacional, agindo sobre a organização das informações e conduzindo o destinatário ao reconhecimento do valor atribuído às partes do texto.

| Nome da relação | Restrições sobre o N e S separadamente | Restrições sobre o par N+S | Intenção do F |
|-----------------|--|---|--|
| Avaliação | Nenhuma | em N + S: S relaciona N com um grau de atitude positiva de F face a N | D reconhece que S confirma N e reconhece o valor que lhe foi atribuído |

Quadro 3.5: definição da relação de avaliação (MANN; TABOADA, 2010)

A relação retórica de avaliação consiste em acrescentar um comentário avaliativo do falante a uma situação. Foram encontradas no *corpus* seis ocorrências dessa relação marcada pelo MD *então*, todas no nível microestrutural das aulas. Os exemplos a seguir demonstram o funcionamento do item na estrutura retórica:

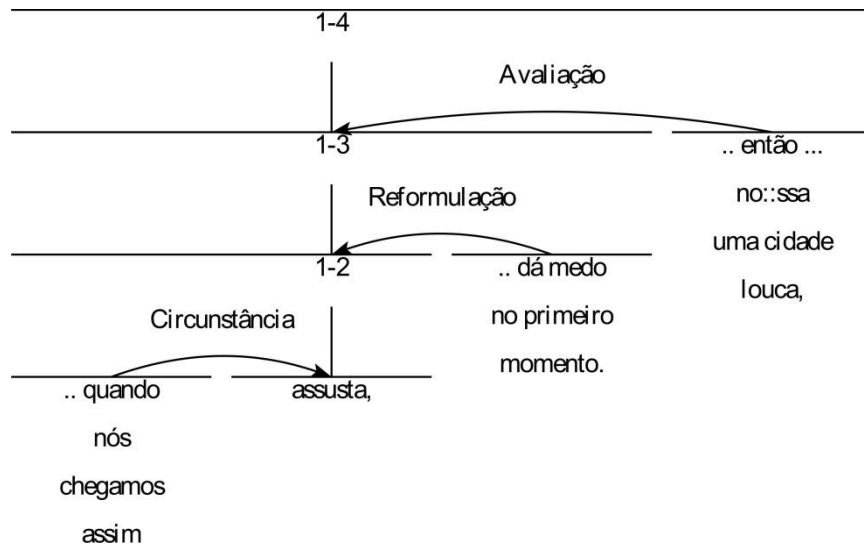


Figura 3.19: diagrama com relação de avaliação na microestrutura – MD introduz comentário avaliativo



Figura 3.20: diagrama com relação de avaliação na microestrutura – MD introduz comentário avaliativo

O núcleo da relação de avaliação, como se pode observar nos exemplos, apresenta uma situação ou elemento em discussão que será posteriormente avaliado pelo falante, ou seja, o comentário que estará contido no satélite da relação.

A constatação do uso de adjetivos qualificativos, atribuindo subjetividade à caracterização construída pelo falante, e o prolongamento de vogal em *no::ssa* contribuem para a identificação da relação retórica de avaliação. Os adjetivos *louca* e *pesado* denotam subjetividade e apontam para o caráter avaliativo do enunciado que constitui o satélite da relação, introduzido pelo MD *então*.

3.1.3 No nível dos atos-de-fala

Nesse nível de atuação do MD *então*, as relações marcadas apresentam uma ação que se baseia em um ato-de-fala no qual o falante apresenta uma motivação para realizá-lo. As relações que ocorrem nesse nível são de preparação e motivação.

3.1.3.1 Relação de preparação

A metodologia de análise da relação de preparação diferencia-se da utilizada no estudo das outras relações. Enquanto nas análises anteriores buscou-se identificar a relação existente entre a porção introduzida pelo MD e as porções antecedentes, nesta análise deve-se buscar relacionar a porção introduzida pelo *então* e as porções que se seguem. Essa modificação se dá devido à posição anteposta do satélite da relação de preparação em relação às outras analisadas.

Na relação de preparação, conforme Mann e Thompson (1988), o satélite tem a função de preparar o destinatário para ler o núcleo, como mostra o quadro de definição:

| Nome da relação | Restrições sobre N e S separadamente | Restrições sobre o par N+S | Intenção do F |
|-----------------|--------------------------------------|--|--|
| Preparação | Nenhuma | S precede N no texto; S tende a fazer com que D esteja mais preparado, interessado ou orientado para ler N | D está mais preparado, interessado ou orientado para ler N |

Quadro 3.6: definição da relação de preparação (MANN; TABOADA, 2010)

A relação de preparação é classificada como relação de apresentação por estar relacionada à intencionalidade do falante em relação ao processo de interação e ao comportamento do destinatário. A função da relação é a de chamar a atenção do destinatário para a informação apresentada posteriormente. Foram encontradas 16 ocorrências da relação de preparação no *corpus*, 10 no nível microestrutural e 6 na macroestrutura textual.

Na microestrutura textual, as ocorrências apresentam o mesmo comportamento do MD na relação de preparação: na introdução de perguntas retóricas. É possível observar esse padrão nos exemplos a seguir:

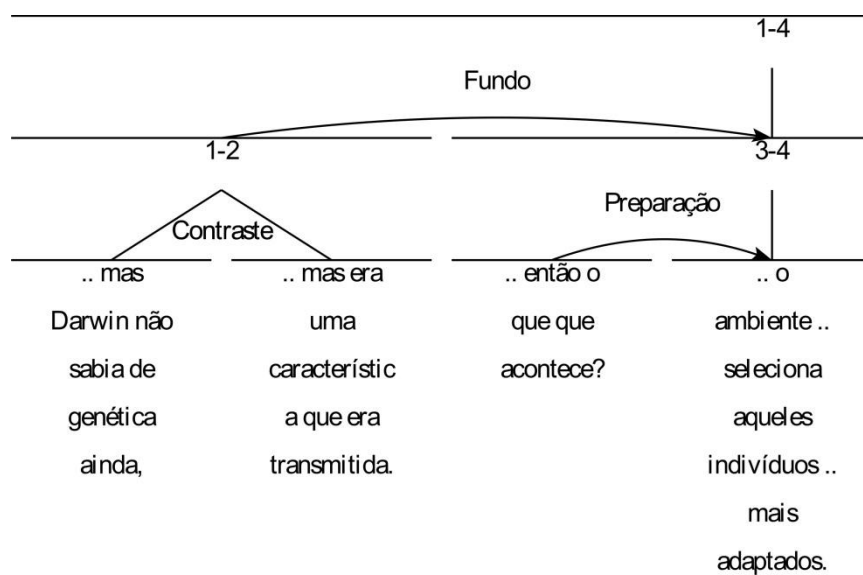


Figura 3.21: diagrama com relação de preparação na microestrutura – MD introduz pergunta retórica

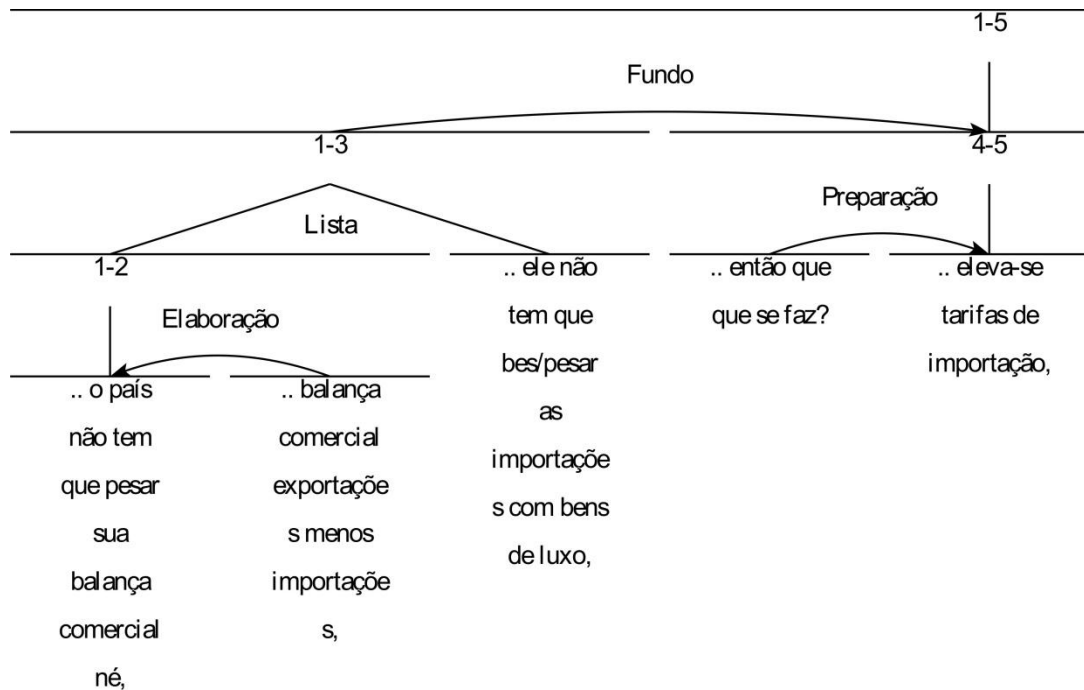


Figura 3.22: diagrama com relação de preparação na microestrutura – MD introduz pergunta retórica

Nos exemplos apresentados, os professores não demonstram aguardar pela resposta dos alunos; pelo contrário, trata-se de perguntas retóricas (ANTONIO; TAKAHASHI-BARBOSA, 2012), em que os próprios professores apresentam a resposta para a questão que formularam. Essa é uma estratégia para chamar a atenção dos alunos para a informação a ser apresentada em seguida. No exemplo da figura 3.23, pode-se observar com clareza essa estratégia. O professor está descrevendo a estrutura do trabalho científico a ser entregue pelos alunos e, para introduzir as informações acerca do conteúdo e formatação da folha de rosto, faz uma pergunta retórica no intuito de despertar o interesse dos alunos para as informações seguintes. Esse comportamento do falante denota sua preocupação como professor em relação à aquisição e à memorização de informações importantes pelos alunos.

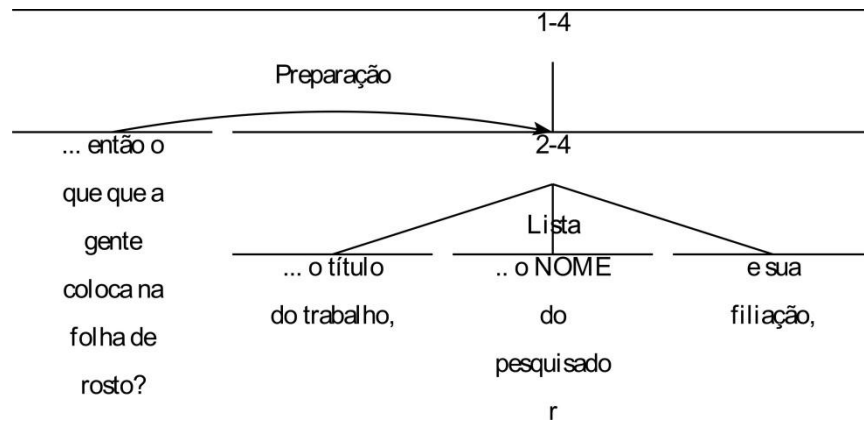


Figura 3.23: diagrama com relação de preparação na microestrutura – MD introduz pergunta retórica

No que diz respeito à macroestrutura textual, a relação de preparação tem a função de iniciar segmentos tópicos. O uso do MD *então* nessa situação, tendo em vista o caráter prototípico do item como responsável pela abertura de tópicos, é comum e frequente.

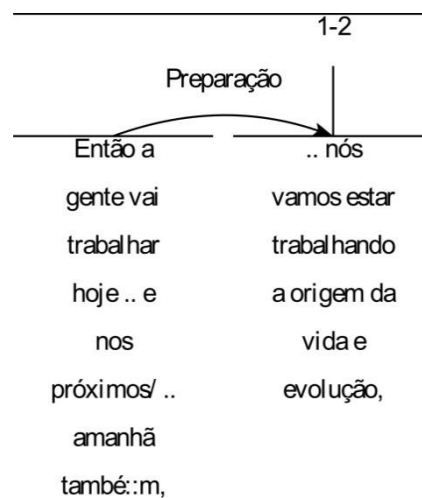


Figura 3.24: diagrama com relação de preparação na macroestrutura – MD na abertura de tópico

O exemplo da figura 3.24 é o início de uma das elocuições que compõem o *corpus*. O professor inicia a aula com o MD *então* realizando a abertura do supertópico discursivo que apresenta o tema a ser discutido. A aula é dividida em tópicos que atuarão como subtópicos do supertópico inicial.

Em relação a essa ocorrência singular do MD no início do discurso, Risso (2006) faz uma observação muito pertinente. Segundo a autora, o uso do *então* na abertura de encontro entre interlocutores ainda configura, mesmo não tão nitidamente, a característica anafórica do item. Nesse tipo de construção, a retroação se dá fora da superfície do texto em curso, apoiada

nos conhecimentos partilhados, na convivência, nos acontecimentos, na cumplicidade entre interlocutores. Sendo assim, pode-se sugerir que o uso aparentemente atípico do MD *então* na abertura do discurso é natural, tendo em vista a relação de cumplicidade e os conhecimentos partilhados por professor e alunos no cotidiano em sala de aula. O item é usado, no caso do exemplo apresentado, para estabelecer uma relação com as aulas anteriores e preparar a turma para a aula que se segue.

Os outros exemplos presentes no *corpus*, atuando na macroestrutura textual, apresentam também o MD *então* introduzindo o satélite da relação de preparação, que tem a função de realizar a abertura de tópicos e subtópicos da aula.

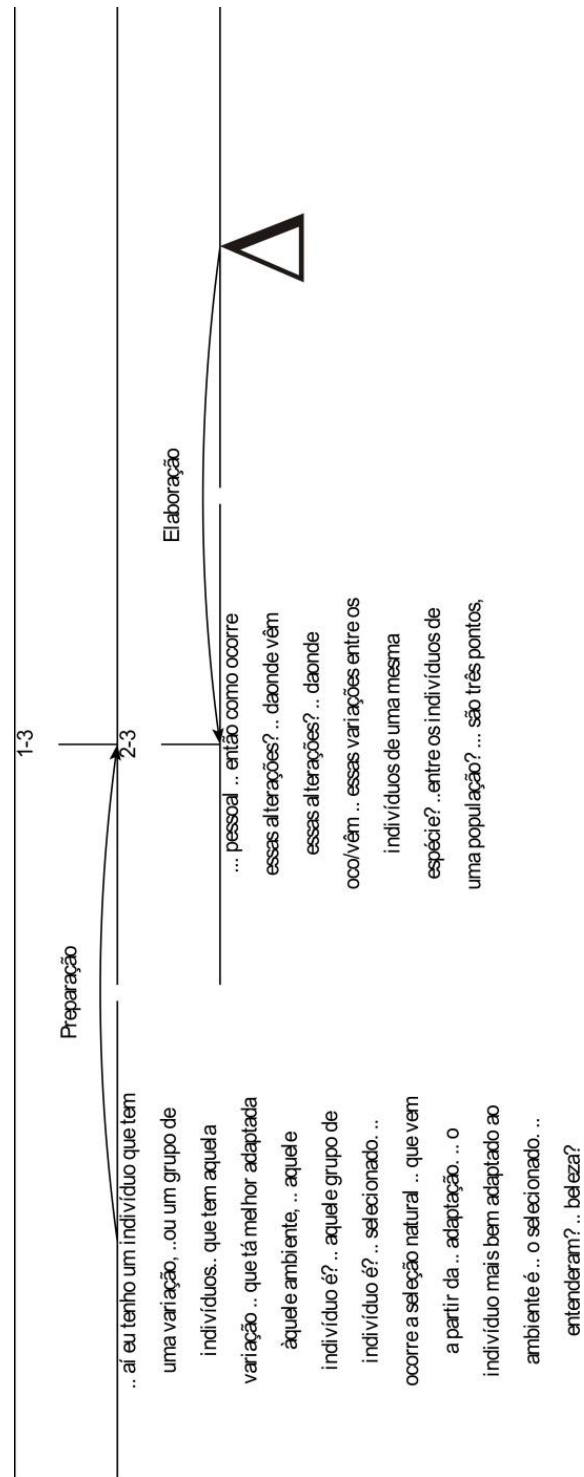


Figura 3.25: diagrama com relação de preparação na macroestrutura – MD na abertura de tópico

Nesse exemplo¹⁰, por meio da pergunta retórica “*então* como ocorre essas alterações?”, o professor faz a abertura do tópico que se subdividirá em três subtópicos,

¹⁰O símbolo Δ representa o restante da aula, que, devido a sua extensão, não poderia ser transcrito no trabalho.

conforme a resposta dada pelo próprio professor: “são três pontos”.O primeiro subtópico é “mutação”, o segundo é “recombinação gênica”. O terceiro tópico, segundo o professor, será tratado na aula seguinte, por falta de tempo.

A relação de preparação tem um papel relevante na progressão do discurso, pois é por meio dela que o professor organiza os tópicos e antecipa aos destinatários a forma como o discurso será apresentado e os possíveis tópicos a serem tratados.

3.1.3.2 Relação de motivação

| Nome da relação | Restrições sobre N e S separadamente | Restrições sobre o par N+S | Intenção do F |
|-----------------|---|---|--|
| Motivação | em N: N é uma ação em que D é o ator (incluindo a aceitação de uma oferta), não realizada face ao contexto de N | a compreensão de S aumenta a vontade de D para executar a ação em N | a vontade de D para executar a ação em N aumenta |

Quadro 3.7: definição da relação de motivação (MANN; TABOADA, 2010)

Foram encontradas no corpus 45 ocorrências da relação de motivação. Como pode ser observado no quadro apresentado, o uso da relação de motivação, como o próprio nome já esclarece, tem como objetivo motivar o falante a realizar determinada ação, como no exemplo a seguir:

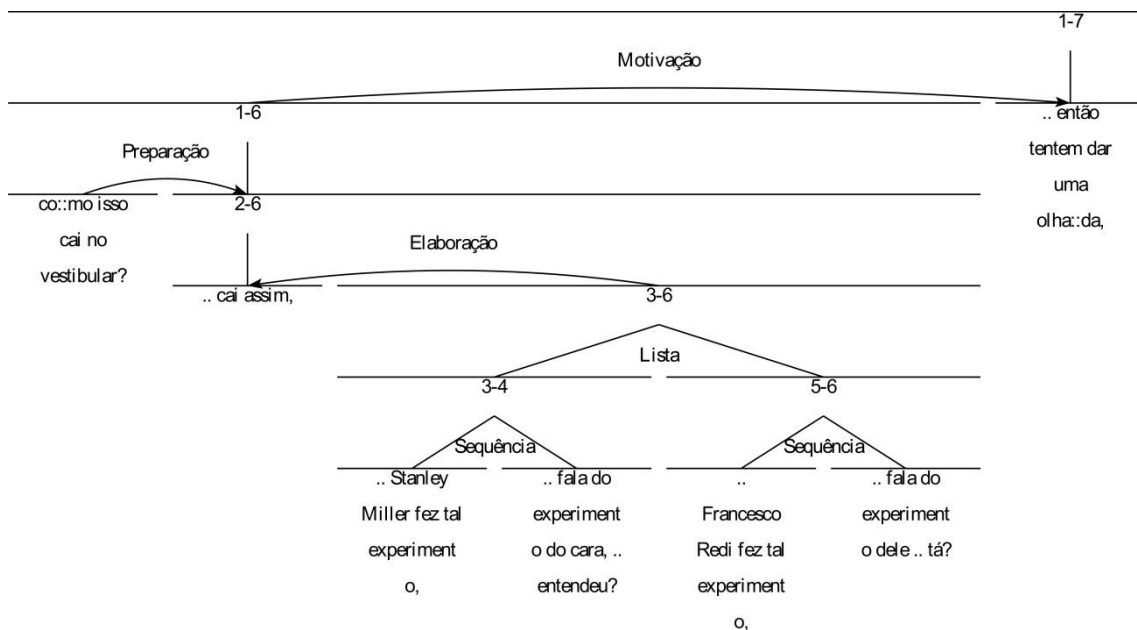


Figura 3.26: diagrama com relação de motivação na microestrutura

O satélite da relação nesse exemplo é composto pela informação de que o assunto em questão na aula será cobrado no vestibular. O núcleo apresenta a ação que deve ser executada pelo destinatário: dar uma olhada no conteúdo. A informação de que o conteúdo será cobrado na prova é o motivo pelo qual os alunos devem estudar o assunto.

O que se tem nos exemplos seguintes é um convite ou uma sugestão quanto ao que os alunos devem fazer em relação ao conteúdo da aula ou quanto às atividades propostas pelo professor. Observa-se que a intenção do professor é levar os alunos a realizarem alguma tarefa. Entretanto, não há uma situação apresentada como motivação. Pode-se inferir que o professor considere sua posição hierárquica no ambiente escolar e, conseqüentemente, seu conhecimento acerca do que é importante se fazer em relação à disciplina ministrada por ele, motivação para que os alunos considerem ser imprescindível a realização da tarefa proposta. Os exemplos a seguir demonstram esse tipo de ocorrência da relação:

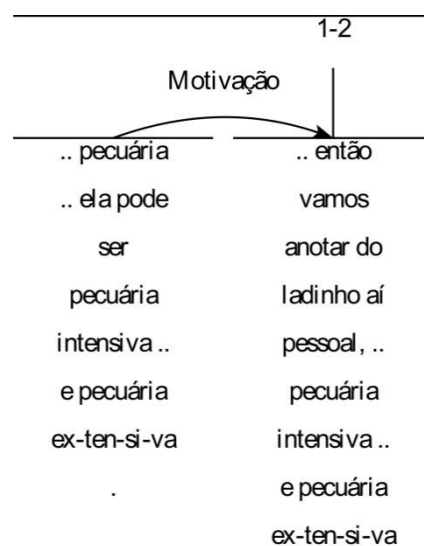


Figura 3.27: diagrama com relação de motivação na microestrutura

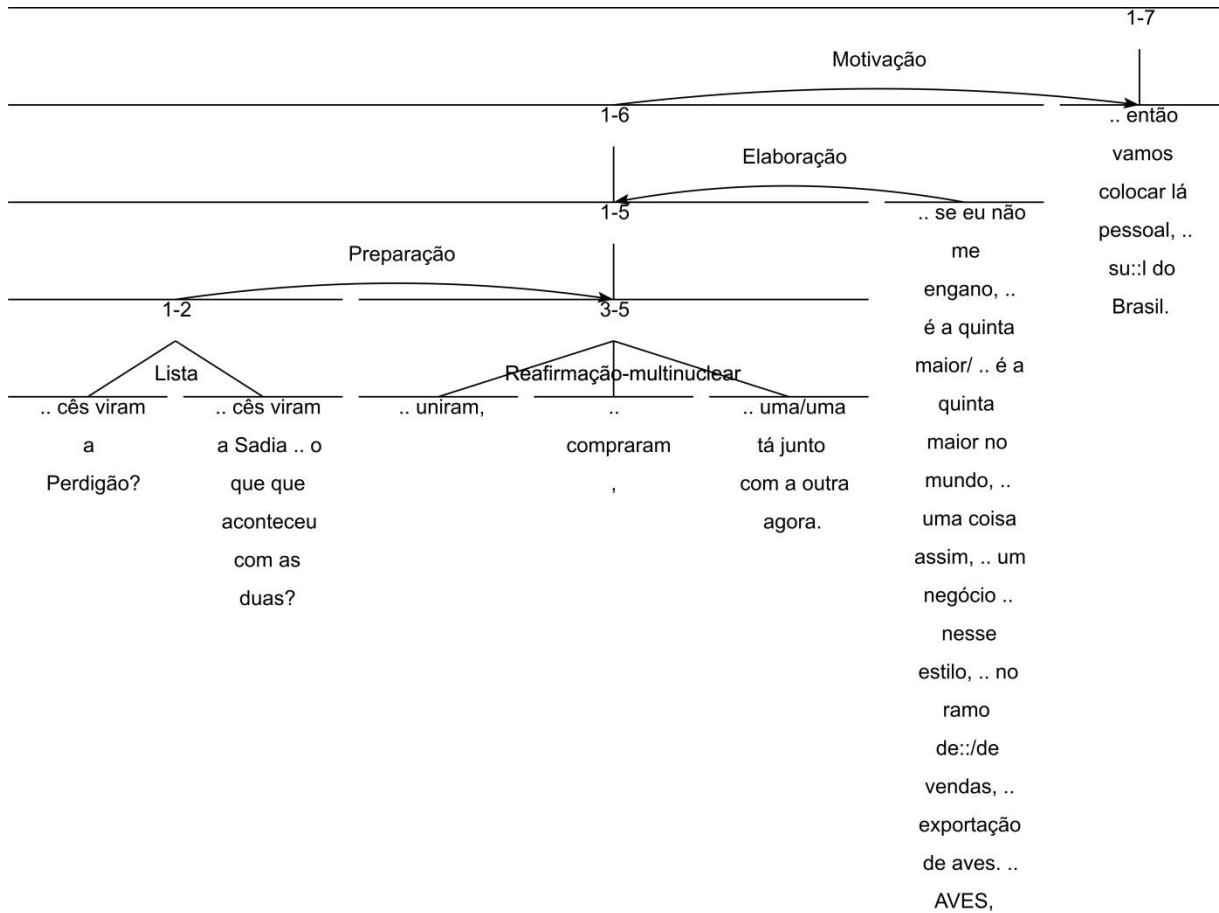


Figura 3.28: diagrama com relação de motivação na macroestrutura

Em ambos os casos, o professor apresenta a situação nuclear, ou seja, a tarefa a ser realizada, porém não torna explícita a motivação. Pode-se, entretanto, perceber que sua posição como professor é válida como motivo, já que seu conhecimento em relação ao que é importante no ambiente da sala de aula e a imagem que tem de si mesmo o torna “apto” a dizer o que precisa ser feito. Os alunos, por sua vez, podem considerar a posição do professor um motivo para seguir suas sugestões.

No que se refere ao MD *então* atuando na relação de motivação, pode-se inferir que a relação consecutiva atribuída ao item torna possível seu uso em construções que, entre uma porção e outra, se estabelece uma relação de consequência motivada, ou seja, a situação apresentada no satélite pode levar à realização da situação apresentada no núcleo.

3.1.4 No nível da estruturação tópica

Nesse nível de atuação, o MD *então* marca relações que, conforme Carlson e Marcu (2001), são consideradas necessárias na organização da estrutura retórica, como a relação de Retomada¹¹ (tradução nossa), que serviu de base nesta pesquisa para a análise da retomada de tópico após inserção, e Parentética¹²(tradução nossa), que explica as ocorrências de inserções parentéticas no *corpus*. Neste trabalho, as relações foram nomeadas respectivamente Retomada e Parentética.

3.1.4.1 Relação de retomada

Após a análise do corpus, foram encontradas 27 ocorrências do MD *então* estabelecendo ligação entre porções separadas por uma interrupção, como demonstra o exemplo a seguir:

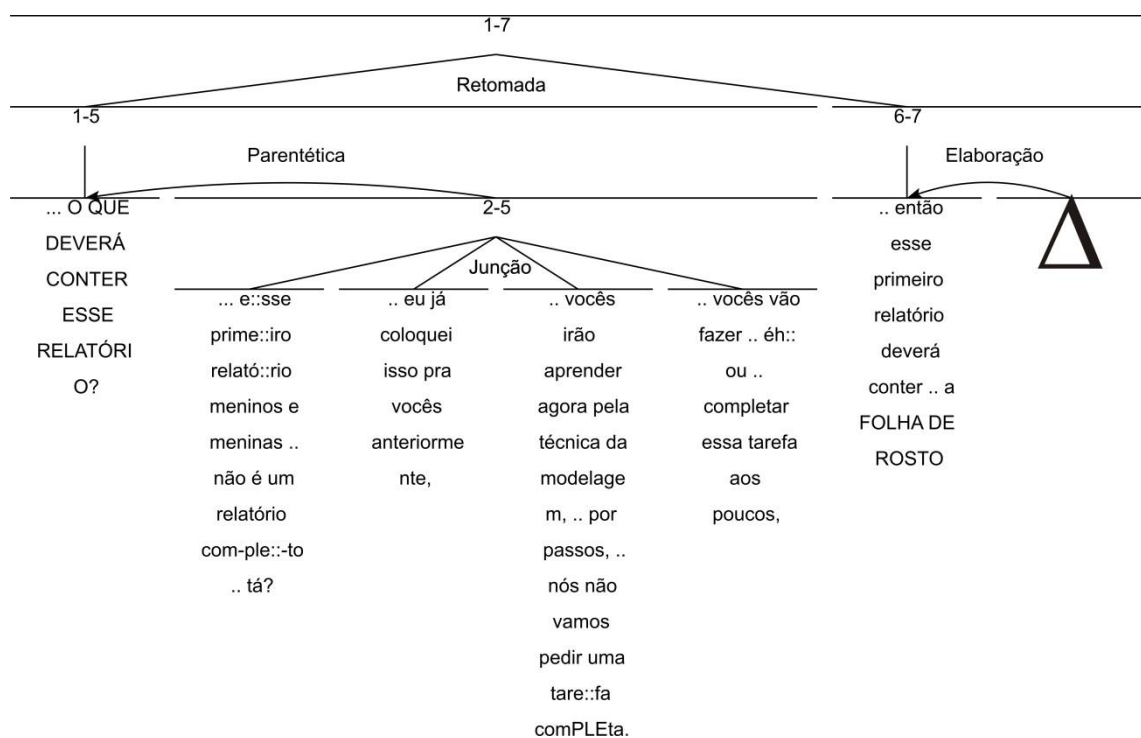


Figura 3.29: diagrama com relação de retomada na macroestrutura

No exemplo da figura 3.29, o professor, após iniciar a explicação acerca do que deveria conter o relatório, faz uma inserção parentética em que tece alguns comentários sobre a atividade a ser realizada pela turma. Após a inserção, o professor retoma a explicação a

¹¹Same-unit

¹²Parenthetical

respeito do conteúdo do relatório e para isso utiliza o MD *então*, que atua como um elo, conectando as porções separadas.

Risso (2006), ao analisar as funções desempenhadas pelo MD *então* na articulação, afirma que uma das funções do item é a de retomada tópica após inserção. Conforme a autora

A direção anafórica do marcador deixa, nessas circunstâncias, de retroagir diretamente para a porção discursiva imediatamente contígua e precedente e passa a instrução para que o interlocutor reate os elos com uma sequência textual anterior pouco mais distante, temporariamente suspensa pela interposição do segmento inserido. (RISSO, 2006, p. 461)

Jubran (1996) também afirma que o uso de conectivos que atam a oração posterior à anterior ao parêntese, como os marcadores discursivos sequenciadores, são um traço prototípico da inserção parentética, e os exemplos encontrados no *corpus* comprovam essa afirmação.

Risso (2006) ainda ressalta que a retomada feita pelo item é uma evidência do domínio e monitoramento do interlocutor sobre a fala e sobre as informações focais e incidentes. A retomada focaliza a informação principal e, conseqüentemente, rotula a inserção como uma informação secundária. No exemplo seguinte, é possível notar a focalização feita pelo locutor.

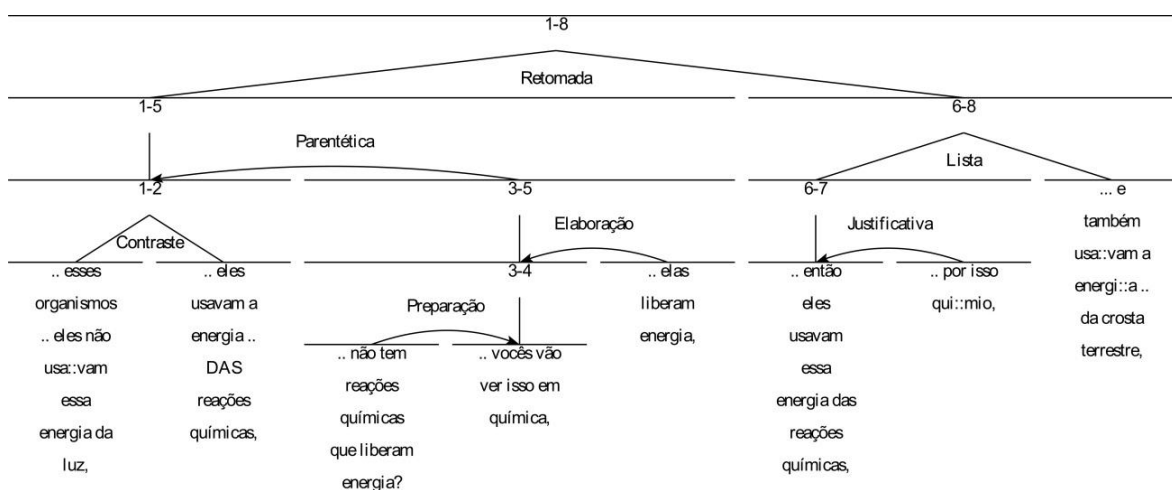


Figura 3.30: diagrama¹³ com relação de retomada na macroestrutura

Nesse exemplo, o professor interrompe o fluxo de informação e interage com os alunos por meio de uma pergunta retórica e uma afirmação a respeito do que eles estudarão

¹³ No diagrama, na relação de justificativa, a porção de texto que funciona como satélite (a oração causal) apresenta o motivo que levou o falante a realizar o ato de fala veiculado pela porção nuclear.

em outra disciplina, e em seguida retoma o fluxo a partir da última fala antes da interrupção, introduzida pelo MD *então*. Observa-se que o parafraseamento, a repetição parcial ou literal da porção anterior à interrupção, estratégia usada em todas as ocorrências do *corpus*, é um recurso utilizado pelo falante para retomar e, ao mesmo tempo, focalizar a informação mais importante, destacando-a em relação à informação contida na inserção.

Silva e Crescitelli (2006) afirmam que a retomada consiste em dar continuidade a um segmento suspenso por meio de repetições que, segundo as autoras, podem ocorrer no nível lexical, por meio da repetição de um item lexical, no nível sintático, através da repetição a estrutura sintática, ou ainda no nível semântico, através do uso de sinônimos.

A recorrência da retomada no *corpus* aponta para uma característica comum à fala: a fragmentação. Koch (2006) afirma que o fluxo discursivo é localmente planejado e apresenta descontinuidades frequentes, por razões cognitivas, interacionais e pragmáticas. A retomada, portanto, é necessária e recorrente na oralidade. Entretanto, embora esse fenômeno seja comum, não existe uma relação retórica criada para esse tipo de ocorrência no rol de relações estabelecido por Mann e Thompson (1988).

Nos estudos de Carlson e Marcu (2001), porém, existe uma chamada pseudorelação multinuclear, criada pelos autores para marcar a ligação entre porções textuais separadas por uma porção com função apositiva ou função parentética. Os autores denominam essa pseudorelação de *same-unit*, e o próprio nome já deixa claro que a intenção é mostrar que ambas as porções fazem parte de uma mesma unidade, porém separadas por uma inserção. Essa pseudorelação serviu de base para a criação, neste trabalho, da relação retórica de retomada.

| Nome da relação | Condições em cada par de N | Intenção do F |
|------------------------|---|--|
| Retomada | os Ns apresentam informações que, juntas, constituem uma única proposição | D reconhece que as informações apresentadas constituem uma única proposição; separadas não fazem sentido |

Quadro 3.8: definição da relação de retomada (CARLSON; MARCU, 2001)

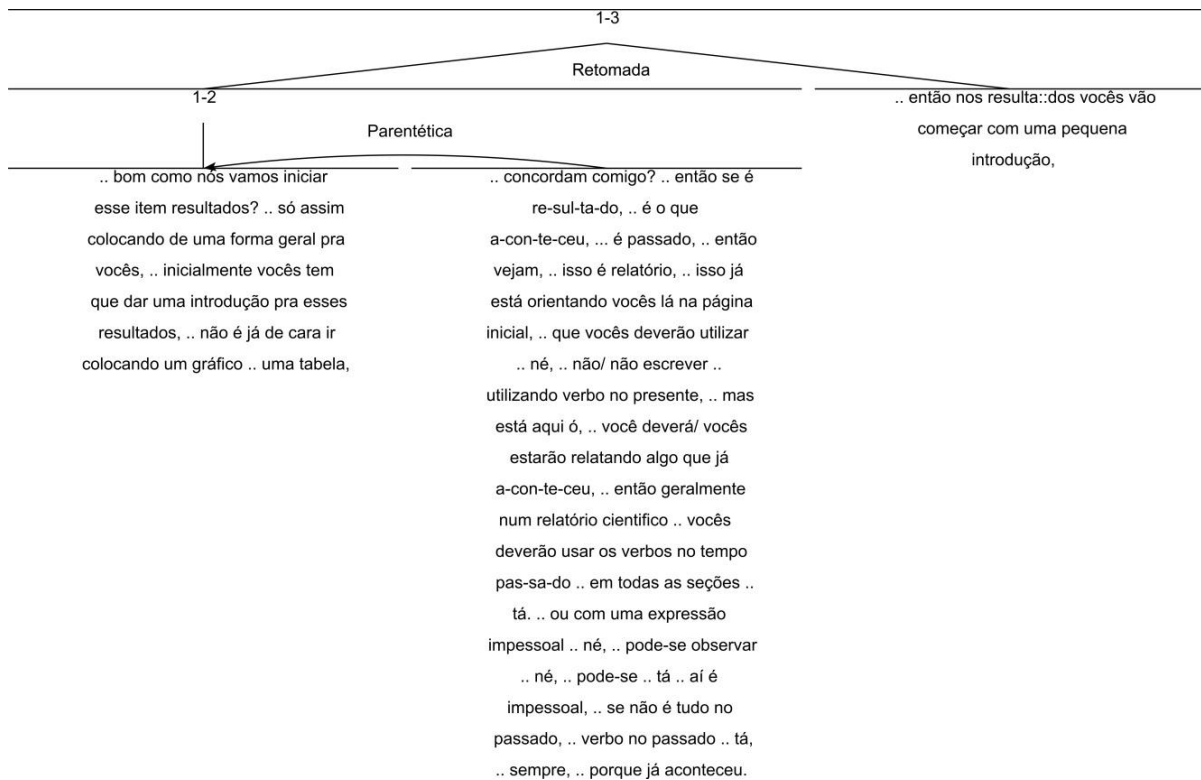


Figura 3.31: diagrama com relação de retomada na macroestrutura

No diagrama arbóreo da relação de retomada, as duas porções separadas estão ligadas por um esquema de relação multinuclear, formado por duas linhas retas que se encontram, e a porção que interrompe o fluxo de informação exerce a função de satélite de uma relação que se estabelece com a porção que a antecede, como mostra o diagrama anterior (cf. figura 3.31). É importante ressaltar que, visto que o presente trabalho tem como objetivo analisar apenas as relações estabelecidas pelo MD *então*, não serão discutidas aqui as relações que se estabelecem entre as inserções e as porções anteriores a elas.

3.1.4.2 Relação parentética

Segundo Jubran (2009), a inserção de segmentos que não pertencem ao tópico discursivo em que se encaixam por não integrarem o conjunto de referentes que compõem o tópico é denominada inserção parentética. As inserções provocam um desvio do tópico, que é interrompido para, em seguida, ser retomado.

O *corpus* apresenta três ocorrências de inserções parentéticas introduzidas pelo MD *então*. Faz-se necessário, portanto, compreender as relações que se estabelecem entre as inserções e a porção interrompida.

Dentre as relações retóricas estabelecidas por Mann e Thompson (1988), não há nenhuma menção sobre as inserções parentéticas e uma relação específica para casos em que ela ocorre. A existência de uma relação parentética é defendida por Carlson e Marcu (2001) e Pardo (2005). Pardo (2005) postula que a relação *parenthetical*, ou parentética, como será tratada aqui, indica a existência de uma informação extra que não pertence ao corpo do texto. O autor define a relação como núcleo-satélite, na qual a inserção constitui o satélite que se liga a porção nuclear, constituída pela porção anterior, interrompida.

Com base na definição da relação proposta por Pardo (2005), é possível elaborar o seguinte quadro:

| Nome da relação | Restrições sobre N e S separadamente | Restrições sobre o par N+S | Intenção do F |
|-----------------|--------------------------------------|--|--|
| Parentética | Nenhuma | S apresenta informação extra relacionada a N, complementando N; S não pertence ao fluxo principal do texto | D reconhece que S apresenta informação extra relacionada a N |

Quadro 3.9: definição da relação parentética (PARDO, 2005)

As relações parentéticas encontradas no *corpus* foram as seguintes:

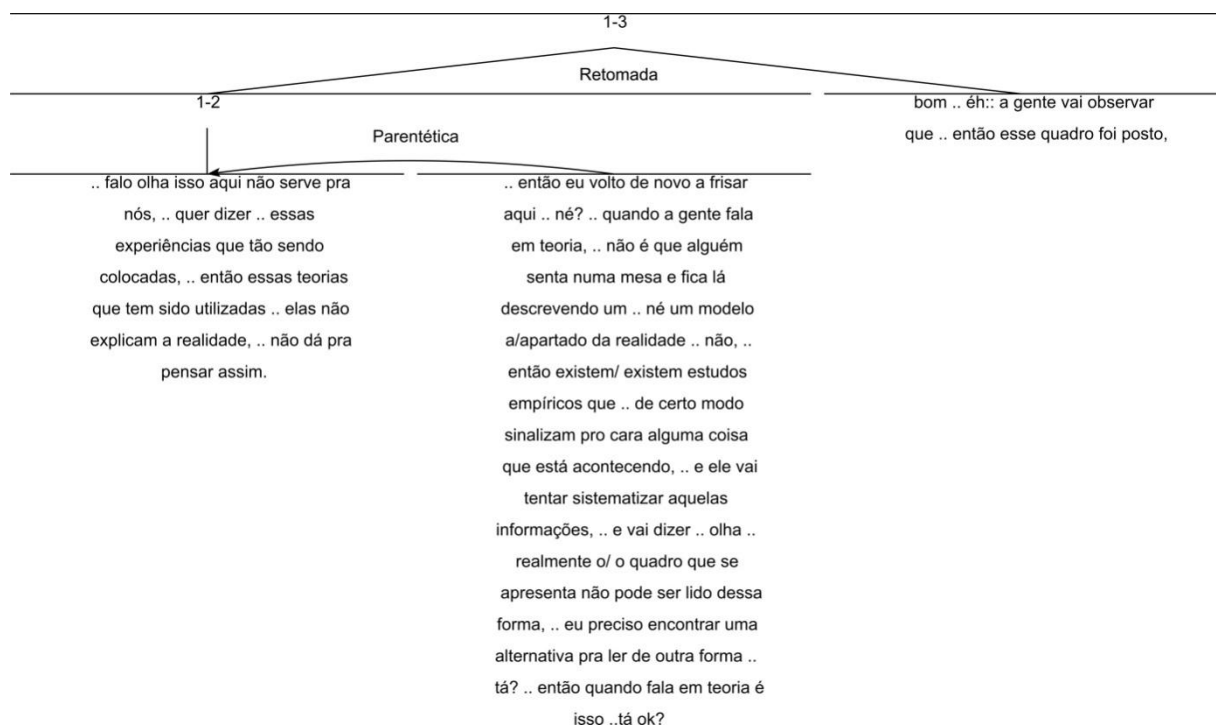


Figura 3.32: diagrama com relação parentética na macroestrutura

No exemplo da figura 3.32, o professor, ao tratar de teorias econômicas durante a aula, faz uma pausa e insere uma explicação acerca do conceito de teoria, introduzindo-a por meio do MD *então*. Após a inserção, o professor retoma o tópico interrompido e prossegue com a aula. O mesmo ocorre nos exemplos a seguir:

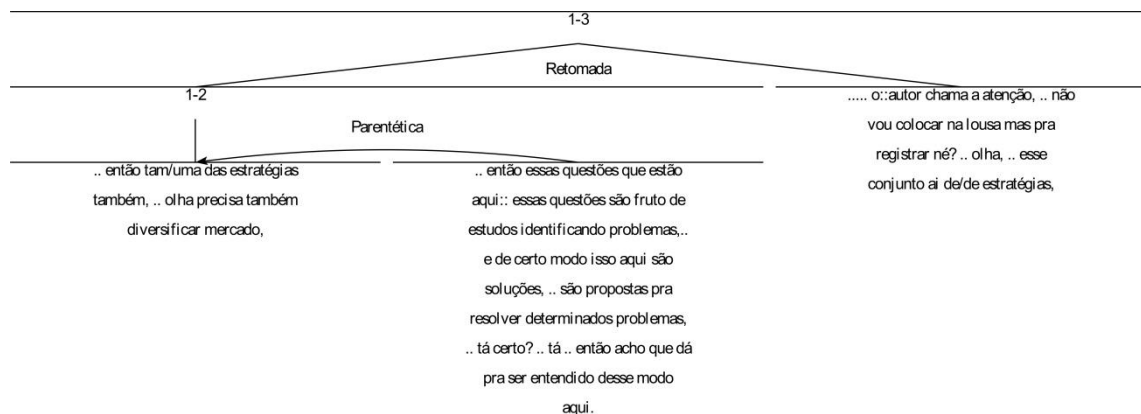


Figura 3.33: diagrama com relação parentética na macroestrutura

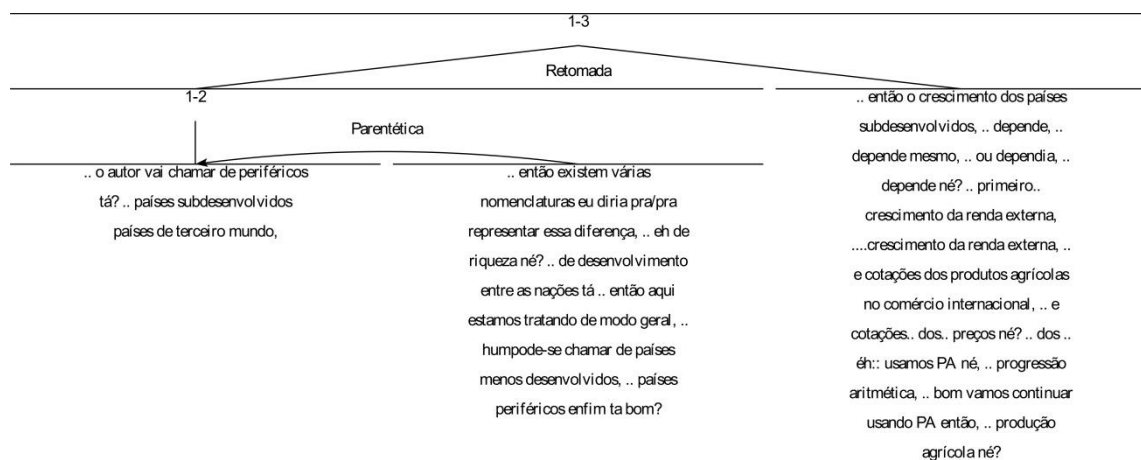


Figura 3.34: diagrama com relação parentética na macroestrutura

3.2 Relações em que o MD *então* indica sucessão

O *então* pode indicar sucessão entre eventos, ideias ou tópicos discursivos. Em cada tipo de uso, o MD marca uma relação diferente. A análise do *corpus* demonstrou que o MD pode marcar relação de sequência no nível das ideias. No nível das ações, o *então* pode marcar relações de solução, resumo, reformulação, e reafirmação multinuclear.

3.2.1 No nível das ideias

3.2.1.1 Relação de sequência

A relação de sequência é definida por Mann e Thompson (1988) como uma relação de sucessão (cronológica) entre as situações apresentadas nos núcleos, como mostra o quadro:

| Nome da relação | Condições em cada par de N | Intenção do F |
|-----------------|--|--|
| Sequência | Existe uma relação de sucessão entre as situações apresentadas nos núcleos | D reconhece as relações de sucessão entre os núcleos |

Quadro 3.10: definição da relação de sequência (MANN; TABOADA, 2010)

O uso do MD *então* na relação de sequência, estabelecendo sucessão, pode levá-lo a ser confundido com o advérbio *então*. Isso acontece porque, conforme Schiffrin (1992), parece tratar-se de advérbioquando o tempo discursivo espelha o tempo dos eventos, mas, como eventos que se sucedem podem atuar em outras estruturas discursivas, pode haver isomorfismo entre tempo discursivo, tempo do evento e tempo da ideia.

Foram encontradas no *corpus* cinco ocorrências da relação de sequência marcadas pelo *então*. Todas as ocorrências encontram-se na microestrutura textual. O exemplo a seguir demonstra o padrão de ocorrência da relação:

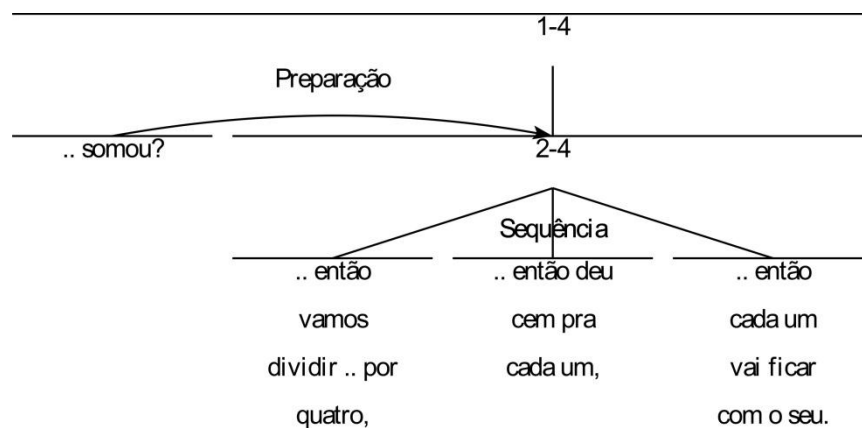


Figura 3.35: diagrama com relação de sequência na microestrutura

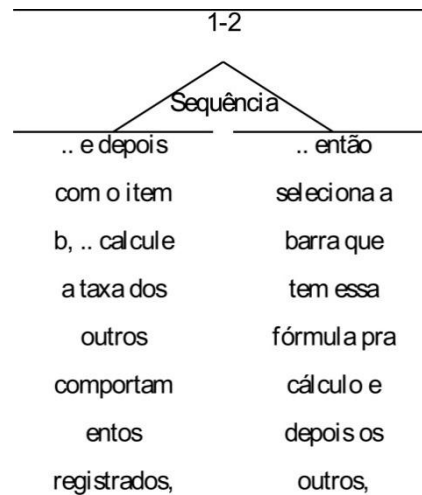


Figura 3.36: diagrama com relação de sequência na microestrutura

Nos exemplos das figuras 3.35 e 3.36, o professor descreve uma sequência de ações que deve ser seguida pelos alunos. A relação existente entre essas ações é assimétrica¹⁴, não havendo a possibilidade de alterar a ordem das ações sem prejudicar o sentido.

A assimetria é uma característica básica da relação de sequência. Para os casos em que a ordem das porções pode ser invertida sem que haja perda de sentido, a RST estabelece uma outra relação: a de lista. Essa relação não foi encontrada no *corpus* marcada pelo MD *então*. Isso permite a inferência de que, por se tratar de um item que apresenta uma tendência estabilizadora definida pela recorrência do item em estruturas sintático-semânticas de expressão temporal (RISSO, 2006), o item em discussão neste trabalho não favoreceria uma relação retórica de lista.

3.2.2 No nível das ações

3.2.2.1 Relação de solução

A relação de solução é definida por Mann e Thompson (1988, p. 272) da seguinte maneira:

¹⁴ Entende-se por assimétrica a relação existente entre elementos coordenados que não podem permutar por seguirem uma sequência temporal.

| Nome da relação | Restrições sobre N e S separadamente | Restrições sobre o par N+S | Intenção do F |
|-----------------|--------------------------------------|--|---|
| Solução | em S: S apresenta um problema | N constitui uma solução para o problema apresentado em S | D reconhece N como uma solução para o problema apresentado em S |

Quadro 3.11: definição da relação de solução (MANN; TABOADA, 2010)

A relação de solução é expressa por perguntas e respostas. A pergunta constitui o satélite contendo o problema, enquanto a resposta constitui o núcleo que apresenta a solução. Foram encontradas 3 ocorrências da relação de solução no *corpus*.

Em alguns momentos da aula, o professor pode elaborar questões aos alunos, e vice-versa, e na dinâmica de turnos as respostas compõem o par satélite-núcleo da relação de solução, como no exemplo:

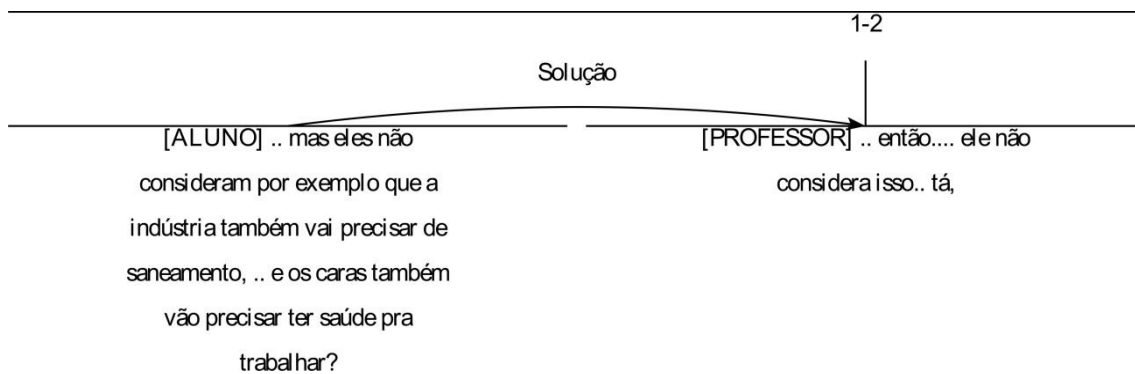


Figura 3.37: diagrama com relação de solução na microestrutura

No exemplo da figura 3.37, a pergunta feita pelo aluno e a resposta dada pelo professor formam o par núcleo-satélite da relação de solução. Esse é um exemplo típico da relação. Entretanto, há uma ocorrência diferente no *corpus*:

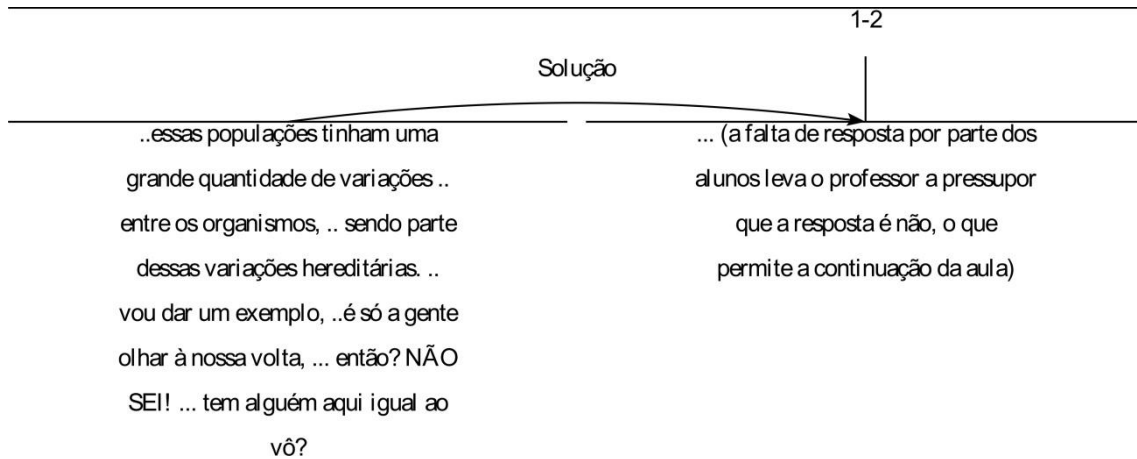


Figura 3.38: diagrama com relação de solução na microestrutura

Antonio e Takahashi-Barbosa (2012), ao analisarem esse tipo de ocorrência, explicam que, nesse caso, a pausa antes do MD demonstra que o professor, ao fazer uma pergunta aos alunos, espera que eles respondam. Entretanto, dada a ausência da resposta, a relação de solução não apresenta uma expressão linguística como núcleo. O que leva o professor a concluir que a resposta dos alunos é negativa é o silêncio. É possível constatar em outros momentos da aula que o professor pressupõe a resposta dos alunos a partir do silêncio, como, por exemplo, quando o professor afirma “.... gente .. quem cala consente”.

No que se refere à atuação do MD nessas relações, pode se inferir que, nos casos em que o item introduz o núcleo da relação (resposta) na dinâmica de turnos, o uso prototípico de *então* na retomada de turno influencia na escolha do falante pelo marcador. Já na ocorrência em que o MD aparece na pergunta (satélite), pode-se inferir que o uso do marcador se deve à possibilidade de esse marcador propiciar a abertura de contato entre interlocutores. No exemplo apresentado, ao perceber a demora dos alunos para responderem à questão, o professor faz uso do MD que indica seu desejo de interagir com seus destinatários e obter algum *feedback*. Essas possibilidades são justificadas com base nos traços do MD *então* definidos por Risso (2006) quanto à sua atuação na dinâmica de turnos (cf. capítulo I).

3.2.2.2 Relação de resumo

O quadro a seguir apresenta a definição da relação de resumo:

| Nome da relação | Restrições sobre N e S separadamente | Restrições sobre o par N+S | Intenção do F |
|-----------------|--------------------------------------|----------------------------|---------------|
|-----------------|--------------------------------------|----------------------------|---------------|

| | | | |
|--------|--|---|---|
| Resumo | em N: N deve ser mais do que uma unidade | S apresenta uma reformulação do conteúdo de N, com um peso inferior | D reconhece S como uma reformulação mais abreviada de N |
|--------|--|---|---|

Quadro 3.12: definição da relação de resumo (MANN; TABOADA, 2010)

Foram encontradas no *corpus* 51 ocorrências da relação de resumo. Na microestrutura, em que foram encontradas 16 ocorrências, a relação de resumo atua como uma reformulação formalmente mais curta das informações apresentadas na porção anterior, sempre maior, composta por mais de uma oração para que possa e precise ser resumida. Os exemplos a seguir demonstram os usos dessa relação no *corpus*.

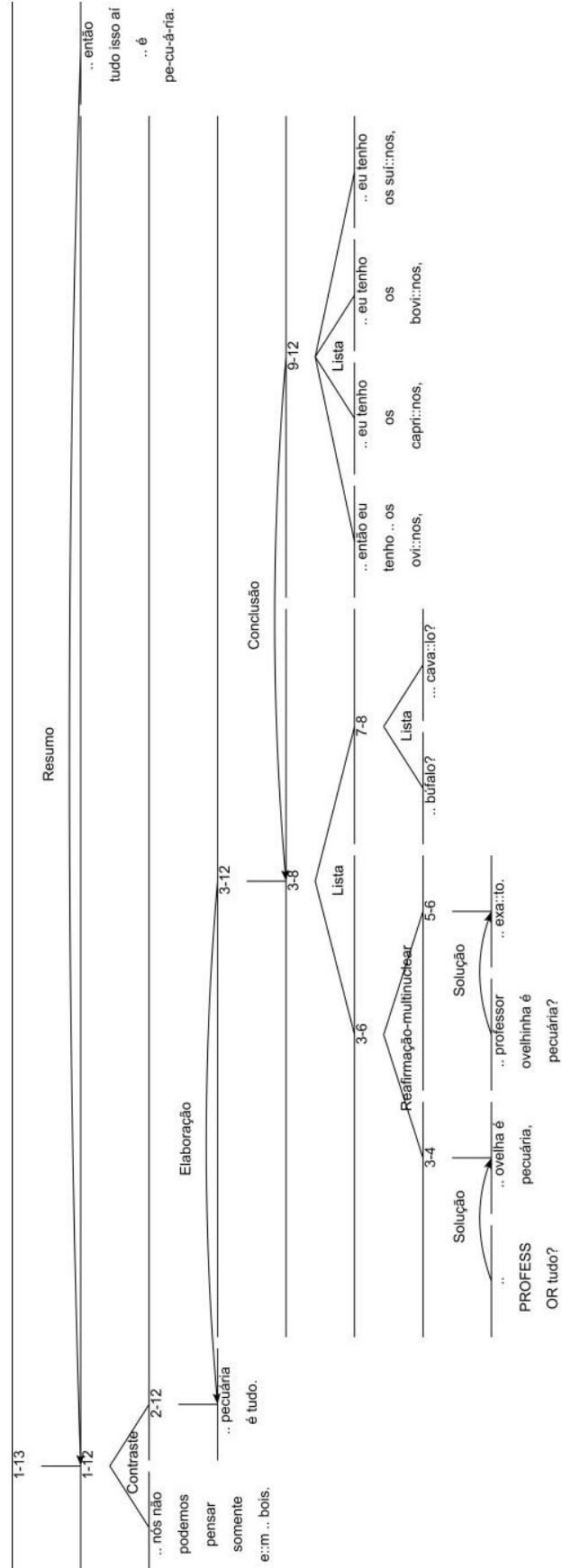


Figura 3.39: diagrama com relação de resumo na microestrutura

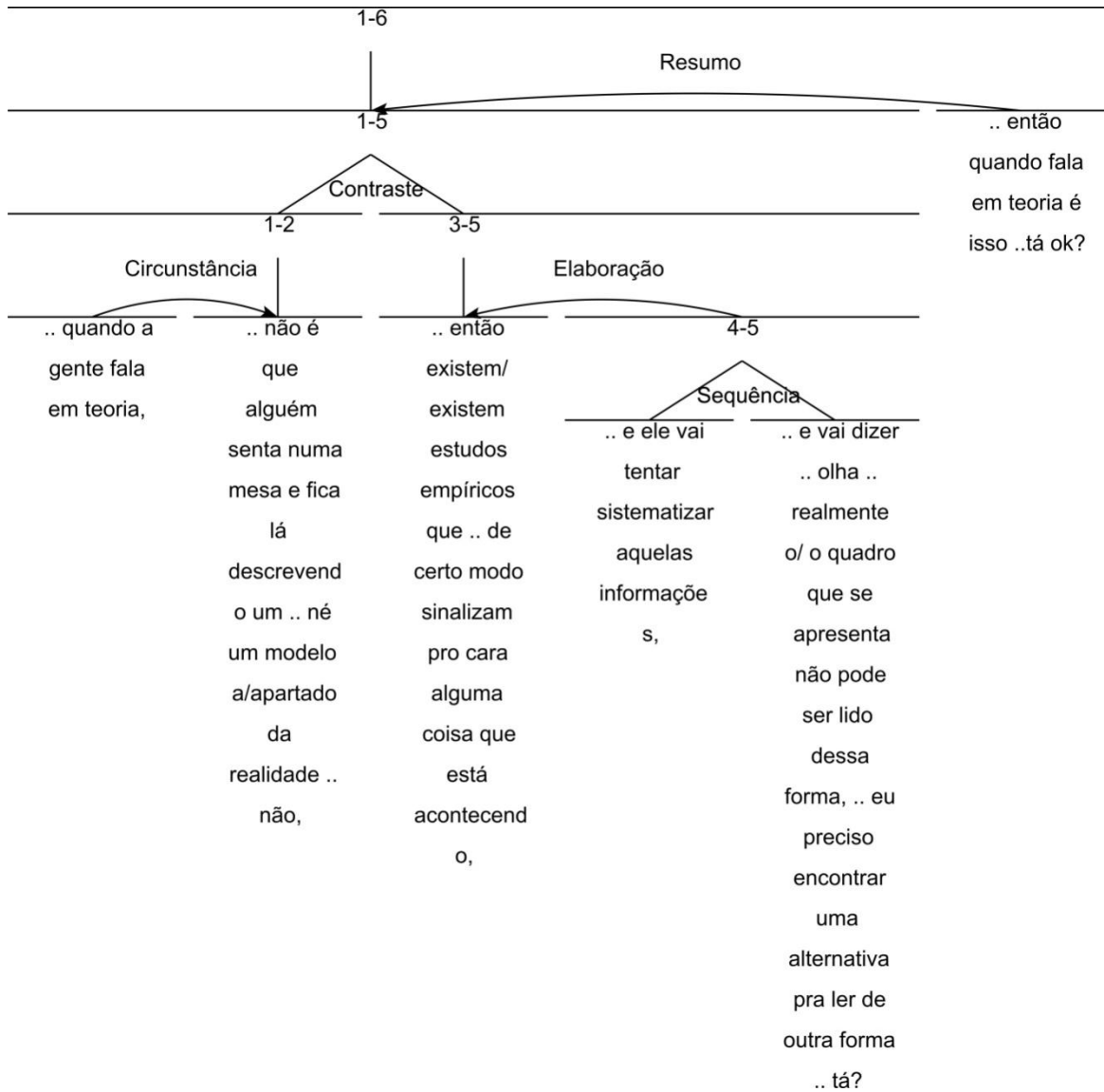


Figura 3.40: diagrama com relação de resumo na microestrutura

Nos exemplos das figuras 3.39 e 3.40, o falante utiliza o pronome *isso* com função encapsuladora, retomando e resumindo toda a porção anterior. A intenção do professor é retomar todas as informações apresentadas a respeito dos termos *pecuária* e *teoria*, reafirmando-as de maneira resumida e, ao mesmo tempo, destacando para os alunos, seus enunciatários, a importância da informação.

Os exemplos a seguir também ocorrem na microestrutura textual:

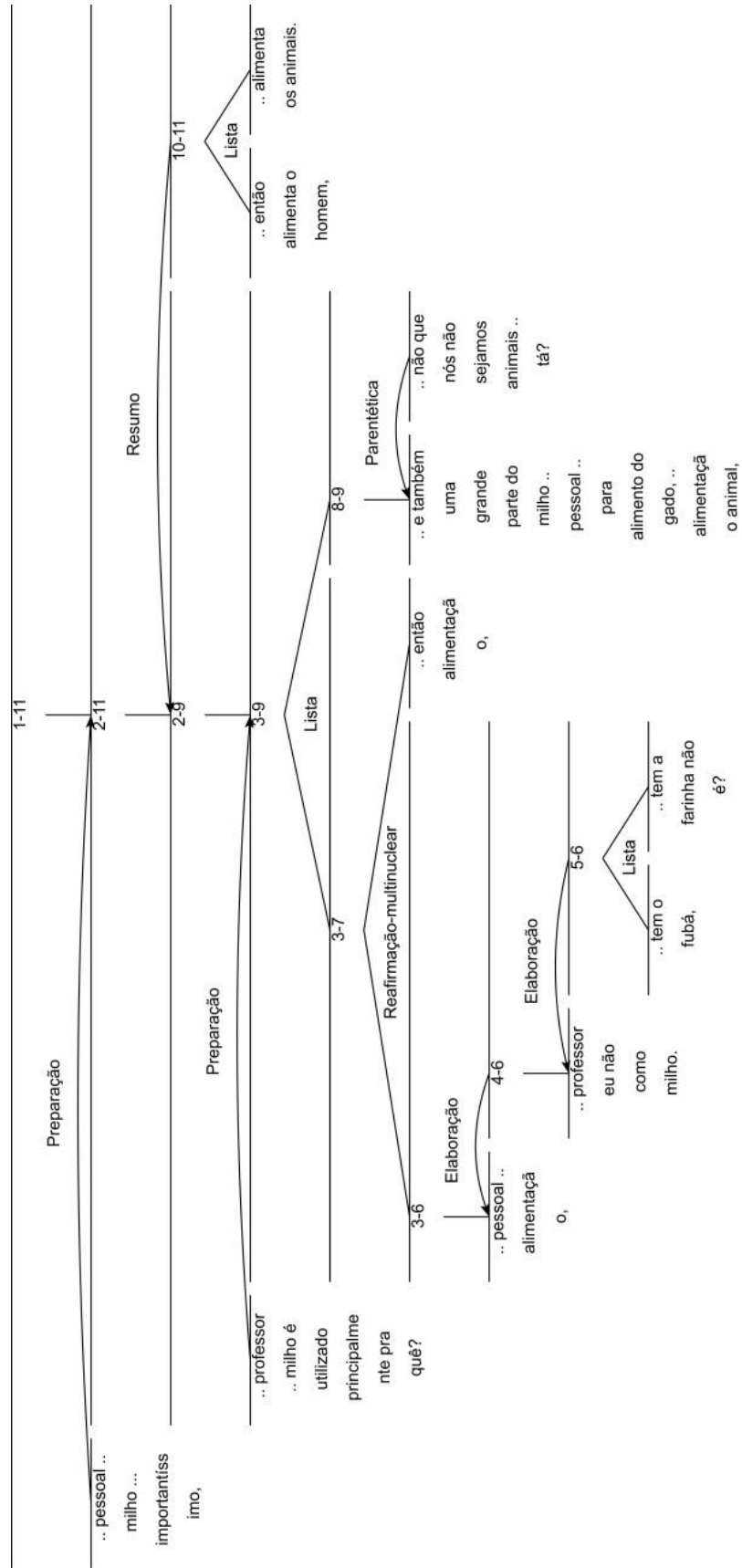


Figura 3.41: diagrama com relação de resumo na microestrutura

No exemplo da figura 3.41, a relação de resumo é expressa por meio de reformulação abreviada das informações apresentadas previamente, sugerindo, mais uma vez, que a intenção do professor é reafirmar as informações que julga importantes para que os alunos também a compreendam como tal. A forma mais curta utilizada na relação de resumo auxilia na memorização e na compreensão da informação.

Em relação à macroestrutura, o *corpus* apresentou um total de 35 ocorrências da relação retórica de resumo. Nesse nível, pode-se constatar que a relação atua no fechamento de tópicos discursivos, destacando a informação mais importante da porção. Os exemplos explicam esse fenômeno.

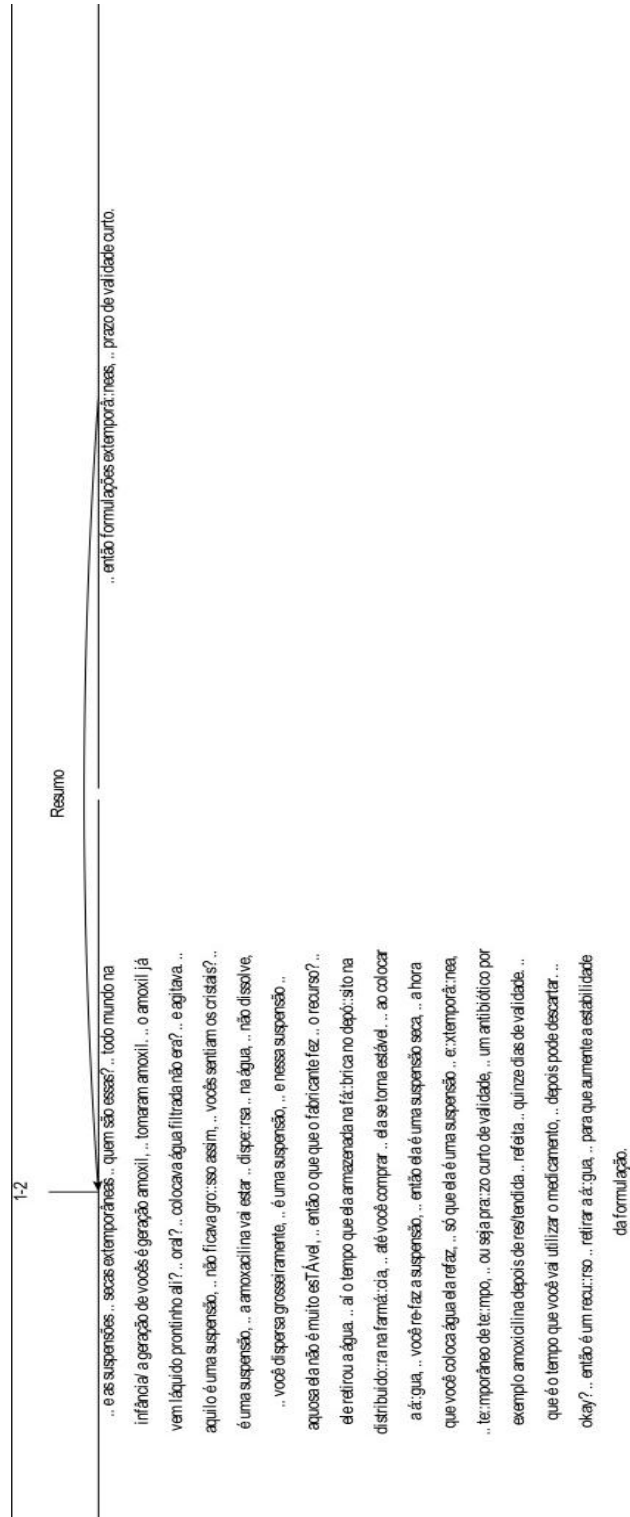


Figura 3.42: diagrama da relação de resumo

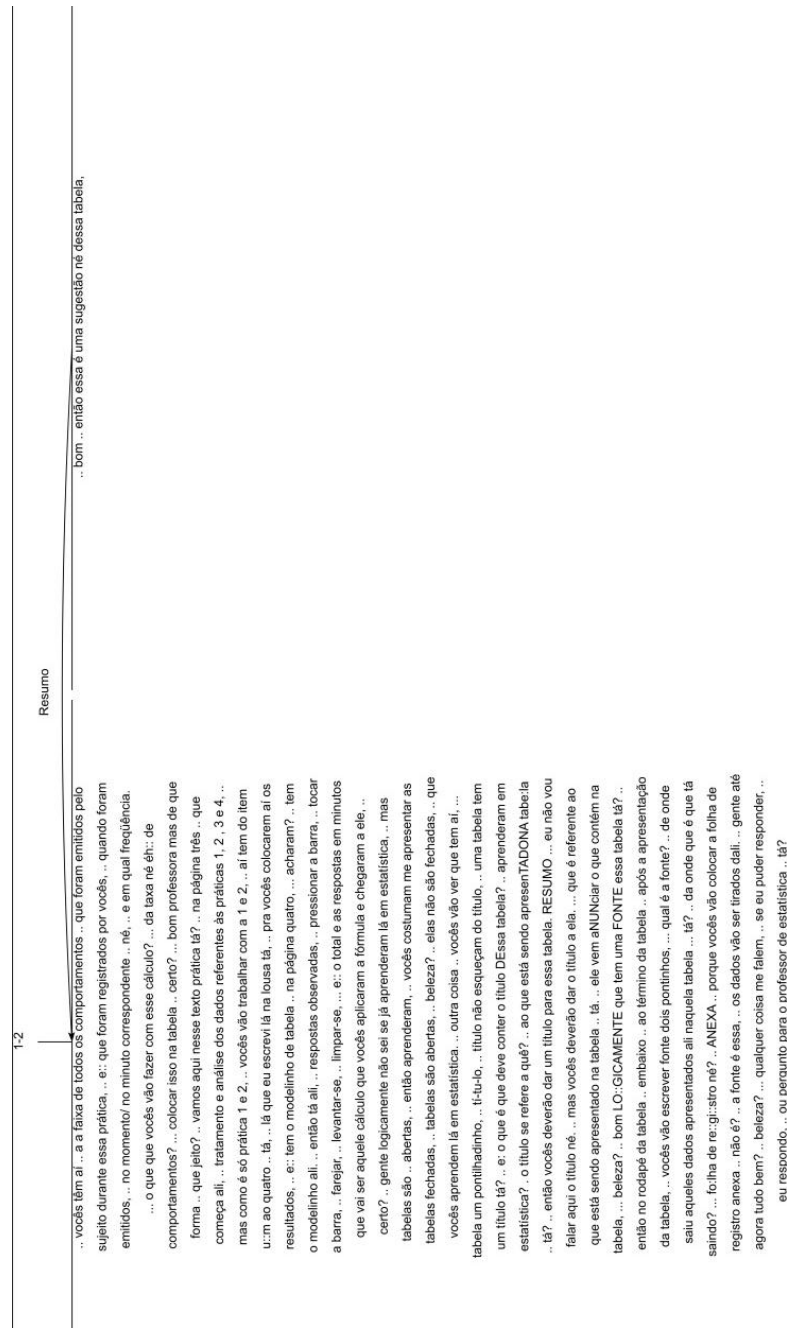


Figura 3.43: diagrama com relação de resumo na macroestrutura – MD fecha tópico

A relação de resumo em ambos os exemplos é utilizada para fechar o tópico discursivo. As afirmações que constituem o satélite da relação destacam o que é mais importante para ser lembrado dentre todas as informações do tópico, além de preparar os alunos para o próximo tópico a ser apresentado na aula. Se observadas de forma global, as relações de resumo a cada aula fornecem um esquema dos assuntos tratados de forma

organizada. Essa organização é selecionada pelo professor, que deseja ressaltar as informações mais importantes da aula e levar os alunos a armazená-las na memória.

Em suma, pode-se afirmar, com base na análise das ocorrências encontradas no *corpus*, que a função primordial da relação de resumo que faz com que o falante decida utilizá-la é a de destacar a informação que o falante julga importante e deseja que os enunciatários memorizem, além de também compreenderem seu valor.

3.2.2.3 Relação de reformulação

A relação de reformulação diz respeito à apresentação, ou seja, à atuação sobre o destinatário.

| Nome da relação | Restrições sobre N e S separadamente | Restrições sobre o par N+S | Intenção do F |
|------------------------|---|---|---------------------------------|
| Reformulação | Nenhuma | em N + S: S reformula N, onde S e N possuem um peso semelhante; N é mais central para alcançar os objetivos de F do que S | D reconhece S como reformulação |

Quadro 3.13: definição da relação de reformulação (MANN; TABOADA, 2010)

Foram encontradas 7 ocorrências da relação de reformulação marcadas pelo MD *então* no *corpus*. Nessa relação, não há acréscimo de informações novas, apenas a reformulação da informação dada.

O satélite da relação apresenta uma reformulação da informação apresentada no núcleo, como se pode notar nos exemplos das figuras 3.44, 3.45 e 3.46, retirados do *corpus*.

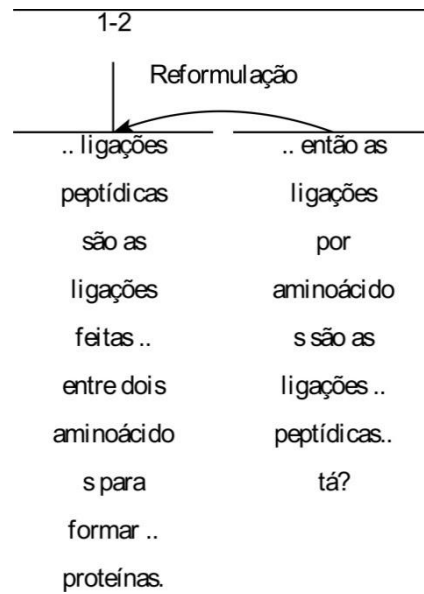


Figura 3.44: diagrama com relação de reformulação na microestrutura – MD introduz paráfrase



Figura 3.45: diagrama com relação de reformulação na microestrutura – MD introduz paráfrase

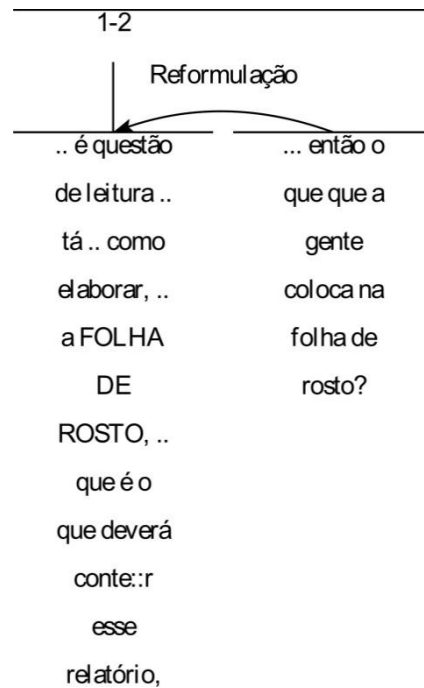


Figura 3.46: diagrama com relação de reformulação na microestrutura – MD introduz paráfrase

A relação de reformulação, como se pode notar nos exemplos, evidencia uma estratégia comum na fala: a paráfrase. Conforme Hilgert (2006), o parafraseamento é uma “estratégia de construção textual que se situa entre as atividades de reformulação, por meio das quais novos enunciados remetem, no curso da fala, a enunciados anteriores, modificando-os total ou parcialmente” (p. 275).

Por se tratar de uma relação de apresentação, há de se atentar para a intenção do falante em relação aos seus destinatários ao utilizar essa relação retórica. Hilgert (2006) ressalta que, por meio dessa estratégia, o falante retoma o que considera importante para a compreensão do seu discurso. O que se pode inferir é que, ao utilizá-la, o professor destaca a informação central, presente no núcleo, e, por meio da repetição dessa informação, busca a memorização por parte dos alunos. Em outras palavras, a relação de reformulação tem como função dar ênfase a determinadas informações, por se tratar de informações importantes sob o ponto de vista do professor, e auxiliar os alunos na sua compreensão.

3.2.2.4 Relação de reafirmação multinuclear

O quadro a seguir apresenta a definição da relação:

| Nome da relação | Restrições sobre cada par de N | Intenção do F |
|--------------------------|---|--|
| Reafirmação multinuclear | Um elemento constitui, em primeiro lugar, a repetição de outro, com o qual se encontra relacionado; os elementos são de importância semelhante aos objetivos de F | D reconhece a repetição através dos elementos relacionados |

Quadro 3.14: definição da relação de reafirmação multinuclear (MANN; TABOADA, 2010)

A relação retórica de reafirmação multinuclear é expressa pela repetição de um enunciado pelo outro, ambos com o mesmo valor em relação à intenção do falante. Diversos autores defendem que a repetição é uma estratégia útil e comum na fala. Para Marcuschi (2006), a repetição contribui para a organização discursiva e a monitoração da coerência textual. Castilho (1998) afirma que o falante escolhe utilizar essa estratégia por uma questão pragmática, considerando necessário retomar algo para ser entendido pelo outro. O exemplo a seguir apresenta o funcionamento do *então* na relação de reafirmação multinuclear.

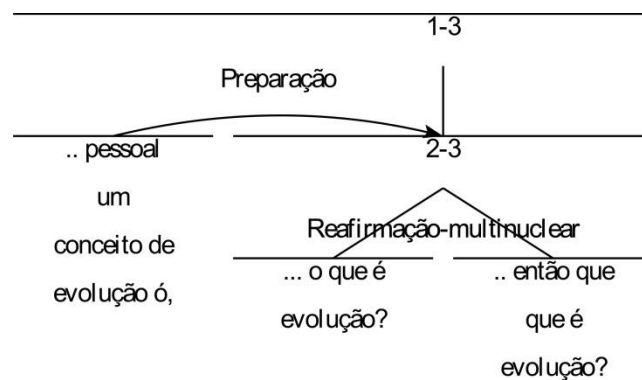


Figura 3.47: diagrama com relação de reafirmação-multinuclear na microestrutura – MD introduz repetição

Na relação de reafirmação multinuclear, o primeiro núcleo apresenta a informação nova e o segundo núcleo repete essa informação. Foram encontradas 27 ocorrências da relação de reafirmação multinuclear no *corpus* marcadas pelo MD *então*. O uso do MD é justificável pela sua característica retomadora (RISSO, 2006), válida ao estabelecer uma relação anafórica entre os termos relacionados, retomando o enunciado anterior para repeti-lo.

3.3 Considerações gerais acerca da atuação do MD *então* na estrutura retórica

Estabelecendo um paralelo entre as funções textual-interativas de *então*, descritas pelos estudos da Gramática Textual-Interatividades no capítulo III, e as relações retóricas marcadas pelo item, é possível fazer algumas inferências a respeito da atuação desse MD para o estabelecimento da estrutura retórica das elocuições formais analisadas.

O quadro a seguir apresenta a frequência de ocorrência de cada relação marcada pelo *então* encontrada no *corpus*.

| RELAÇÃO | N | % |
|-----------------------------|------------|--------------------|
| CONCLUSÃO | 62 | 17.46 |
| ELABORAÇÃO | 60 | 16.90 |
| RESUMO | 51 | 14.36 |
| INTERPRETAÇÃO | 45 | 12.67 |
| RESULTADO | 37 | 10.42 |
| REAFIRMAÇÃO MULTINUCLEAR | 27 | 7.60 |
| RETOMADA | 25 | 7.04 |
| PREPARAÇÃO | 16 | 4.50 |
| REFORMULAÇÃO | 7 | 1.97 |
| MOTIVAÇÃO | 7 | 1.97 |
| AVALIAÇÃO | 6 | 1.69 |
| SEQUÊNCIA | 5 | 1.40 |
| PARENTÉTICA | 3 | 0.84 |
| SOLUÇÃO | 3 | 0.84 |
| CONTRASTE | 1 | 0.28 |
| TOTAL DE OCORRÊNCIAS | 355 | 100 / 99.94 |

Quadro 3.15: frequência de ocorrência do MD *então* no *corpus*

O quadro lista as relações retóricas analisadas em ordem decrescente, da mais frequente para a menos frequente. Já o quadro seguinte apresenta a frequência de cada tipo de relação, com base na divisão feita na análise do *corpus*:

| TIPO DE RELAÇÃO | N | % |
|------------------------|----------|----------|
| CONTEÚDO | 213 | 60 |
| APRESENTAÇÃO | 81 | 22.82 |
| MULTINUCLEAR | 33 | 9.29 |
| ESTRUTURAL | 28 | 7.89 |

Quadro 3.16: frequência dos tipos de relações retóricas encontradas no *corpus*

Foram encontradas, em todo o *corpus*, 16 ocorrências do MD *então* precedido de outros MDs. Sete ocorrências apresentam a expressão *tá então*, duas na relação de elaboração, duas na relação de conclusão e uma nas relações de reafirmação, avaliação e resumo. Também foram encontradas nove ocorrências de *bom então*, três na relação de elaboração, três na relação de retomada e uma nas relações de reafirmação, preparação e resumo.

A frequência mais alta das relações de conteúdo revela a preferência do falante pelo MD *então* para organizar o conteúdo informacional do texto. Esses dados também corroboram os traços definidos por Risso (2006), que caracteriza o item como um marcador basicamente sequenciador. Já a ocorrência de tipos variados de relações retóricas de apresentação, multinucleares e estruturais marcadas pelo MD comprova a multifuncionalidade do item, que pode atuar em diferentes níveis do texto.

Neste capítulo foram analisadas as ocorrências do MD *então* em cinco elocuições formais com o objetivo de identificar as relações retóricas sinalizadas por ele. Também foram discutidas as formas de atuação do item em cada tipo de relação encontrada no *corpus*. As análises foram apresentadas conforme a divisão feita durante a pesquisa, seguindo parâmetros específicos delimitados na seção de procedimentos metodológicos do trabalho.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar, à luz da RST e com base nos pressupostos da Gramática Textual-Interativa, a atuação do MD *então* no estabelecimento de relações retóricas em elocuições formais. O *corpus* escolhido para esta análise é composto por cinco aulas pertencentes ao banco de dados do Funcpar (Grupo de Pesquisas Funcionalista do Norte/Noroeste do Paraná).

Observando as ocorrências do MD com base nos parâmetros de análise estabelecidos, constatou-se que, ao relacionar unidades mais importantes do tópico discursivo, o *então* pode atuar em diferentes níveis. No nível ideacional, o MD relaciona eventos e estados de coisas, marcando relações de elaboração, resultado e contraste. No nível das proposições, o item marca as relações de conclusão, interpretação e avaliação, nas quais se pode notar a intenção do falante em levar o destinatário a compreender sua inferência tendo como base as informações partilhadas por ambos no processo comunicativo. No nível da ação, o MD marca relações de preparação e motivação, revelando a intenção do falante de explicar a motivação para o ato-de-fala produzido. Já no nível da estrutura de participação, marcando a retomada de tópico, o *então* sinaliza as relações de retomada e parentética.

Ao estabelecer sucessão de ideias e ações, constatou-se que o MD pode ligar episódios que se sucedem no tempo real, marcando a relação de sequência, ou estabelecer a sucessão de ações, ligando atos-de-fala e sinalizando as relações de solução, resumo, reformulação e reafirmação multinuclear.

Ainda em relação ao comportamento do MD no *corpus* analisado, uma importante regularidade observada é a frequência de ocorrência do item na marcação de relações retóricas de conteúdo, relações que atuam sobre a organização das informações do discurso. As relações de conteúdo representam 60% das relações encontradas no *corpus*. Essa constatação corrobora a prototipicidade do item no estabelecimento de relações sequenciais no nível informacional do texto apontada pelos estudos realizados sob a perspectiva textual-interativa.

Também se constatou que o item, embora basicamente sequenciador (RISSO, 2006), pode também atuar no nível pragmático do discurso, estabelecendo relações de apresentação. As relações de preparação e motivação são exemplos mais claros da atuação do item no processo interativo, pois são relações que revelam claramente a intenção do falante em agir sobre o destinatário. Nas perguntas retóricas encontradas no *corpus*, pode-se observar que a relação de preparação é a forma que o professor utiliza para chamar a atenção dos alunos para

a informação a ser apresentada posteriormente. Já na relação de motivação, é clara a intenção do professor de incentivar o aluno a realizar alguma tarefa.

Por meio da relação de solução, verificou-se que o *então* também pode atuar na dinâmica de turnos, marcando a retomada da posse de turno em diálogos e, como é o caso das ocorrências encontradas no *corpus*, em perguntas e respostas.

Também foi possível constatar que o *então* pode atuar sobre a organização estrutural das informações do texto, marcando relações necessárias à organização da estrutura retórica, como a relação de retomada e a relação parentética, fato que contribui para a caracterização multifuncional do item em análise.

Observou-se ainda que o elemento *então* tem a capacidade de atuar em níveis diferentes da estrutura retórica, estabelecendo relações entre as partes do texto tanto na micro quanto na macroestrutura textuais, articulando desde orações até segmentos tópicos inteiros, nos planos intratópico e intertópico. Tem-se como exemplo dessa mobilidade conferida ao item a forma de atuação do MD na relação de preparação. Na microestrutura, o *então* é encontrado introduzindo perguntas retóricas que visam chamar a atenção do aluno para a afirmação feita em seguida pelo professor e, na macroestrutura, introduz afirmações que antecipam o conteúdo a ser apresentado no tópico que se inicia.

A presente pesquisa pôde ressaltar a amplitude das funções do MD *então* no estabelecimento de diferentes relações retóricas, em diferentes níveis semânticos e organizacionais. Dessa forma, espera-se que este trabalho possa suscitar outras pesquisas dessa mesma natureza como, por exemplo, analisar o MD *então* na modalidade escrita para se verificar se as relações retóricas estabelecidas são as mesmas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTONIO, J. D. O texto como objeto de estudo na Linguística Funcional. In: ANTONIO, J. D.; NAVARRO, P. (Orgs.). *O texto como objeto de ensino, de descrição linguística e de análise textual e discursiva*. Maringá: Eduem, p. 61-80, 2009.
- ANTONIO, J. D.; TAKAHASHI-BARBOSA, C. Relações retóricas estabelecidas por perguntas e respostas em elocuições formais. *Todas as letras* 14(2), p. 186-197, 2012.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.
- BRAIT, B. Elocução Formal: o dinamismo da oralidade e as formulações da escrita. In: PRETI, D. (org.). *Estudos de língua falada, variações e confrontos*. 2 ed. São Paulo: Humanitas, 1999.
- BUTLER, C. S. *Structure and Function: A Guide to Three Major Structural-Functional Theories*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 2003.
- BUTLER, C. Functional approaches to language. In: BUTLER, C.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M.L.A. and DOVAL-SUÁREZ, S.M. (eds) *The Dynamics of Language Use: Functional and Contrastive Perspectives*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, p. 3-17, 2005.
- CARLSON, L.; MARCU, D. *Discourse Tagging Reference Manual*. Disponível em: <ftp://128.9.176.20/isi-pubs/tr-545.pdf>. Acesso em: 12 de junho de 2012.
- CASTILHO, A. T. *A Língua Falada no Ensino de Português*. São Paulo, Ed. Linguística Contexto. 1998
- CHAFE, W. Cognitive Constraints on Information Flow. In: TOMLIN, R. *Coherence and Grounding in Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, p. 21-51, 1987.
- CHIARELLI, G. *A gramaticalização de então no português paulista: um estudo panorâmico*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. 2011.
- CUNHA, A. F. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.
- DIK, C. S. *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht-Holland/Providence RIEUA: Foris Publications, 1989.
- FOLEY, W. A.; VAN VALIN Jr., R. (1984). *Functional Syntax and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press. In: VAN VALIN, R.D., JR. *Functional linguistics*. In: ARONOFF, M.; REES-MILLER, J. (eds.) *The handbook of linguistics*. Malden: Blackwell Publishers, p.250-263, 2002.
- FRASER, B. What are discourse markers? *Journal of Pragmatics* 31, p. 931-952, 1999.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2 ed. London: Arnold, [1985] 1994.

HILGERT, J. G. Parafraseamento. IN: JUBRAN, C. C. A.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 275-299, 2006.

JUBRAN, C. C. A. S. A perspectiva textual-interativa. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Vol. I. Campinas: Editora da Unicamp, 2006a.

JUBRAN, C. C. A. S. Revisitando a noção de tópico discursivo. *Cad. Est. Ling.*, Campinas, 48(1):33-41, 2006b.

JUBRAN, C. C. A. S. O metadiscorso entre parentheses. In: *ESTUDOS LINGUÍSTICOS*, São Paulo, 38 (3): 293-303, set.-dez. 2009.

JUBRAN, C. C. A. S. Para uma descrição textual-interativa da parentetização. In: KATO, M. (org). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP, v. V, p. 339-354, 1996.

JUBRAN, C. C. A. S. *et al.* Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado*. V. 2. Campinas/SP: UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1992.

KOCH, I. G. V. Especificidade do texto falado. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Vol. I. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

LONGMAN Dicionário escolar inglês-português / português-inglês. Harlow, 2004.

MANN, W. C.; MATTHIESSEN, C. M. I. M.; THOMPSON, S. A. Rhetorical Structure Theory and text analysis. In: MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. (eds.) *Discourse description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, p. 39-77, 1992.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. *Relational propositions in Discourse*. ISI/RR-83-115, 1983.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. *Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization*. Text 8(3): 243-281, 1988.

MANN, W.C.; TABOADA, M. *RST Web Site*. 2010. Disponível em <<http://http://www.sfu.ca/rst/01intro/definitions.html>>. Acesso em 14/08/2011.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. 5 ed. São Paulo: Ática, 2003.

MARCUSCHI, L. A. Repetição. In: JUBRAN, C. C. A. Spinardi; KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). *Gramática do português falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, v.1. p. 219 – 254, 2006.

MARTELOTTA, M. E. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, M. E. (org). *Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTELOTTA, M. E.; SILVA, L. R. Gramaticalização de então. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (org). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MATHIESSEN, C.; HALLIDAY, M A, K. *Systemic Functional Grammar: A First Step into the Theory*. 1997. Disponível em: http://minerva.ling.mq.edu.au/resource/VirtualLibrary/Publications/sfg_firststep/SFG%20intro%20New.html. Acesso em: 10 de maio de 2012.

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. The structure of discourse and subordination. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (eds.) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, p. 275-329, 1988.

NEVES, M. H. de M.. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1997.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NOGUEIRA, M. T.; LEITÃO, J. R. A oração substantiva apositiva: aspectos textual-discursivos. *Rev. Est. Ling.*, Juiz de Fora, v.8, n.1 e n.2, p.137-151, jan./dez. 2004.

PANTE, M. R.; HINTZE, A. C. J. O uso do “então” em textos dos autos de Gil Vicente e Ariano Suassuna. In: ANTONIO, J. D. (org.). *Estudos descritivos do português: história, uso, variação*. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

PARDO, T.A.S.. *Métodos para Análise Discursiva Automática*. Tese (Doutorado). Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação, Universidade de São Paulo. São Carlos-SP, 2005.

PAVEAU, A. M.; SARFATI, E. *As grandes teorias da Lingüística: da gramática comparada à pragmática*. Trad. Editora Claraluz. SP: Claraluz, 2006.

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em lingüística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, v.3, p. 165-218, 2004.

PRETI, D.(org.) *Análise de Textos Oraís*. S. Paulo: FFLCH / USP, 1993.

RISSO, M. S. Marcadores discursivos basicamente seqüenciadores. In: JUBRAN, C.; KOCH, I. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, p. 427-496, 2006.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C.; KOCH, I. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, p. 403-425, 2006.

RISSO, M. S. O articulador discursivo “então”. *Gramática do português falado*. v. IV. São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.

SAPATA, A. C. *O Articulador discursivo então e suas várias funções no português escrito do Brasil*. Dissertação (Mestrado) Campinas, SP, 2005.

SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

SILVA, M. C. P. S.; CRESCITELLI, M. F. C. Interrupção. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Vol. I. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

TABOADA, M. Discourse markers as signals (or not) of rhetorical relations. *Journal of Pragmatics* 38, p. 567–592, 2006.

TABOADA, M. *Building Coherence and Cohesion: Task-Oriented Dialogue in English and Spanish*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004.

TABOADA, M. Implicit and Explicit Coherence Relations. In J. Renkema (ed.). *Discourse, of Course*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2009.

VAN DIJK, T. A. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 2004.

VAN VALIN, R.D., JR. Functional linguistics. In: ARONOFF, M.; REES-MILLER, J. (eds.) *The handbook of linguistics*. Malden: Blackwell Publishers, p.250-263, 2002.

ANEXO A
NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

| | |
|----------------|---|
| # | incompreensão de palavras ou segmentos |
| (hipótese) | hipótese do que se ouviu |
| / | truncamento |
| MAIÚSCULAS | entonação enfática |
| :: | prolongamento de consoante ou vogal |
| - | silabação |
| ? | interrogação |
| . | entonação descendente (indicando final de frase) |
| , | entonação ascendente ou estável (indicando continuação) |
| .. | pausa com retomada instantânea do fluxo da fala |
| | pausa (quanto maior o número de pontos, mais longa a pausa) |
| “citações” | citações literais |
| <i>Itálico</i> | pronúncia muito rápida das palavras |